

ANAIS
do

I CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

XII REUNIÃO CIENTÍFICA

**A Especificidade da Educação Física:
Olhares sobre suas possibilidades**



UNESP BAURU

17 a 21 setembro de 2007

I CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA
XII REUNIÃO CIENTÍFICA

**“A ESPECIFICIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA: OLHARES SOBRE SUAS
POSSIBILIDADES”**

17 a 21 de setembro de 2007

Comissão Organizadora

Beatriz Souza Pereira	Fernanda Marques Kuriki
Bruna Eliza Paiva	Flávia Carneiro Franco
Prof. Dra. Dagmar Hunger	Leandro Del G. Macagnan
Daniella Camilla Cordão	Prof. Dra. Lilian Aparecida Ferreira
Douglas dos Santos P. Valadares	Luana Farias de Oliveira
	Lucas Torres Basque

Colaboração

Andréia de Carvalho Lopes	Glauco Anelli	Manuela P. de Sousa
Anna Vanessa Curcio	Iani Fassa dos Santos	Marcelo Makoto Tanaka
Arthur Bertaglia de Souza	Janaína Lopes de Arruda	Natalia Silva Siqueira
Daiane Pessoa Berto	Jéssica dos Santos	Nicole Chiba Galvão
Fernanda Bianchini	Luana Urbano Pagan	Rodrigo Villela A de Lima
Gislaine Encarnação	Luiza Viola Romani	Thiago F. da Silva Zani

Comissão de Lazer

Daiane Pescara	Manaíra Gonçalves
Flora de Lima Monteiro	Profa. Dra. Luciene Ferreira da Silva
Guilherme Mori	

Realização**Apoio****DEPARTAMENTO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA****SESCSP
B A U R U****Apresentação**

Reuniões Científicas no campo da Educação Física vem sendo realizadas há 12 anos, na UNESP de Bauru, caracterizadas por apresentações de palestras, mesas redondas, mini-cursos, trabalhos de alunos e vivências culturais. Congregam-se pesquisadores e especialistas, oportunizando aos participantes contatos com os mais qualificados profissionais desta área de conhecimento. Salienta-se que anualmente são reunidos profissionais e pesquisadores de diversos pontos do Estado de São Paulo e outros Estados, como: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. No presente ano contamos com a participação de um palestrante internacional, o Professor Doutor Manuel Sérgio Vieira e Cunha, da Universidade Técnica de Lisboa. O I Congresso de Educação Física (UNESP-Bauru), como todo congresso realizado no Brasil ou exterior, traz

consigo uma trajetória. O evento originou-se da necessidade de complementar e discutir os conteúdos da graduação, dando-lhes a profundidade necessária. Iniciou-se com um ciclo de palestras e com o passar das edições o evento foi se aperfeiçoando, sempre em busca do nível de excelência que a Educação Física necessita e merece. Um sério problema conceitual constatado em inúmeras discussões e que, ainda, permeia o contexto acadêmico da Educação Física é a chamada dicotomia “teoria e prática”. Sentindo a necessidade de aprofundar tal discussão e na busca por compreensões filosóficas e definições científicas, para o presente ano definiu-se a temática “Educação Física e sua especificidade: Olhares sobre suas possibilidades”, convidando-se profissionais e pesquisadores dos sub-campos escolar; ciências humanas; treinamento desportivo e saúde para discutir, problematizar e transmitir as mais distintas posições referentes ao tema, importantes bases fundamentais de nossa área de conhecimento. A continuidade do evento significa aprimoramento acadêmico dos graduandos, bem como, profissional daqueles que já atuam no campo da Educação Física. Com um "tempero diferenciado", a comissão organizadora conta com uma participação efetiva dos graduandos de Educação Física da UNESP-Bauru, auxiliados pela chefia departamental e coordenação de curso.

Objetivo

Congregar pesquisadores da área de Educação Física para aprimorar os conhecimentos acadêmicos, científicos e profissionais e, conseqüentemente, a atuação profissional nos sub-campos escolar, ciências humanas, treinamento desportivo e saúde.

Público alvo

O público alvo do evento é caracterizado por docentes, discentes, profissionais da área de educação física, educação, esporte, saúde e interessados no tema.

PROGRAMAÇÃO

17/09/2007 – Segunda-feira

<p>17h00 as 18h00 LOCAL: Sala 1 (UNESP)</p>	<p>Credenciamento e Entrega de Materiais</p>
<p>19h00 as 19h30 LOCAL: Sala 1 (UNESP)</p>	<p>Abertura do I Congresso Nacional de Educação Física/ XII Reunião Científica – UNESP-Bauru, com presença do diretor da Faculdade de Ciências Prof.Dr. Henrique Luiz Monteiro, da chefe do departamento de Educação Física Profa. Dra. Dagmar Hunger, coordenadora do curso Profa. Dra. Lílian Aparecida Ferreira, e representante da comissão organizadora.</p>
<p>19h30 as 21h00 LOCAL: Sala 1 (UNESP)</p>	<p>Palestra de Abertura: “A Educação Física e sua especificidade: olhares sobre suas possibilidades” Palestrante: Prof. Dr. Manuel Sérgio Vieira e Cunha (Universidade Técnica de Lisboa) Coordenador(a): Prof. Dr. Marcelo Carbone Carneiro (UNESP/Bauru)</p>
<p>21h00 LOCAL: FUNDEB (UNESP)</p>	<p>Coquetel de abertura</p>

18/09/2007 – Terça-Feira

<p>09h00 as 11h30 LOCAL: Sala 1 (UNESP)</p>	<p>Mesa-redonda de Escolar: “O jogo e suas implicações na Educação” Palestrantes: Prof. Ms. Adriano Celante (UNIANCHIETA; ESEF-JUNDIAÍ; METROCAMP) Prof.Dr. João Batista Freire (UNICAMP) Coordenador(a): Profa. Dra. Luciene Ferreira da Silva (UNESP/Bauru) Mediador(a): Profa. Dra. Lílian Aparecida Ferreira (UNESP/Bauru)</p>
<p>14h00 as 18h00 LOCAL: Auditório (SESC)</p>	<p>Mini-curso 01: “Aprendizagem motora para a terceira idade” Palestrante: Profa. Dra. Suely Santos (USP) Coordenador (a): Prof. Dr. Sérgio Tosi Rodrigues (UNESP/Bauru)</p>
<p>14h00 as 18h00 LOCAL: Ginásio de Eventos (SESC)</p>	<p>Mini-curso 02: “Preparação física nos esportes” Palestrante: Dr. Pedro Balikian Junior (UNESP/Presidente Prudente) Coordenador (a): Profa Dra Sandra Lia do Amaral (UNESP/Bauru)</p>
<p>18h00 as 19h00 LOCAL: Ginásio de Eventos (SESC)</p>	<p>Apresentação dos Pôsteres Área: Treinamento / Saúde</p>
<p>19h00 as 21h00 LOCAL: Ginásio de Eventos (SESC)</p>	<p>Mesa Redonda: “Treinamento do Basquete de Alto Rendimento” Palestrantes: Antônio Carlos Barbosa (Treinador da Seleção Feminina de Basquete) Prof. Dr. José Carlos de Almeida Moreno (Fafibe) Coordenador (a): Prof. Dr. Júlio Wilson dos Santos (UNESP/Bauru) Mediador (a): Profa. Dra. Dagmar Hunger (UNESP/Bauru)</p>

19/09/2007 – Quarta – feira

<p>09h00 as 11h30 LOCAL: UNESP</p>	<p>Apresentação de Trabalhos orais Sala 10: Área Escolar e Ciências Humanas Coordenador (a): Profa. Dra. Marli Nabeiro (UNESP/Bauru)</p> <p>Sala 1: Área Treinamento e Saúde Coordenador (a): Prof. Ms.Flávio de Oliveira (UNESP/Bauru)</p>
<p>14h00 as 18h00 LOCAL: Auditório (SESC)</p>	<p>Mini-curso 01: “Aprendizagem motora para a terceira idade” Palestrante: Profa. Dra. Suely Santos (USP) Coordenador (a): Prof. Dr. Sérgio Tosi Rodrigues (UNESP/Bauru)</p>
<p>14h00 as 18h00 LOCAL: Ginásio de Eventos (SESC)</p>	<p>Mini-curso 02: “Preparação física nos esportes” Palestrante: Dr. Pedro Balikian Junior (UNESP/Presidente Prudente) Coordenador (a): Profa. Dra. Sandra Lia do Amaral (UNESP/Bauru)</p>
<p>19h00 as 21h00 LOCAL: Ginásio de Eventos (SESC)</p>	<p>Palestra de Educação Física Adaptada: <i>"Natação adaptada, natação para pessoa com deficiência ou, simplesmente, natação?"</i></p> <p>Palestrante: Profa. Dra. Mey de Abreu Van Munster (UFSCar)</p> <p>Coordenador(a): Profa. Dra. Marli Nabeiro (UNESP/Bauru)</p>

20/09/2007 – Quinta – feira

<p>09h00 as 11h30 LOCAL: Sala 1 (UNESP)</p>	<p>Mesa-redonda: “O papel do profissional de Educação Física no combate a obesidade e síndrome metabólica” Palestrantes: Prof.Dr. Cláudio Teodoro de Souza (UNICAMP) Prof.Dr. Ismael Forte Freitas (UNESP/Presidente Prudente) Coordenador (a): Prof. Dr. Paula Polastri (UNESP/Bauru) Mediador (a): Prof. Dr. Cassiano Merussi Neiva (UNESP/Bauru)</p>
<p>14h00 as 18h00 LOCAL: Sala 1 (UNESP)</p>	<p>Mini-curso 03: “Pedagogia das atividades circenses” Palestrante: Prof.Dr. Marco Bortoleto (UNICAMP) Coordenador (a): Profa. Ms. Cleusa Medina (UNESP/Bauru)</p>
<p>14h00 as 18h00 LOCAL: Ginásio de Eventos (SESC)</p>	<p>Mini-curso 04: “A Epidemiologia das doenças crônicas no Brasil e no mundo: Qual o papel da atividade física?”. Palestrante: Prof. Ms. Mathias Roberto Loch (UEL) Coordenador (a): Prof Dr. Júlio Wilson dos Santos (UNESP/Bauru)</p>
<p>18h00 as 19h00 LOCAL: Ginásio de Eventos (SESC)</p>	<p>Apresentação dos Pôsteres Área: Ed.Física Escolar / Ciências Humanas</p>
<p>19h00 as 21h010 LOCAL: Ginásio de Eventos (SESC)</p>	<p>Mesa Redonda: “Sonhos e Desafios de Identidade da Educação Física a partir das Ciências Humanas” Palestrantes: Prof.Dr. Silvino Santin (aposentado pela UFSM) Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho (UFRGS) Coordenador (a): Profa. Dra. Dagmar Hunger (UNESP/Bauru) Mediador (a): Prof. Dr. Marcelo Carbone Carneiro (UNESP/Bauru)</p>

21/09/2007 – Sexta-feira

<p>09h00 as 11h30 LOCAL: Sala 1 (UNESP)</p>	<p>Palestra: “Como evitar o overtraining em seu aluno” Palestrante: Prof. Dr. Valmor Tricoli (USP) Coordenador (a): Prof. Ms. Dalton Müller (UNESP/Bauru)</p>
<p>14h00 as 18h00 LOCAL: Ginásio de Eventos (SESC)</p>	<p>Mini-curso 03: “Pedagogia das atividades circenses” Palestrante: Prof.Dr. Marco Bortoleto (UNICAMP) Coordenador (a): Profa. Ms. Cleusa Medina (UNESP/Bauru)</p>
<p>14h00 as 18h00 LOCAL: Auditório (SESC)</p>	<p>Mini-curso 04: “A Epidemiologia das doenças crônicas no Brasil e no mundo: Qual o papel da atividade física?” Palestrante: Prof. .Ms. Mathias Roberto Loch (UEL) Coordenador (a): Prof. Dr. Júlio Wilson dos Santos (UNESP/Bauru)</p>
<p>19h00 as 21h00 LOCAL: Ginásio de Eventos (SESC)</p>	<p>Mesa-redonda: "CREF/CONFEEF: implicações constitucionais no cenário atual" Palestrantes: Prof. Dr. João Batista A.G. Tojal (UNICAMP) Prof. Dr. José Maria de Camargo Barros (representante do CREF) Coordenador (a): Profa Dra Dagmar Hunger (UNESP/Bauru) Mediador (a): Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Júnior (UNESP/Bauru)</p>
<p>21h15 LOCAL: Ginásio de Eventos (SESC)</p>	<p>Mostra Cultural</p>

SUMÁRIO**PALESTRAS E MESAS-REDONDAS****PALESTRA DE ABERTURA**

Prof. Manuel Sérgio Vieira e Cunha (Universidade Técnica de Lisboa).....17

MESA-REDONDA – “O JOGO E SUAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO”

Prof. Ms. Adriano Rogério Celante (UNIANCHIETA; ESEF-JUNDIAÍ; METROCAMP) / Prof. Dr. João Batista Freire (UDESC).....20

MINI-CURSO 1 – “APRENDIZAGEM MOTORA PARA A TERCEIRA IDADE”

Profa. Dra. Suely Santos (USP).....28

MINI-CURSO 2 – “PREPARAÇÃO FÍSICA NOS ESPORTES”

Prof. Dr. Pedro Balikian Júnior (UNESP / Presidente Prudente).....29

MESA-REDONDA – “TREINAMENTO DO BASQUETE DE ALTO RENDIMENTO”

Prof. Dr. José Carlos de Almeida Moreno (Faculdades Integradas Fafibe / Bebedouro).....30

PALESTRA – “NATAÇÃO ADAPTADA, NATAÇÃO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS OU, SIMPLEMENTE, NATAÇÃO?”

Profa. Dra. Mey de Abreu van Munster (DEFMH/UFSCar) / Cláudia Foganholi Alves (SMEL/PMSC).....33

MESA-REDONDA – “O PAPEL DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO COMBATE À OBESIDADE E SÍNDROME METABÓLICA”

Prof. Dr. Cláudio Teodoro de Souza (UNICAMP) / Prof. Dr. Ismael Forte Freitas (UNESP / Presidente Prudente).....34

MINI-CURSO 3 – “PEDAGOGIA DAS ATIVIDADES CIRCENSES”

Prof. Dr. Marco Antônio Coelho Bortoleto (FEF – UNICAMP – CIRCUS).....42

MINI-CURSO 4 – “A EPIDEMIOLOGIA DAS DOENÇAS CRÔNICAS NO BRASIL E NO MUNDO: QUAL O PAPEL DA ATIVIDADE FÍSICA?”

Prof. Dr. Mathias Roberto Loch (Departamento de Educação Física - UEL).....43

MESA-REDONDA – “SONHOS E DESAFIOS DE IDENTIDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DAS CIÊNCIAS HUMANAS”

Prof. Dr. Silvino Santin (UFSM) / Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho (UFRGS).....45

PALESTRA – “COMO EVITAR O OVERTRAINING EM SEU ALUNO”

Prof. Dr. Valmor Tricoli (Escola de Educação Física e Esporte – USP).....47

MESA-REDONDA – “CREF/CONFED: IMPLICAÇÕES CONSTITUCIONAIS NO CENÁRIO ATUAL”

Prof. Dr. João Batista A.G. Tojal (Vice-Presidente do CONFED / Presidente da Comissão de Ética do CONFED) / Prof. Dr. José Maria de Camargo Barros (Representante do CREF)...50

**SUMÁRIO
TRABALHOS**

ÁREA: TREINAMENTO E SAÚDE

Características antropométricas e potência aeróbia de jogadoras de futebol no período competitivo

Agnes Jacqueline Barbui; Rita de Cássia Medeiros Meirelles; Alexandre Ramello.....52

Voleibol: Técnicas e táticas

Alexandre Kolbe, Milton Vieira do Prado Junior.....53

O trabalho da natação com portadores de deficiência visual

Ana Carolina Raymundo Iglésias, Ana Paula Oliveira, Reginaldo Cardoso, Mariângela de Oliveira Zanin.....54

Avaliação da fidedignidade dos aparelhos automáticos para aferição da pressão arterial em pacientes hipertensos

Camila André Pereira, Guilherme Borges Farçoni, Henrique Luiz Monteiro, Sandra Lia do Amaral.....55

Efeito agudo da força isométrica máxima sobre salto horizontal: estudo realizado em atletas universitários

Carlos Alberto Gomes Barbosa, Henrique Luiz Monteiro, Ivan da Cruz Piçarro.....56

Comparação dos parâmetros cardiovasculares de repouso de jogadores de futebol profissionais em diferentes altitudes

Carlos Rogério Thiengo.....57

O efeito do envelhecimento sobre a flexibilidade e resistência muscular em mulheres

Cássio Joaquim Gomes, Fábio Luiz Cheche Pina.....58

Musculação e o aumento de inscitos em academia com sobrepeso e obesidade

Daniella Camilla Cordão; Milton Vieira do Prado Júnior.....	59
Principais motivos que levam as pessoas praticarem atividade física em uma academia de ginástica localizada na cidade de Bauru-SP.	
José Rodrigo Guitti de Almeida; Daniella Camilla Cordão.....	60
Impacto dos exercícios com pesos nos índices antropométricos de gordura corporal	
Débora Navarro Rocha, Dartagnan Pinto Guedes.....	61
Avaliação da composição corporal e o nível de atividade física de estudantes de uma escola pública do interior paulista	
Emerson Fabiano Silva; Fernando de Paula Freitas.....	62
Residência Multiprofissional em Saúde (RMS): uma possibilidade de atuação da Educação Física	
Gabriela dos Santos.....	63
Modelos de vídeo e movimento biológico na aprendizagem da parada de mãos: análise técnica especializada da performance	
Juliana Gomes Jardim, Vânia Maria Castello, Sérgio Tosi Rodrigues.....	64
Lesões no Handebol	
Juliana Roncada; Vânia Castello; Profa. Dra. Lílian Aparecida Ferreira.....	65
Karatê: saúde e auto-conhecimento	
Keli Aparecida Frontarolli, Natália Silva Siqueira, Sérgio Tosi Rodrigues.....	66
O Ensino da Nataação adaptado às características da Pessoa com Deficiência (PCD)	
Luciana Gonçalves Casemiro; Daniella Camilla Cordão; Priscila Julia Garavello; Daiane Pescara, Milton Vieira do Prado Jr.....	67
O Atendimento como forma de aderência do público idoso à prática de atividade física em uma sala de musculação	
Luciana Helena Martins Ribeiro.....	68
Análise da influência da prescrição individualizada sobre a eficiência da prática da caminhada em adultos	
Marcelo Porto, Camila Tavanti, Danilo César Machado, José Antonio Zanqueta Júnior, Julio Augusto Gonçalves, Ligia Quinalha Benites, Luciana Aparecida Penão, Nathalia Thaize Tulio, Paulo Eduardo Ravazzi, Vânia Donizete Câmara, Walmir Borin.....	69
Informação visual e controle postural durante a execução do Ushiro-Gueri no Karatê: resultados preliminares	
Natália Silva Siqueira, Sérgio Tosi Rodrigues.....	70
Benefícios do Método Pilates para a Faixa etária de 25 a 50 anos	
Paula Zaniratto Giunta; Daiane Pescara; Milton Balesteiro Junior.....	71
Efeitos de um programa de exercícios como coadjuvantes ao tratamento da hipertensão arterial: relato de caso	
Rafael Martins Andrade, Henrique Luiz Monteiro, Sandra Lia do Amaral.....	72
Velocidade crítica como preditora da capacidade aeróbia em nadadores treinados	

Rafael Oliveira De Antonio; Milton Vieira do Prado Junior ; Marcelo Papoti ; Alessandro Moura Zagatto; Manoel Henrique Salgado.....73

Efeitos da velocidade e do tipo de trajetória na estratégia de freada

Renato Schiavon; Sérgio Tosi Rodrigues.....74

Determinação do limiar de fadiga eletromiográfico em contrações isométricas contínuas.

Runer Augusto Marson; Mauro Gonçalves.....75

Comparação dos métodos de observação através das variáveis mecânicas de nado

Tatiana Zuardi Ushinohama; Rafael Oliveira De Antonio; Milton Vieira do Prado Junior; Marcelo Papoti ; Alessandro Moura Zagatto; Manoel Henrique Salgado.....76

Deficientes visuais e videntes ultrapassando obstáculos: resultados preliminares

Valéria Duarte Garcia, Sérgio Tosi Rodrigues.....77

Aprendizagem observacional da parada de mãos: modelos de vídeo e movimento biológico

Vânia Maria Castello, Sérgio Tosi Rodrigues.....78

A informação de tempo para contato e aterrissagem do salto mortal: resultados preliminares

Yara Machado da Silva, Sérgio Tosi Rodrigues.....79

Projeto de ginástica laboral: trabalhando com o corpo

Fernanda Marques Kuriki, Andréia de Carvalho Lopes, Beatriz Souza Pereira, Flora de Lima Monteiro, Daniel Noronha, Marcelo Miranda Prado, Júlio Wilson dos Santos.....80

Área: Educação Física Escolar e Ciências Humanas

Os (des) caminhos da formação inicial e as influências nas ações pedagógicas do professor de Educação Física.

Amanda Luiza Aceituno da Costa; Ângela Pereira Teixeira Victória Palma.....81

A inclusão na aula de Educação Física: o olhar dos educandos.

Andréia de Carvalho Lopes; Marli Nabeiro.....82

Voluntariado nos Jogos Pan Americanos Rio 2007: Um Relato de Experiência.

Anna Vanessa Curcio; Lucas Teixeira; Jaqueline de Castro Ishida; Luciana Sancinetti Passeto Ramos.....83

A Educação Física na ação: um planejamento hipotético aberto às possibilidades.

Bruna Eliza Paiva; Mauro Betti.....84

Gênero e corporeidade: uma questão de identidade

Carlos Henrique Castanha Ciampone; Marcia Cristina Argenti Perez.....85

Estágio supervisionado: transformando a realidade

Cláudia Helene Batista Ibrahim.....	86
Trabalho de Conclusão de Curso: inclusão de alunos com necessidades especiais nas aulas de Educação Física	
Cláudia Helene Batista Ibrahim.....	87
Discutindo a consciência na Educação Física escolar a partir da teoria da atividade em Leontiev	
Cleber Barbosa da Silva Clarindo; Irineu A. Tuim Viotto Filho.....	88
A dança nas aulas de Educação Física: um relato de experiência	
Cleidimar Alves de Sousa.....	89
Educação Física na Pré-escola: Diferença na aplicação de atividades para a faixa etária de 2 a 6 anos	
Daiane Pescara; Milton Vieira do Prado Junior.....	90
Terceira idade e danças populares: resgate da cultura dos idosos do bairro Ferradura Mirim da cidade de Bauru/SP	
Daiane Pescara; Luciene Ferreira Silva; Flora de Lima Monteiro.....	91
Brincando de <i>kopü kopü</i> (peteca) na educação física escolar em uma perspectiva etno-cultural	
Denise Aparecida Corrêa.....	92
Atuação profissional em Educação Física: percepções dos professores licenciados atuantes na academia de ginástica	
Fernanda Rossi; Dagmar Hunger.....	93
Configurações da preparação física para o futebol no Brasil: uma abordagem histórica	
Fernando Ianni.....	94
A Ciência da Educação Física e as contribuições da fenomenologia Merleau-pontyana	
Flávia Carneiro Franco; Marcelo Carbone Carneiro	95
Aliando atividades físicas e ensino: colaborando com a formação docente	
Flávia Maria Gomes; Vinícius Tech Braga.....	96
Festas e Culturas na Terceira idade	
Flora de Lima Monteiro; Luciene Ferreira Silva; Daiane Pescara.....	97
Projeto Sorriso: intervindo em uma comunidade carente	
Guilherme Pinheiro Lima Gomes da Silva, Yara Machado da Silva, Flávia Carneiro Franco, Julio Alves Costa, Mikelli Balbinot Teixeira, Rafael Martins Andrade, Júlio Wilson dos Santos.....	98
Reflexões sobre o ensinar e o aprender handebol	
Juliana Gomes Jardim; Lílian Aparecida Ferreira.....	99
A Educação Física e a visão histórico-cultural: uma concepção para além do capital e da sociedade alienada	

Leonardo Dias Avanço; Irineu A Tuim Viotto Filho.....	100
Educação física: encontro entre as ciências biológicas e humanas	
Letícia Rocha Duarte.....	101
A sistematização da Educação Física escolar e o professor	
Manuela Pereira de Sousa; Lílian Aparecida Ferreira.....	102
Inserção do Projeto “Coisas de Circo” em uma pré-escola	
Márcia Daniele L. Massa; Silvana dos Reis Silva Mello; Daiane Pescara.....	103
O esporte nas aulas de Educação Física no ensino médio: o discurso dos professores da rede pública da cidade de Ourinhos (SP)	
Marco Aurélio Gonçalves Nóbrega dos Santos.....	104
Estudo sobre a presença da dança das aulas de Educação Física da rede estadual de ensino, município de Catanduva – São Paulo	
Marcos Navarro; Liana Romera.....	105
A questão do gênero no handebol: Reflexões a partir de dois contextos de ensino	
Maria Angélica dos Santos Freitas; Carlos H. C. Ciampone; Juliana C. Jardim; Fernando Livramento de Sousa; Lílian A. Ferreira.....	106
Serviço Social e a importância dos profissionais da Educação Física para a Educação Inclusiva no ensino fundamental	
Maria Luisa da Costa Fogari; Martha Maria dos Santos.....	107
Estágio de handebol: implicações formativas pessoais	
Mariane Benetti do Nascimento; Lílian Aparecida Ferreira.....	108
Corpo, mídia e padrões de beleza	
Mariângela de Oliveira Zanin.....	109
Dê mais um passo, e, dance conosco	
Natália Soares Xavier de Barros; Ana Flora Zaniratto Zonta; Andrea Fumes Laperuta; Bárbara Soares Xavier de Barros, Bruna Soares Xavier de Barros.....	110
Relato de experiência: olimpíadas do CAIC	
Neusa Aparecida Mendes Bonato; Luci Pastor Manzoli.....	111
Adaptações realizadas no programa de treinamento de colegas tutores	
Patrícia d’Azeredo Orlando.....	112
Cooperando as coisas mudam de lugar, e quem perdeu pode ganhar	
Sandro da Silva Sandri.....	113
A importância da mídia escrita no conhecimento popular sobre emagrecimento e a prática da atividade física	
Tatiana Pereira Alves, Carla Priscilla Nogueira da Silva, Mariana Craide, Luis Mochizuki.....	114
A Representação do Futebol: entre a diversão, a educação e a profissão	

Waldemar Maritan Jr, Paulo Vitor Leonardi, Wilian de Castro Seidel, Marden Bitar, Mariângela de Oliveira Zanin.....115

Contribuições da psicomotricidade no desenvolvimento integral das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental

Wellington da Silva Briza; Denise Ivana de Paula Albuquerque.....116

Ginástica Artística: convivendo com o inabitual

Yara Machado da Silva, Flávio Arantes da Silva, Cleusa Medina Custódio Alves.....117

A formação de professores de educação física em Bauru: uma visão dos próprios sujeitos que atuam em escolas

Beatriz Souza Pereira; Luciene Ferreira da Silva.....118

RESUMOS DE PALESTRAS E MESSAS-REDONDAS

PALESTRA DE ABERTURA

Prof. Manuel Sérgio Vieira e Cunha
(Universidade Técnica de Lisboa)

1. Uma aula, ou um treino, à luz da CMH, deve principiar, com esta pergunta, feita pelos que a compõem: “Que tipo de pessoa quero eu que nasça desta aula (ou deste treino)?”. E, depois, procurar-se-á unir e não separar os vários métodos pedagógicos (ou de treino) e a filosofia que os deve acompanhar, para que se passe do conhecimento daquilo que é ao conhecimento daquilo que deve ser. O ser humano não tem, unicamente, uma existência biológica (onde são visíveis também as complementaridades indivíduo/grupo, indivíduo/espécie, indivíduo/sociedade, indivíduo/cultura), mas também uma existência, usando as palavras de Edgar Morin, antropossociológica, condicionada e construída pela sociedade, pela economia, pela cultura. Ora tudo isto deve estar presente, na educação, no desporto, na dança, na ergonomia e na reabilitação psicomotora. “Hoje, a teoria dos sistemas substituiu a visão epistémica dos objectos pela dos sistemas, ou dos sistemas-objecto, entre os quais se encontra o sistema-objecto-sujeito-observador” (José Rozo Gauta, **Sistémica y Pensamiento Complejo II. Sujeto, Educación, Transdisciplinaridad**, Biogénesis, Colombia, 2004, p. 133). De referir ainda que a noção de sistema evoluiu de uma simplicidade estática, encerrada e fechada em si mesma, para uma complexidade aberta, dinâmica, autopoietica, autorreferente e autorreflexiva, composta por elementos heterogéneos, que conformam e mantêm uma unidade sistémica, na qual as qualidades emergentes são maiores do que a soma das qualidades de cada um dos elementos. Estas ideias surgiram à margem da hiperespecialização que invadiu as várias disciplinas científicas, ao mesmo tempo que entraram de acentuar a necessidade para o conhecimento de sistemas-objectos, abertos, dinâmicos, autopoieticos, auto-eco-organizadores e reflexivos – ao mesmo tempo que entraram de acentuar a necessidade, dizia, da inter, da trans, da multidisciplinaridade, enraizando (e não reduzindo) o físico-biológico no cultural e o cultural no físico-biológico. Com isto, não se violentam despoticamente as disciplinas, pois que elas mesmas se fortalecem no diálogo e convívio, com os outros ramos do saber. A operacionalização da CMH é praticar a unidade bio-antropo-sócio-cultural e política., dado que, em cada sistema, há elementos doutros níveis e sistemas. Cabe aos professores e aos técnicos trabalharem a complexidade, nos

exercícios e nas acções que os seus alunos e atletas assumem. Não é ser sensato endurecer na atitude de conservação de métodos que a ciência e a filosofia consideram defuntos, irreversível e definitivamente.

2. “De um ponto de vista conceptual, o **poder** encontra-se entre duas noções mais amplas: a de capacidade transformadora, por um lado, e a de dominação, por outro. O poder é relacional, mas só opera através da utilização da capacidade transformadora, tal como esta é gerada pelas estruturas de dominação” (Anthony Giddens, **Dualidade da Estrutura – agência e estrutura**, op. cit., p. 89). Oxalá o poder, seja ele qual for, com a vibratilidade típica do hermeneuta, se deite a pesquisar: se o que tradicionalmente se conhece como Educação Física tem, ou não, como objecto de teoria e de prática, a motricidade humana; se esta pode, ou não, organizar-se, logicamente, como uma ciência humana; e, se a motricidade humana é o “corpo em acto”, os correspondentes “curricula” universitários não deverão rever-se, de modo a que se torne visível, no estudo e na pesquisa, um novo paradigma. De facto, é na busca de um novo paradigma que eu me situo – paradigma que não é objecto, mas sistema. A propósito, podemos chamar à colação o Edgar Morin de **O Método – 1**: “Os objectos dão o seu lugar aos sistemas; no lugar de essências e substâncias, organização; em vez de unidades simples e elementares, unidades complexas; em vez de agregados que formam corpo, sistemas de sistemas de sistemas” (p. 148). Daqui resulta que um sistema se constitui como uma **rede de relações e de conexões**, que podem realizar-se, quer em baixa, quer em alta complexidade (e quanto maior é a complexidade, maior é a incerteza). “Para realizar la descripción de las relaciones intrasistémicas, debemos tener en cuenta que cada elemento a su vez es un sistema con todas las características de sistema y cuyos elementos constituyentes no son elementos que pudiéramos llamar simples. Según Luhman, la diferencia entre sistema y entorno obliga a sustituir la diferencia entre el todo y las partes por una teoría de la diferenciación de sistemas. La diferenciación de sistemas es, simplemente, la repetición de la formación de sistemas dentro de los sistemas” (José Rozo Gauta, **Sistémica y Pensamiento Complejo – paradigmas, sistemas, complejidad**, Biogénesis, Colombia, 2003, p. 56). Assim, o que venho pretendendo organizar, de há quase trinta anos a esta parte, não é um novo objecto, mas uma nova unidade complexa ou sistema, a CMH. Também no desporto, na dança, na ergonomia, na reabilitação psicomotora, etc., é preciso assumir em pleno a condição humana! Será de referir, por fim, que a Ciência da Motricidade Humana parece trazer contributos inestimáveis ao desporto de alta competição. E não só apontando a complexidade como a realidade primeira de todas os sistemas, mas porque a competição é

impossível, se não se tem em conta a complexidade. Por outro lado, é preciso evitar o excesso de matematização como discurso da Verdade – esta, no ser humano é bem mais do que matemática (sem nunca excluir-se a matemática). Em livro, a que aludo sempre com grande respeito e admiração, da autoria de Luís Lourenço e Fernando Ilharco, **Liderança – as lições de Mourinho**, com prefácio do próprio José Mourinho (Booknomics, Lisboa, 2007) e livro, acrescento, que deverá estudar-se em todos os cursos universitários de desporto e em todos os cursos de treinadores – o actual treinador do Chelsea não esconde que, para ele, “o treino faz parte do todo que é o jogo”. E continua: “Julgo que nada é separado. Eu apresento a questão como uma dimensão de complexidade, porque na realidade, quando vamos para o terreno, tem de lá estar tudo” (p. 95). O começo instaurador do saber está na complexidade e, no caso da motricidade humana, uma complexidade em movimento intencional, procurando a transcendência. Mais uma despótica mentalinguagem? Tão-só a passagem de um saber analítico e disjuntivo para um saber novo, em que tudo é interdependente e complementar. É preciso educar a pessoa como um todo, para um desporto como um todo!

MESA-REDONDA – “O JOGO E SUAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO”

Prof. Ms. Adriano Rogério Celante
(UNIACHIETA; ESEF-JUNDIAÍ; METROCAMP)

*O JOGO E SUAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO:
DO ENSINO SOCIALIZADOR À APRENDIZAGEM PELA SOCIABILIDADE*

Tenho notado, ao longo de vários anos acompanhando futuros professores de educação física, tanto no cotidiano das disciplinas “educação física escolar” e à “prática de ensino”, como durante as orientações do “estágio supervisionado”, a incorporação de um discurso *sui generis* por parte dos discentes prestes a concluir a graduação, acerca dos processos de “ensino”, “aprendizagem”, “socialização” e “sociabilidade”. Um discurso que sugere muita propriedade e grande eloquência por parte dos alunos, porém, totalmente apartado de uma reflexão mais profunda sobre as questões filosóficas que esses termos reservam.

Expressões do tipo “garantir o ensino...”, “subsidiar a aprendizagem...”, “promover a socialização...” e “permitir a sociabilidade...”, dentre muitas outras, não são economizadas nos planos de ensino construídos pelos discentes. No entanto, tais expressões, mesmo quando aparentemente bem empregadas no documento escrito, quase sempre se mostram incongruentes com as práticas de intervenção pedagógica desenvolvidas durante as aulas. É quando os discursos pretensamente progressistas e inovadores acabam se transformando em práticas pedagógicas tradicionais, com viés tecnicista, centradas no professor e com ênfase no ensino de conteúdos que se resumem na reprodução de técnicas corporais – geralmente técnicas esportivas –, tendo como pano de fundo a qualidade do desenvolvimento físico-motor das crianças e dos adolescentes.

Essas observações têm me levado a inferir que, apesar das efetivas discussões político-filosóficas e didático-metodológicas que os cursos superiores em educação física nos quais leciono proporcionam, ao se depararem com situações reais de intervenção pedagógica, os discentes recorrem, imediatamente, a um conhecimento tácito, fruto das experiências vividas nas aulas de educação física durante a infância e a adolescência, e que por muitos motivos lhes parece mais consistente, significativo e aplicável do que o conhecimento adquirido nos quatro anos de formação superior.

Cabe ressaltar que, os próprios currículos acabam nutrindo esse comportamento discente, principalmente em função do grande número de disciplinas de caráter técnico-

instrumental, das posturas conteudistas e reprodutivistas por parte dos docentes, mas, sobretudo, pela incapacidade das disciplinas responsáveis por promover uma maior reflexão sobre o conhecimento e a especificidade da educação física, assim como sobre o papel sócio-educativo desse componente curricular na escola, em tornar palatável e aplicável essa reflexão nas situações reais da prática pedagógica. Nesse sentido, a formação superior em educação física parece não ser suficiente para superar a tradição pedagógica que a educação física escolar imprimiu no espírito dos alunos.

Durante os anos de 2005 e 2006, quando pude ministrar outras disciplinas que, direta ou indiretamente abordavam o jogo enquanto fenômeno sócio-cultural e conhecimento da cultura corporal, portanto, conteúdo e estratégia de ensino da educação física na escola, uma outra questão me pareceu fundamentalmente importante, principalmente quando associada à problemática expressa anteriormente. Refiro-me à concepção discente sobre o papel sócio-educativo do jogo, e, por conseguinte, a utilização deste nas práticas de intervenção pedagógica da educação física escolar.

Ao analisar o discurso dos meus alunos pude verificar que o jogo é tomado como elemento primordial da educação física – perspectiva que até então coincide com as idéias que defendo. No entanto, em grande parte dos casos, a idéia de jogo se confunde com a prática competitiva de modalidades esportivas coletivas, ou, em outros casos, se reduz à dimensão utilitarista das atividades recreativas. Além disso, o discurso discente denuncia a crença de que todo jogo é essencialmente bom, portanto, se basta por si só. Como se fosse dotado de alguma magia autônoma, cabendo ao professor apenas utilizá-lo nas aulas para que a qualidade da intervenção pedagógica fosse inquestionável.

Em razão do exposto, procurarei conduzir minhas reflexões tomando como eixo central “o papel sócio-educativo do jogo nas aulas de educação física escolar” analisado a partir das concepções de “ensino”, “aprendizagem”, “socialização” e “sociabilidade”, subjacentes ao discurso dos meus próprios alunos de graduação.

Para iniciar a discussão, e com o objetivo de estabelecer um olhar cuidadoso sobre o tema, trago à tona algumas idéias propostas por Raul Iturra, antropólogo chileno radicado em Portugal.

Segundo Iturra (1992), toda criança, logo ao nascer, se depara com um mundo de classificações prontas e hierarquias pré-estabelecidas. O seu papel, portanto, é o de reproduzir com exatidão o mundo organizado pelos adultos, visto que estes exigirão a reprodução daquilo que compreendem como aprendizagem da vida social.

É característica de todo grupo social transmitir à geração seguinte a experiência acumulada ao longo do tempo. E essa experiência, que podemos chamar genericamente

de “saber”, fica organizada numa memória que permanece no tempo histórico. Nos grupos sociais onde predomina a memória oral, o saber materializa-se na classificação do homem em genealogia ou hierarquia, enquanto nos grupos sociais onde predomina a memória escrita, o saber materializa-se em textos, passíveis de interpretação (ITURRA, 1994).

O processo educativo, portanto, pode ser compreendido como sendo o meio pelo qual indivíduos que já possuem a compreensão do conhecimento histórico em suas memórias pessoais, procuram inserir os mais novos nesse conhecimento. Contudo, “(...) resta saber se é mais útil para a reprodução do grupo que os novos reproduzam o saber, ou que entendam a necessidade dele por meio de praticar a sua utilidade” (ITURRA, 1994, p.29). Em outras palavras, a questão está em escolher se deve ser ensinado o que já se tem, através da reprodução, ou ser aprendido o processo que dinamiza as operações pelas quais os grupos e indivíduos resolvem problemas.

A partir dessa perspectiva, o ensino, segundo o autor, é compreendido como a prática da transferência de saberes socialmente relevantes por aqueles que educam, fixando nos educandos estereótipos sociais e promovendo o respeito às leis, às regras do grupo, enquanto a aprendizagem, por outro lado, sugere a prática do questionamento por parte daqueles que ensinam, possibilitando alternativas de respostas a serem descobertas por aqueles que começam a compreender o funcionamento do mundo. A grande diferença está no fato de o ensino caracterizar-se pela reprodução, pela imitação, a partir da subordinação, enquanto a aprendizagem caracteriza-se pela descoberta, a partir de uma relação de comunicação.

Considerando que as práticas educativas escolares das sociedades ocidentais preservam a crença de que a criança é um ser que nada sabe, portanto, precisa ser inserida e integrada no mundo adulto, justifica-se a separação entre ensino e aprendizagem, e, principalmente, a predominância do primeiro. Além disso, conforme defende Iturra (1994), o processo educativo nas sociedades letradas tem por objetivo treinar uma nova geração nas técnicas de escrita e entendimento de grafias que explicam o saber a partir de modelos preparados por eruditos que, por sua vez, não estão presentes no contexto existencial e vivencial dos aprendizes. Como na maioria dos casos os conteúdos são verdades que não podem ser experimentadas, apenas compreendidas e aceitas em função da fidedignidade dada a quem as escreveu, o papel da educação restringe-se à reprodução fiel de saberes que os eruditos do grupo social produziram. As instituições educacionais, portanto, são responsáveis por definir o saber social a partir do saber cientificamente produzido.

Isso explica, talvez, o fato de meus alunos sempre recorrerem à reprodução de um saber tradicional, institucionalizado, decorrente das experiências nas aulas de educação física na infância. Explica, também, a dificuldade que eles apresentam ao tentar justificar a opção por esse saber em detrimento do conhecimento disseminado no ensino superior.

Quando expostos às condições didático-pedagógicas reais, similares às dos professores durante a prática profissional, aos acadêmicos, a exemplo dos docentes da educação básica, cabe estabelecer uma ponte entre a suposta ignorância das crianças e o conhecimento produzido pelos eruditos da área. Como ao professor é vetado conhecer sequer como tal conhecimento se constituiu, muito menos experimentar, pesquisar, a fim de compreender e dinamizar o processo de aprendizagem (ITURRA, 1994), não caberia outra opção aos meus alunos senão reproduzir um saber tradicional da educação física, institucionalizado pela escola, legitimado pelo senso comum e reconhecido como “correto” no imaginário da disciplina. Um conhecimento que constitui as histórias de vida dos alunos, e a elas está amarrado de forma muito mais categórica que o saber disseminado durante os poucos anos de ensino superior.

Para Iturra (1994), nas sociedades menos complexas o acesso dos indivíduos ao saber social tem relação direta com as primeiras aprendizagens da criança. Desde pequena a criança estabelece vínculos afetivos com o conhecimento necessário à sua vida social, compreendendo os sentidos desse saber no contexto do fazer do grupo ao qual pertence, estabelecendo, portanto, relações identitárias muito fortes desde a mais tenra idade. Por outro lado, nas sociedades industriais, a divisão do trabalho não se dá a partir das aptidões desenvolvidas durante a infância, mas pelas necessidades de distribuição de pessoal e produção.

Como defende Feyerabend (1991), para a maioria das pessoas a aquisição do conhecimento não faz parte da vida cotidiana, visto que tal conhecimento não permite ao indivíduo estabelecer relações diretas com as questões do dia-a-dia. Os saberes são transmitidos sem seus “ingredientes epistemológicos”, portanto, sem sentido e significado para aqueles que os apreendem. E a instituição escolar, com seu caráter eminentemente instrutivo e informativo, tem sido responsável por essa cisão entre o conhecimento oficial e a vida real e concreta dos indivíduos.

A lógica das sociedades industriais retira a criança do seu meio, dos seus estímulos culturais proporcionados pela família, parentes e vizinhos, transferindo-a para uma estrutura calcada no conhecimento técnico. Essa criança, portanto, acaba sendo tolhida dos laços de afetividade em nome da racionalidade.

Nesse sentido, não se pode esperar que o conhecimento acerca do jogo ensinado na educação física escolar, segundo a lógica educativa das sociedades industriais, possa estabelecer relações significativas com o saber acerca do jogo exigido por uma formação profissional que se deseje crítica e reflexiva. Considerando que a função da escola tem sido introduzir crianças e jovens no universo de realizações e descobertas dos outros, com interpretação fiel e verdadeira do real a partir do que “é”, e raramente do que “poderia ser”, a inversão dessa lógica na formação de professores sugere uma aprendizagem capaz de desconstruir os modelos anteriores. Em outras palavras, o conhecimento sobre jogo precisa ser reinventado.

Enquanto isso não acontece, o ensino da educação física nas escolas de educação básica passa a ser condicionante – senão determinante – das concepções trazidas pelos alunos ingressantes nos cursos superiores e, muitas vezes, perpetuadas durante a formação profissional. Afinal, todo adulto encontra-se amarrado a verdades sociais, construídas historicamente, e a partir da visão particular que o grupo social ao qual pertence estabelece sobre o real (ITURRA, 1997). A esse processo podemos denominar genericamente de socialização, a partir do qual a aprendizagem necessária à vida social se constitui na memória individual por meio do ensino.

É nesse sentido que as idéias de “ensino” e “socialização” apareceram durante as práticas de intervenção pedagógica de grande parte dos meus alunos. Frutos do ensino e da socialização promovidos pelo modelo tradicional de escola, raramente conseguem transcender a reprodução do que “é” para vislumbrar o que “poderia ser”. Portanto, apesar do discurso muitas vezes progressista, crítico e reflexivo, com vistas à aprendizagem de competências e habilidades por parte do sujeito cognoscitivo, as práticas de intervenção pedagógica ficam aprisionadas nas ações socializadoras, centradas no ensino reprodutor do saber estabelecido.

No primeiro semestre de 2007, nas aulas das disciplinas “prática de ensino” e “o jogo na educação física”, ministradas para as turmas de primeiro semestre do novo currículo da licenciatura da Escola Superior de Educação Física de Jundiaí (ESEF), tive a oportunidade de discutir com os alunos ingressantes os resultados dos memoriais da infância construídos por eles próprios. Foi quando a perspectiva discente sobre jogo e educação física escolar puderam ser analisadas à luz das diferentes histórias de vida. A noção de “ser professor de educação física” apresentada pelos discentes pareceu totalmente calcada nos modelos subjetivos de “bons” e “maus” professores, verificados nas experiências da educação física escolar.

Em linhas gerais, as verdades absolutas, os conceitos fechados, assim como os estereótipos e preconceitos relacionados à visão atual acerca do jogo na educação física escolar, parecem ter sido construídos durante a infância e reforçados na adolescência. A desconstrução dessas verdades e conceitos tem sido o mote dessas duas disciplinas, cada qual a partir da sua especificidade.

Desconstruir a perspectiva de jogo institucionalizada pela educação física escolar sem edificar uma nova idéia, uma nova concepção, poderia causar um grande desconforto aos discentes. Nesse sentido, a proposta da disciplina “o jogo na educação física” teve como estratégia discutir o jogo enquanto o mesmo era vivenciado pelo grupo. A cada aula uma nova experiência era agregada, e, por conseguinte, uma nova reflexão era estabelecida. Aos poucos, as vivências tradicionais centradas no ensino socializador eram questionadas pelos próprios alunos, enquanto as possibilidades de uma intervenção pedagógica fundamentada na aprendizagem pela sociabilidade tomavam espaço no imaginário do grupo.

Partindo do pressuposto que o papel do jogo no processo sócio-educativo consiste em potencializar a construção de estratégias que permitam à criança compreender melhor o mundo, por meio da própria experimentação, as aulas foram conduzidas pelo princípio da descoberta, da construção de um conhecimento que, impreterivelmente, passava pelo auto-conhecimento. O jogo, portanto, além de conteúdo da disciplina, cumpria o seu papel de mediador da experimentação pessoal (ITURRA, 1992).

Foi necessário, no entanto, estabelecer a justa medida da mediação capaz de promover situações adversas e conflituosas – condição *sine qua non* da sociabilidade – no sentido de criar instabilidades criadoras nas relações sociais do grupo. Afinal, a fragilidade da educação não está nos conteúdos, mas na forma como são “ensinados”. A pedagogia deveria distinguir dois momentos distintos, do ponto de vista didático, mas inseparáveis enquanto processo sócio-educativo: fornecer informações aos alunos; fornecer metodologias para que eles possam comparar, descobrir e transformar.

Tomando emprestadas as idéias de Iturra (1992), ao afirmar que é no jogo e na brincadeira estabelecidos com os pares que as crianças provam as suas habilidades para inventar recursos de lazer, ao mesmo tempo em que criam seus próprios modelos de relações sociais, estou convencido de que os meus alunos, recém-chegados ao ensino superior, mais que os colegas que os antecederam, tiveram amplas possibilidades de viver e pensar o jogo enquanto fenômeno humano, estabelecendo relações profícuas com o universo da educação física escolar. Frutos dessa experiência já podem ser verificados nas

primeiras propostas de intervenção pedagógica apresentadas na disciplina “prática de ensino”, oferecida no segundo semestre de 2007.

Referências Bibliográficas:

FEYERABEND, Paul. **Adeus à razão**. Lisboa: Edições 70, 1991.

ITURRA, Raúl. O jogo e a experimentação pessoal na infância: uma hipótese exploratória.

Revista Portuguesa de Pedagogia, Ano XXVI, n. 3, 1992, pp. 493-501.

_____. O processo educativo: ensino ou aprendizagem? **Educação, Sociedade & Cultura**, n.1, abril/1994, pp. 29-50.

_____. Eu procuro afecto, tu dá-me saber. In: JORGE, V. O.; ITURRA, R. (Coords.).

Recuperar o espanto: o olhar da antropologia. Porto: Edições Afrontamento, 1997, cap. VII, pp. 81-88.

Prof. Dr. João Batista Freire
(UDESC)

Não é tarefa simples conceituar o jogo. Nem mesmo sei se é importante concluir sobre um conceito. Quanto a defini-lo, acredito mesmo não ser necessário. Porém, uma certa compreensão quanto ao que significa o jogo, ou o lúdico, é perfeitamente possível. De maneira geral, jogar quer dizer fazer algo que, aparentemente, não é necessário. É realizar ações sem ter que prestar contas objetivamente a algo exterior a quem joga. Outra coisa importante para entendermos o jogo é a idéia de que algo jogado é diferente de algo colocado a partir de tarefas definidas: se me dão a tarefa de colocar peças em um lugar determinado, para cumprir a tarefa, eu o farei e sei onde colocarei as peças. Porém, se eu jogar as peças, nunca saberei onde cairão, o lugar nunca será o mesmo das vezes anteriores. Ou seja, a imprevisibilidade é uma marca do jogo. Quem joga, corre riscos! E é exatamente por esse caráter de falta de compromisso objetivo, essa conotação mais subjetiva que objetiva, essa imprevisibilidade, que o jogo pode ser importantíssimo, não só na educação, mas nas atividades criativas de modo geral. Se, por exemplo, uma criança joga na sua escola, durante as aulas, ela se desvencilha, nesse momento, das tarefas pesadas das aulas, dos compromissos com algo somente exterior a ela. Isso não quer dizer que o jogo não seja, em si, um compromisso, que não é sério, etc. No mundo do jogo, já que se trata de um faz-de-conta, de uma simulação do real, a criança pode experimentar algo diferente, pode arriscar, pode enfrentar desafios sem o medo que advém dos resultados negativos. Porém, tratando-se de escola, a criança precisa aprender,

especialmente, aprender as coisas que a fortalecerão para a vida, de preferência para uma vida futura ética. Mesmo que, para a criança, trate-se apenas de um jogo, de uma diversão, para a escola deve tratar-se de ensinar as coisas que fortalecerão essa criança, ou seja, de ensinar a pensar melhor, a ter mais sensibilidade, a se expressar com maior riqueza, a construir regras, a elaborar melhor os sentimentos, e assim por diante.

MINI-CURSO 1 – “APRENDIZAGEM MOTORA PARA A TERCEIRA IDADE”

Profa. Dra. Suely Santos
(USP)

Grande parte dos estudos relativos ao envelhecimento concentra-se nos aspectos biológicos desse processo, provavelmente porque tais aspectos envolvem mudanças óbvias e visíveis até pelo próprio indivíduo. Mas a progressiva elaboração de habilidades que acompanham a vida adulta tem um substrato neurobiológico. Por exemplo, a partir dos 30 anos de idade há uma perda em eficiência de aproximadamente 1% ao ano, o que corresponde à uma perda de milhares de neurônios por dia. Entretanto, embora a plasticidade neural seja óbvia no início da vida, o cérebro permanece maleável durante todo o ciclo de vida, de tal forma que a exposição à experiências enriquecedoras pode afetar a percepção e conexões sinápticas em idades avançadas. Apesar da aprendizagem motora em idades avançadas ser, em geral, encarada como uma *possibilidade* tanto no meio acadêmico quanto pela sociedade, muitas vezes, o estereótipo da velhice leva à uma sub-avaliação da capacidade de mudança dos indivíduos.

Existem inúmeras evidências que indicam que programas de atividades físicas podem retomar algumas perdas de capacidades decorrentes do envelhecimento e reaver a eficiência fisiológica. No entanto, os estudos experimentais em aprendizagem motora com indivíduos idosos demonstram o efeito da prática no desempenho de habilidades motoras e evidenciam a plasticidade do Sistema Nervoso Central. Serão utilizados alguns resultados de pesquisa experimental como ilustração.

É importante enfatizar a necessidade de estudos sobre a atividade física, não apenas como a mera repetição de movimentos com objetivos voltados para as desejáveis mudanças biológicas, mas também, com o intuito de conhecer quais as condições e demandas ambientais, as quais indivíduos em idade avançada poderiam ser beneficiados. Condições ambientais estas, que poderiam favorecer a adaptação às variadas situações cotidianas, condizentes com um indivíduo independente e apto para desenvolver e, especialmente, *aprender* tarefas motoras motivantes e desafiadoras.

MINI-CURSO 2 – “PREPARAÇÃO FÍSICA NOS ESPORTES”

Prof. Dr. Pedro Balikian Júnior
(UNESP / Presidente Prudente)

O palestrante não enviou resumo.

MESA-REDONDA – “TREINAMENTO DO BASQUETE DE ALTO RENDIMENTO”

Prof. Dr. José Carlos de Almeida Moreno
(Faculdades Integradas Fafibe / Bebedouro)

Este texto foi elaborado para ser apresentado no I Congresso Nacional de Educação Física realizado na UNESP Campus de Bauru – SP.

A mesa redonda teve como tema central o Treinamento do Basquete de Alto Rendimento e para discutirmos o basquetebol feminino brasileiro, buscamos alguns dados obtidos em pesquisa realizada recentemente por nós, e esperamos que os mesmos nos ajudem a compreender o momento atual dessa modalidade.

O problema que abordamos é a restrição à prática do basquetebol, por mulheres, no Estado de São Paulo, que possui a maioria das equipes de alto rendimento no Brasil.

Nossa hipótese é que a precariedade no desenvolvimento da prática do basquetebol feminino está relacionada com a falta de conhecimento sobre o basquetebol por parte dos agentes socioculturais responsáveis pela disseminação; pelo atrelamento da prática à vertente esporte rendimento ou espetáculo e a dificuldade de desenvolvimento do basquetebol por mulheres, por partir-se de um modelo masculinizado de prática.

Nosso objetivo foi identificar e diagnosticar a prática do basquetebol feminino no Estado de São Paulo.

O levantamento foi efetivado junto a um número significativo de atletas pertencentes às trinta e uma equipes representativas de diferentes cidades do interior deste Estado, totalizando um universo pesquisado de cento e vinte e nove participantes, durante a 68ª edição dos Jogos Abertos do Interior, realizados na Cidade de Barretos/SP, no segundo semestre do ano de 2004.

Embora se tratasse de um Campeonato “amador” as atletas em sua maioria, estavam vinculadas e inscritas junto a clubes e filiadas à Federação Paulista de Basquetebol. Eram em parcela significativa, remuneradas para representarem equipes de cidades às quais não pertenciam de naturalidade, mas se encontravam momentaneamente vinculadas e representando, configurando dessa forma, em alguns casos, pouco ou quase nenhum envolvimento afetivo e cultural, e sim como um tipo ou mesmo quadro de prestação de “serviço” temporário.

Esses fatores foram considerados de suma importância de serem identificados, porque no caso das mulheres, geralmente ocorrem preconceitos evidentes. Ao longo do tempo se tem observado a existência de contingente menor de participantes do gênero

feminino, quando se busca estabelecer comparações, mesmo que simplistas, com o de homens, seja em campeonatos regionais, estaduais, nacionais e mundiais. Historicamente as mulheres tiveram restrições às práticas esportivas tidas como mais apropriadas ao gênero masculino.

Após a realização deste estudo concluímos que: há uma condição de desencanto por parte das atletas de basquetebol; existe falta de incentivo e reconhecimento à prática no meio social; há falta de valorização das praticantes; o basquetebol feminino possui dificuldades de se popularizar; falta organização nos setores públicos e privados para gestão de políticas de esportes, que atuem com o basquetebol feminino; há dificuldade no estabelecimento de relações entre o esporte educacional ou participação-de lazer com a prática do basquetebol feminino; as instituições públicas e privadas responsáveis pela disseminação do basquetebol não têm ações amparadas pela produção acadêmica em basquetebol, esporte e lazer; faltam políticas públicas e privadas para a gestão do basquetebol feminino que levem em consideração as necessidades e interesses do público feminino; as relações de poder exercidas socialmente, favoreceram processos de exclusão, de especialização precoce e evasão da prática; tendo em vista o potencial que possui, sobretudo do ponto de vista educacional e do lazer, a prática do basquetebol feminino mostrou-se precária; os métodos de ensino e de treinamento mostraram-se enfadonhos; os calendários dos campeonatos, sejam de órgãos públicos ou privados, foram elaborados não levando em conta os danos que podem ser ocasionados às atletas; além de não haver oferta de possibilidades qualitativamente superiores para a prática do basquetebol, também foi verificada a ausência de adequada sustentação econômica das equipes femininas paulistas; falta legislação que dê sustentação ao desenvolvimento do basquetebol feminino; predominou até o momento, relações de poder entre pessoas e grupos de pessoas, que na defesa de interesses particulares ao grupo, secundarizaram o potencial da prática do basquetebol enquanto direito e meio de exercício da cidadania.

Referências Bibliográficas

- BETTI, Mauro. **Violência em Campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras do futebol espetáculo.** Ijuí : Ed. UNIJUÍ, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro : Marco Zero, 1983.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução.** Vitória : UFES, 1997.
- DEVIDE, Antonio Pries. **Gênero e Mulheres no Esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos.** Ijuí : Ed. Ijuí, 2005.

DUARTE, Orlando. **História dos esportes**. São Paulo: Makron Books, 2000.

DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. **A busca da Excitação**. Lisboa : Difel, 1995.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Trad. de Maria Ribeiro Ferreira. Lisboa : Edições 70, 1970.

_____. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1994. 2v.

_____. **A busca da excitação**. Lisboa : Difel, 1992.

MORENO, José Carlos de Almeida. **A prática do basquetebol feminino no Estado de São Paulo: conhecendo e analisando seu contexto**. Campinas : UNICAMP, 2006.

PALESTRA – “NATAÇÃO ADAPTADA, NATAÇÃO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS OU, SIMPLEMENTE, NATAÇÃO?”

Profa. Dra. Mey de Abreu van Munster

(DEFMH/UFSCar)

Cláudia Foganholi Alves

(SMEL/PMSC)

Receber um aluno com deficiência para a aprendizagem ou a prática da natação, seja em um programa especializado, na escola ou na academia, implica em saber que, entrar na piscina não será o seu primeiro desafio. Para chegar à aula de natação, esta pessoa provavelmente não teve apenas que transpor barreiras arquitetônicas e atitudinais, mas também realizou um movimento interno em direção ao desafio de adquirir novas habilidades, relacionar-se com um grupo e expor suas capacidades e limitações a outras pessoas. Com base no enfoque educacional, esta exposição tem como finalidade desmistificar a “natação adaptada” ou a “natação *para* pessoas com deficiências” fornecendo subsídios para uma práxis pedagógica adequada às necessidades dos alunos com deficiências físicas, sensoriais e mentais. Diante da tarefa de ensinar pessoas nestas condições a nadar, foi desenvolvida uma abordagem pedagógica com a finalidade de discorrer sobre alguns indicativos de intervenção em casos específicos. O compromisso profissional de atender as necessidades especiais do aluno inclui necessariamente o entendimento da sua condição, sobretudo como ser humano, com sua complexa variedade de formas de se estabelecer no mundo. Entendimento que não pode ser posterior, nem menos importante que o conhecimento dos fundamentos da natação e da biomecânica dos nados, ou das particularidades das diferenças manifestadas em cada pessoa. Espera-se que, ao término da apresentação, o expectador surpreenda-se ao perceber que o conteúdo aqui desenvolvido, a natação, não se diferencia entre pessoas que possuem ou não deficiências. O que pode, e deve variar, são os métodos e as estratégias de ensino: daí a interrogação no título. O principal questionamento fundamenta-se na convicção de que um programa de natação adequado às necessidades especiais de pessoas com deficiências, ou seja, natação de qualidade, não necessita complementos ou adjetivos.

MESA-REDONDA – “O PAPEL DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO COMBATE À OBESIDADE E SÍNDROME METABÓLICA”

Prof. Dr. Cláudio Teodoro de Souza
(UNICAMP)

“Avanços nas compreensões fisiológica e molecular dos benefícios da atividade física no gasto energético e na ingestão alimentar”

Durante as últimas décadas observou-se um aumento surpreendente na prevalência de obesidade e diabetes mellitus em populações de várias regiões do planeta, inclusive no Brasil. Ambas as doenças instalam-se de maneira insidiosa, e freqüentemente de forma associada, e comprometem tanto a qualidade quanto à expectativa de vida dos pacientes acometidos. Diversos estudos epidemiológicos apontam a mudança no padrão alimentar associado à inatividade física como os fatores de risco mais importantes para o desenvolvimento de obesidade e diabetes. O efeito do exercício físico prolongado de média a alta intensidade interfere, profundamente, no balanço energético. Em ratos, em particular, programas de exercício de moderados a muito intensos levam à redução da ingestão alimentar, o que resulta em menor acúmulo energético, e possivelmente menor incidência de obesidade e diabetes mellitus. Entretanto, as causas exatas para os efeitos supressores do apetite advindos do exercício não são totalmente conhecidas. A ingestão alimentar e o gasto energético por termogênese são fenômenos fisiológicos controlados através de mecanismos complexos e até certo ponto acoplados entre si. Sabe-se que os hormônios insulina e leptina são os responsáveis pelo controle de tais fenômenos. Ambos hormônios agem através de receptores localizados, principalmente, em duas subpopulações de neurônios no núcleo arqueado do hipotálamo. Durante o jejum ou quando a massa de gordura corporal total esta reduzida, observa-se baixos níveis de insulina e leptina, levando a inativação de neurônios NPY e AGRP. Estes por sua vez, estimulam os neurônio Orexina e MCH, que por último resulta em aumento da ingestão alimentar e redução da termogênese. Por outro lado, após ingestão alimentar ou quando os níveis de gordura estão aumentados, os níveis de insulina e leptina aumentam, levando a inibição de NPY e AGRP, estimulando POMC e CART (presentes também no núcleo arqueado), reduzindo Orexina e MCH no hipotálamo lateral, resultando em aumento da produção de CRH e TRH no núcleo periventricular. Todos esses fenômenos levam a saciedade e aumento da termogênese. Estabelecido o paralelo entre o desenvolvimento do diabetes mellitus e

obesidade, tem sido proposto que a resistência hipotalâmica à insulina desempenha papel central na perda da coordenação da ingestão alimentar e gasto energético (*De Souza et al., Endocrinology, 146 (10),4192-9, 2005*). Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo verificar se o exercício físico, agudo ou crônico, de media ou alta intensidade, modula a via de sinalização da insulina em hipotálamo de ratos com resistência hipotalâmica à insulina (ratos obesos por dieta hiperlipídica) e se essa modulação culmina com alterações na ingestão alimentar e gasto energético. Isso é de grande relevância uma vez que esse achado somaria ao já bem definidos benefícios advindas do exercício físico sobre os sistemas metabólicos e fisiológicos em diversos tecidos periféricos, ou seja, teríamos a possibilidade de termos dois mecanismos funcionando simultaneamente em favor da redução do percentual de gordura corporal e doenças relacionadas, como por exemplos, o diabetes e a obesidade.

Prof. Dr. Ismael Forte Freitas
(UNESP / Presidente Prudente)

“Fatores ambientais e biológicos responsáveis pela obesidade”

A obesidade tornou-se a desordem nutricional mais prevalente na população brasileira nas últimas décadas, superando a própria desnutrição e caracterizando-se também como um grande problema e saúde pública (Wang et al., 2002). No caso de crianças e adolescentes, o aumento da prevalência da obesidade é preocupante, porquanto se estima que 40% das crianças e de 70 a 80% dos adolescentes obesos, se tornam adultos obesos (Guo et al., 2002).

Apesar de se saber que a obesidade é uma doença de etiologia multifatorial, envolvendo fatores biológicos, metabólicos, comportamentais, ambientais e sócio-comportamentais, os dois principais fatores desencadeadores são o aumento na ingestão energética, especialmente de alimentos de alta densidade calórica, e a diminuição da prática de atividades físicas (Bouchard, 2000). Como estes dois fatores comportamentais são alicerçados na infância, devemos criar condições para que as crianças tenham uma alimentação saudável, sem excessos e que pratiquem atividades físicas

A questão da alimentação é um problema muito sério porque, principalmente, os alimentos industrializados que comemos, apresentam, via de regra, alta densidade calórica. Então, mesmo que a gente ingira pouca quantidade, esse pouco está carregado (denso) de calorias, o que já é suficiente para que a ingestão ultrapasse o que gasto energético diário. Esta condição de ingestão maior que o gasto é chamada de balanço energético positivo.

Diante do que foi colocado, é um equívoco sermos simplistas e atribuímos ao excesso alimentar, todo crédito pelo excesso de gordura corporal. Ao contrário, em estudos realizados por nós (Freitas Jr et al., 2006) e por outros encontrados na literatura (Stubbs et al., 2003; Field et al., 2004), verificamos que, jovens obesos ingerem menos alimentos quando comparados àqueles que apresentam peso normal.

Então fica a pergunta: se as pessoas não comem em excesso, porque elas estão ficando obesas?

Uma das respostas pode estar no pouco gasto energético diário, outra é na eficiência metabólica daqueles que fazem restrições alimentares sem controle.

Em um estudo com 1495 jovens de ambos os sexos e com idade entre 7 e 17 anos da região oeste do Estado de São Paulo, no grupo do sexo masculino, as variáveis relacionadas à prática habitual de atividades físicas: incentivo dos pais a prática de atividades esportivas (OR= 0,63; $P= 0,063$) e opção por práticas esportivas durante horários de lazer (OR= 0,47; $P= 0,000$) oferecem proteção ao desenvolvimento do sobrepeso e obesidade. Em contrapartida, o número de televisores na residência (OR= 1,94; $P= 0,016$), usar somente carro ou transporte coletivo como meio de transporte para ir à escola (OR= 1,54; $P= 0,018$) e tempo diário despendido com a utilização computadores (OR= 2,83; $P= 0,003$), aumentam as chances de se apresentar o estado de sobrepeso e obesidade. Para o sexo feminino, o que mais está relacionado como fator de proteção contra a obesidade, foi o incentivo dos pais para a prática esportiva (OR= 0,49; $P= 0,030$) e o tempo dedicado ao uso de computadores (OR= 2,53; $P= 0,011$), influenciam no desenvolvimento da obesidade.

Esses resultados evidenciam o que outros estudos têm indicado, quer seja, paralelamente ao crescimento da prevalência de sobrepeso e obesidade, também houve um aumento na aquisição de bens de consumo duráveis, que exercem influência na adoção de hábitos sedentários (3).

Os resultados obtidos em nossos estudos estão de acordo com os dados acima citados, uma vez que sugerem que a quantidade de televisores nos lares (três ou mais aparelhos), aumenta em 94% a chance de meninos com idade inferior a 11 anos apresentarem sobrepeso ou obesidade. Tendência similar foi observada também na quantidade diária de horas de uso do computador, onde adolescentes, de ambos os sexos, que permanecem quatro ou mais horas diárias usando computador, apresentam mais chances (OR variando de 1,5 a 2,8) de serem sobrepesados ou obesos.

Além do enfoque clínico das investigações sobre a etiologia das desordens alimentares, que estão relacionadas à obesidade, as pesquisas básicas, envolvendo alguns

aspectos que possam estar influenciando essas desordens, têm merecido atenção especial. Como exemplo, podem ser citadas as investigações relacionadas aos níveis alterados de alguns neurotransmissores ou neuropeptídeos, que provocam alterações no eixo neuroendócrino (Tartaglia, 1997) e que estão envolvidos na homeostasia da energia corporal, no mecanismo de regulação da saciedade e da fome, bem como nos distúrbios alimentares.

Além do mais, a evolução dos conhecimentos de alguns “sinalizadores orgânicos”, gerados a partir do consumo de alimentos, está permitindo melhor entendimento de diversos fatores genéticos ou adquiridos e que estão relacionados à saciedade e ao controle do apetite, ao grau de controle da eficiência com que a energia é gasta ou armazenada no organismo humano e à adipogênese (Palou et al. 2000).

Recentes avanços na área de endocrinologia e metabolismo revelam que o adipócito não é apenas uma célula cuja função é armazenar energia, mas sintetiza e libera proteínas e agem como hormônios que controlam o balanço energético (Mora & Pessin, 2002), dentre os quais incluem-se a adiponectina, o fator de necrose tumoral alfa (TNF- α), alguns hormônios sexuais, a interleucina-6 e a leptina.

Como componente endócrino, pode-se afirmar que a leptina é o que mais está sendo estudado. Ela é uma proteína que, estruturalmente, está relacionada como membro da família das citocinas (Madej et al. 1995; Zhang et al. 1997), é produzida pelo próprio tecido adiposo e transmite informações sobre a quantidade de gordura corporal estocada para o cérebro (Hinney et al. 2000). Está diretamente envolvida na regulação da saciedade e do gasto energético (Gale et al. 2004), atuando no hipotálamo e em vários órgãos periféricos, mediados por receptores específicos (Palou et al. 2000). Também apresenta concentrações significativamente reduzidas em pessoas anoréxicas de ambos os sexos, sejam elas adultas (Hebebrand et al. 1997; Mantzoros et al. 1997; Wabitsch et al. 2001; Bouchard et al. 1990) ou jovens (Ricquier et al. 2000; Palou et al. 1998).

Outras proteínas estão sendo mais bem estudadas, como a adiponectina, a resistina, a grelina, o peptídeo YY3-36 (Gale et al. 2004) e os UCP (*Uncoupling Proteins*), que são proteínas que “governam” o uso de energia durante a oxidação mitocondrial dos nutrientes (Fleury et al. 1997) das quais a UCP1 (Gimeno et al. 1997; Boss et al. 1997), a UCP2 (Vidal-Puig et al. 1997; Gong et al. 1997) e a UCP3 (Grinspoon et al. 1996; Kopp et al. 1998; Monteleone et al. 2000), são exemplos de compostos orgânicos, que podem trazer alguma explicação quanto às diferenças de gasto energético e ingestão calórica, assim como do controle do apetite.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aumento na prevalência de obesidade na população jovem nos adverte para a necessidade de adotarmos estratégias que sejam mais efetivas no controle das causas desse acúmulo excessivo de gordura corporal.

Atualmente sabe-se que o componente ambiental é o principal causador da obesidade, mas também não podemos ser simplistas e esquecermos outros fatores, como a produção de alguns hormônios pelo próprio tecido adiposo, que são responsáveis pela diminuição ou aumento do balanço energético e, conseqüentemente, da quantidade de gordura corporal.

Apesar desse aspecto clínico da obesidade, estudos recentes têm revelado que o tecido adiposo não é apenas um órgão com função de armazenamento de energia, mas é um órgão endócrino responsável pela produção de várias proteínas que agem como hormônios responsáveis pela regulação do balanço energético, que são chamados, coletivamente, de adipocinas que controlam os processos inflamatórios e ateroscleróticos relacionados à obesidade.

Diante do exposto, na medida em que já estão esclarecidos alguns aspectos ambientais que levam à obesidade, o conhecimento de fatores biológicos moduladores do controle alimentar e do gasto energético, ainda é novo e levará algum tempo para que sejam mais entendidos. Daí a importância da existência de estudos tanto de caráter sócio-comportamentais como experimentais, para que a ciência progrida no sentido de fornecer maiores elucidações no sentido de obtermos maior efetividade no controle desse distúrbio que vem crescendo e já atingiu proporções epidêmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Boss, O., S. Samec, *et al.* Uncoupling protein-3: a new member of the mitochondrial carrier family with tissue-specific expression. FEBS Lett, v.408, n.1, May 12, p.39-42. 1997

Bouchard, C., A. Tremblay, *et al.* The response to long-term overfeeding in identical twins. N Engl J Med, v.322, n.21, May 24, p.1477-82. 1990

Bouchard, C. The obesity epidemic: introduction. In: C. Bouchard (Ed.), *Physical activity and obesity*. Champaign, IL: Human Kinetics Book; 2000. p. 3- 20.

Fernandes, R. A.; Nogueira, A.; Bonfim, M. R. ; Freitas Jr, I. F. . Hábito alimentar e nível de prática de atividade física de meninos eutróficos e obesos. *Revista da educação física*, v. 17, p. 45, 2006.

Field AE, Austin S.B., et al. Relation between dieting and weight change among preadolescents and adolescents. *Pediatrics* 2003;112(4):900-6.

Gale, S. M., V. D. Castracane, et al. Energy homeostasis, obesity and eating disorders: recent advances in endocrinology. *J Nutr*, v.134, n.2, Feb, p.295-8. 2004

Gimeno, R. E., M. Dembski, et al. Cloning and characterization of an uncoupling protein homolog: a potential molecular mediator of human thermogenesis. *Diabetes*, v.46, n.5, May, p.900-6. 1997

Gong, D. W., Y. He, et al. Uncoupling protein-3 is a mediator of thermogenesis regulated by thyroid hormone, beta3-adrenergic agonists, and leptin. *J Biol Chem*, v.272, n.39, Sep 26, p.24129-32. 1997

Grinspoon, S., T. Gulick, et al. Serum leptin levels in women with anorexia nervosa. *J Clin Endocrinol Metab*, v.81, n.11, Nov, p.3861-3. 1996

Guo SS, Wu W, Chumlea WC, Roche AF. Predicting overweight and obesity in adulthood from body mass index values in childhood and adolescence. *Am J Clin Nutr* 2002;76(3):653-8

Hebebrand, J., W. F. Blum, et al. Leptin levels in patients with anorexia nervosa are reduced in the acute stage and elevated upon short-term weight restoration. *Mol Psychiatry*, v.2, n.4, Jul, p.330-4. 1997

Hinney, A., H. Remschmidt, et al. Candidate gene polymorphisms in eating disorders. *Eur J Pharmacol*, v.410, n.2-3, Dec 27, p.147-159. 2000

Kopp, W., W. F. Blum, et al. Serum leptin and body weight in females with anorexia and bulimia nervosa. *Horm Metab Res*, v.30, n.5, May, p.272-5. 1998

- Madej, T., M. S. Boguski, *et al.* Threading analysis suggests that the obese gene product may be a helical cytokine. FEBS Lett, v.373, n.1, Oct 2, p.13-8. 1995
- Mantzoros, C., J. S. Flier, *et al.* Cerebrospinal fluid leptin in anorexia nervosa: correlation with nutritional status and potential role in resistance to weight gain. J Clin Endocrinol Metab, v.82, n.6, Jun, p.1845-51. 1997
- Monteleone, P., A. Di Lieto, *et al.* Circulating leptin in patients with anorexia nervosa, bulimia nervosa or binge-eating disorder: relationship to body weight, eating patterns, psychopathology and endocrine changes. Psychiatry Res, v.94, n.2, May 15, p.121-9. 2000
- Palou, A., C. Pico, *et al.* The uncoupling protein, thermogenin. Int J Biochem Cell Biol, v.30, n.1, Jan, p.7-11. 1998
- Palou, A., F. Serra, *et al.* Obesity: molecular bases of a multifactorial problem. Eur J Nutr, v.39, n.4, Aug, p.127-44. 2000
- Stubbs RJ, Hughes D.A., *et al.* A decrease in physical activity affects appetite, energy, and nutrient balance in lean men feeding ad libitum. Am J Clin Nutr 2004.;79(1):62-9.
- Tartaglia, L. A. The leptin receptor. J Biol Chem, v.272, n.10, Mar 7, p.6093-6. 1997
- Vidal-Puig, A., G. Solanes, *et al.* UCP3: an uncoupling protein homologue expressed preferentially and abundantly in skeletal muscle and brown adipose tissue. Biochem Biophys Res Commun, v.235, n.1, Jun 9, p.79-82. 1997
- Wabitsch, M. Overweight and obesity in European children and adolescents: causes and consequences, treatment and prevention. An introduction. Eur J Pediatr, v.159 Suppl 1, Sep, p.S5-7. 2000
- Wang Y, Monteiro CA, Popkin BM. Trends of obesity and underweight in older children and adolescents in the United States, Brazil, China, and Russia. Am J Clin Nutr 2002; 75(6): 971- 7.

Zhang, F., M. B. Basinski, *et al.* Crystal structure of the obese protein leptin-E100. Nature, v.387, n.6629, May 8, p.206-9. 1997

MINI-CURSO 3 – “PEDAGOGIA DAS ATIVIDADES CIRCENSES”

Prof. Dr. Marco Antônio Coelho Bortoleto
(FEF – UNICAMP – CIRCUS)

O Circo nutre-se do corpo e de toda a motricidade que ele propicia para a elaboração de seu produto artístico. Já a Educação Física tem como objeto de estudo o corpo, sua motricidade e toda a cultura corporal que nos envolve. Desta forma, observamos na última década um significativo interesse dos profissionais deste âmbito para com as práticas circenses. Ademais, observamos um incremento substancial da exposição mediática, da valorização e, conseqüentemente, da prática das artes circenses em nossa sociedade, o que aumenta ainda mais o interesse e a necessidade de ampliar nossos conhecimentos sobre este fenômeno.

Reconhecendo este panorama, o presente curso pretende discutir os fundamentos histórico-culturais do Circo, assim como as características atuais da Educação Física, buscando auxiliar na compreensão das relações que começam a ser estabelecidas entre estas partes. Da mesma forma, o curso visa oferecer subsídios teóricos-práticos para que os profissionais possam abordar este tema em suas aulas cotidianas em quaisquer ambientes que elas aconteçam (escola, clubes, academias, etc.). Finalmente, considerando a incipiência do assunto e as dificuldades de encontrar materiais para o desenvolvimento deste tipo de atividade, trata-se da construção artesanal e dos princípios pedagógicos de sua utilização.

MINI-CURSO 4 – “A EPIDEMIOLOGIA DAS DOENÇAS CRÔNICAS NO BRASIL E NO MUNDO: QUAL O PAPEL DA ATIVIDADE FÍSICA?”

Prof. Dr. Mathias Roberto Loch
(Departamento de Educação Física - UEL)

O século XX foi marcado por grandes modificações nos padrões demográficos e epidemiológicos da maior parte da população mundial. As mudanças nos indicadores de saúde ocorridas em uma determinada população caracterizam a chamada transição epidemiológica. Em geral, essa transição ocorre a partir da redução da morbi-mortalidade por doenças infecto-parasitárias, e do aumento da participação das doenças crônicas não transmissíveis (DCNT).

É evidente que as modificações epidemiológicas não aconteceram na mesma proporção em todo o mundo. Também não se pode ignorar que essas mudanças estão intimamente associadas às modificações nos quadros demográficos, econômicos e sociais. No caso brasileiro - e de outros países da América Latina – o modelo de transição epidemiológica é denominado de misto ou polarizado, uma vez que “novos” problemas de saúde (entre as quais estão as doenças do aparelho circulatório, os cânceres e o Diabetes Mellitus) convivem com “velhos” problemas (dengue, por exemplo). Isso exige que o Brasil enfrente o desafio da coexistência de novos e velhos agravos, já que a magnitude das doenças infecto-parasitárias continua elevada, ao mesmo tempo em que a incidência das DCNT aumenta de maneira significativa, em todos os níveis econômicos.

Dados oficiais brasileiros (disponíveis em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2006/matriz.htm#mort>, acessado em 01 de setembro de 2007) apontam que atualmente boa parte dos óbitos totais acontecidos todos os anos em nosso país acontecem em função das DCNT. Além disso, essas são doenças responsáveis por um número importante de mortes precoces e por altos custos relacionados ao tratamento e invalidez.

Com o atual quadro de saúde brasileiro, aumentou-se a necessidade de atuação não somente sobre o desfecho em si (geralmente morbidade e morte), mas também sobre as causas destes. Nesse sentido, o estudo dos comportamentos relacionados à saúde e seus determinantes vêm ganhando especial atenção.

Segundo vários documentos nacionais e internacionais, a inatividade física está entre os principais fatores de risco para as DCNT. Já há algum tempo parece estar claro que a prática regular de atividade física pode agir como um importante fator de proteção e

de reabilitação para uma série dessas doenças. Essa idéia é fundamentada em uma série de evidências epidemiológicas e clínicas que em geral apontam para o fato de que pessoas praticantes regulares de atividade física apresentam melhores indicadores de saúde que seus pares menos ativos.

Apesar de poucas pessoas duvidarem que a prática de atividade física é de fato benéfica para a saúde, a maior parte delas não apresenta níveis adequados de prática de atividade física. Isso reforça a idéia que a adoção ou não de determinados comportamentos é mediada por uma complexa interação de variáveis, e que o comportamento humano reflete os valores, as atitudes e as oportunidades de cada indivíduo.

Nesse sentido, um grande desafio das pessoas preocupadas com a questão da saúde brasileira é fazer com que a população adote hábitos considerados saudáveis (isso inclui a prática de atividade física), o que exige uma compreensão mais aprofundada do comportamento humano e seus determinantes. Com essa compreensão, estratégias mais efetivas poderão ser criadas e o aumento do nível de atividade física das pessoas, em combinação com outros comportamentos, poderá contribuir na melhora do quadro epidemiológico brasileiro.

MESA-REDONDA – “SONHOS E DESAFIOS DE IDENTIDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DAS CIÊNCIAS HUMANAS”

Prof. Dr. Silvino Santin
(UFSM)

“Filosofando pelos caminhos da identidade da educação física”

A filosofia, em princípio, não tem a competência para definir em que consiste a identidade da educação física. Entretanto, a reflexão filosófica poderá apontar possíveis caminhos que levem a construir uma identidade. Num primeiro momento, com base na hermenêutica heideggeriana, é preciso escutar as palavras. Elas falam, antes de serem faladas. E as palavras, **educação física**, não deixam dúvidas, trata-se de uma ação pedagógica referente ao físico. Mas esta compreensão não é uma conclusão, ela precisa de outros desdobramentos. E são múltiplos. Vejamos, se falamos em ação educativa, preciso pensar as teorias pedagógicas, e quando falamos do físico, devemos entender o aspecto corporal em oposição às faculdades cognitivas? Então é preciso conhecer o corpo humano a fim de estabelecer o tipo de atividades e como devem ser desenvolvidas. Essas atividades, certamente, têm objetivos específicos, por exemplo, o desenvolvimento e aperfeiçoamento corporais para bem viver ou para aumentar potencialidades em função de um sistema produtivo. O corpo seria sujeito ou objeto da educação física. Além disso, a educação física completaria sua identidade com o compromisso social e pela especificidade científica. E, por fim, uma pergunta, talvez, a mais desafiadora: é possível estabelecer uma única identidade da educação física, ou seria mais correto pensar em diversas identidades? Aqui, provavelmente, se instala a tarefa mais séria do filosofar.

Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho
(UFRGS)

“Sonhos e Desafios de Identidade da Educação Física a partir da Epistemologia e da Ética”

A Educação Física vive um momento de incertezas e mudanças. Os documentos internacionais indicam que existe um declínio acentuado no estatuto da Educação Física. Este se manifesta no questionamento de sua obrigatoriedade nos currículos escolares, na

redução do número de aulas semanais, na inadequação e insuficiência de instalações e de materiais e no rebaixamento da qualidade profissional. Tal situação está em parte relacionada às novas demandas sociais que se colocam sob a responsabilidade da escola. É necessário, todavia, que nos perguntemos: Por que a Educação Física, outrora considerada parte importante se não fundamental do processo educativo, tem sido uma das áreas mais criticadas e ameaçadas? A resposta para isto talvez esteja na dificuldade, como acadêmicos e profissionais, de encontrarmos soluções satisfatórias para os problemas colocados sob nossa responsabilidade.

Na atualidade, a área da Educação Física defronta-se com uma realidade complexa que exige um repensar dos seus fundamentos epistemológicos. Problemas até então pouco considerados, como a violência, as drogas, a discriminação sexual e racial, a exclusão social, a marginalização dos portadores de necessidades especiais e o meio ambiente, estão na ordem do dia. Pesquisadores em diferentes países têm questionado os paradigmas científicos da modernidade, em busca de novas formas de pensar a natureza, as relações sociais e a subjetividade humana. Para enfrentar estes desafios e realizar ações efetivas na realidade social, são necessários pesquisadores e profissionais que tenham elevada competência técnico-científica e que estejam profundamente comprometidos com a construção da cidadania.

Há, no entanto, um outro aspecto sem o qual um projeto educativo perderia o sentido. Trata-se do equacionamento filosófico da educação, em especial o seu significado ético. É nessa dimensão que a educação atinge a sua maior relevância. É necessário estarmos cientes de que co-habitamos um mundo paradoxal: “vivemos um tempo onde vemos nossas capacidades ampliadas e intensificadas, onde novas identidades culturais e sociais emergem, em que fronteiras se apagam. Paralelamente, vivemos um tempo de desespero e dor, de homogeneização, de descaracterização dos sujeitos.” Neste tempo, como educadores, estamos moralmente obrigados a fazer perguntas sobre nosso papel e nossa responsabilidade.

Deste modo, um dos desafios mais difíceis colocados à educação atual é articulá-la com um projeto político e social que tenha como base a dignidade humana, a igualdade, a justiça, o convívio com as diferenças e a perspectiva de um destino comum. Neste enfoque, a Educação Física deve ser vista como um componente educativo que, em conjunto com outras práticas humanas, contribua para a concretização desse projeto existencial humano.

Palavras-chave: educação física, ética, epistemologia.

PALESTRA – “COMO EVITAR O OVERTRAINING EM SEU ALUNO”

Prof. Dr. Valmor Tricoli

(Escola de Educação Física e Esporte – USP)

Para facilitar o entendimento, este resumo está organizado de maneira estruturada a respeito do tema proposto. Assim, os seguintes aspectos são abordados: definição, sintomas, causas, tratamento da síndrome de *overtraining* e recomendações.

1- Definição

A síndrome do *overtraining* (SOT), algumas vezes chamada de síndrome da queda inexplicável no desempenho, pode ser definida como uma queda no desempenho físico-esportivo por tempo prolongado resultando em fadiga crônica, alteração do estado de humor e presença de infecções. É uma condição relativamente freqüente entre atletas de alto rendimento.

Já a síndrome de *overreaching* (algumas vezes chamada de *overtraining* de curta duração) é definida como uma queda de curta duração no desempenho sem a presença de sintomas sistêmicos. Após alguns dias de descanso ou de treinamento menos intenso, o indivíduo se recupera (algumas vezes num nível de desempenho mais elevado). Apesar de existir uma clara diferença entre *overtraining* e *overreaching*, algumas vezes fica difícil separar os sintomas de *overreaching* dos primeiros sinais de *overtraining*.

A SOT é mais comumente observada entre atletas de modalidades esportivas individuais de longa duração (ciclismo, corrida, natação, remo) durante a fase competitiva da temporada. Eventualmente, ela pode ocorrer também em atletas de sub-elite e até mesmo em nível não profissional, mas por razões óbvias é menos estudada e diagnosticada.

2- Sintomas

A SOT é mais facilmente detectada pela diminuição no desempenho e alterações no estado de humor do que pelas alterações nas funções fisiológicas ou imunológicas (Shephard, 1998). Contudo, pequenas infecções, sintomas de resfriado e garganta inflamada podem ser indicativos da SOT.

A seguir estão listados os sintomas mais comuns (Budgett et al., 2000; Smith, 2004; Gleeson, 2002): excesso de fadiga durante o treinamento, músculos doloridos e rígidos, desequilíbrios no humor, falta de energia, perda do apetite, perda da libido, perda da vontade de competir, distúrbios no sono, alteração na freqüência cardíaca e pressão arterial de repouso, perda de peso corporal, recuperação demorada, percepção de esforço

aumentada, baixa motivação, diminuição na concentração, aumento da ansiedade e apatia geral.

Apesar de todos estes sintomas relacionados à SOT, existe uma dificuldade muito grande no seu diagnóstico.

3- Causas

As verdadeiras causas da SOT ainda não são muito claras. Parece que o treinamento intensivo e a participação freqüente em competições podem gerar aumento ou queda no desempenho físico-esportivo.

Um período prolongado de alto volume/intensidade de treinamento e competições combinado com tempo insuficiente para a recuperação pode desencadear a SOT. Assim, percebe-se que o atleta casual, aquele que não tem grande compromisso com o calendário competitivo e o processo de treinamento tem menor risco de desenvolver esta síndrome.

Tradicionalmente a SOT é investigada do ponto de vista fisiológico mas existe ainda o papel dos estressores fora do contexto do treinamento que são difíceis de identificar. Fatores sociais, estilo de vida, estudos, pressão externa para vencer, perfeccionismo, personalidade compulsiva e má informação técnica podem contribuir (Meehan, 2005). Assim, algumas vezes é importante alterar o padrão de treinamento quando o atleta apresentar algum tipo de estresse ou problema fora do ambiente de treino.

O trauma crônico (semelhante à lesão por *overuse*) nos diferentes tecidos corporais tem sido também mencionado como uma possível causa da SOT (Smith, 2004). Dores musculares e articulares, a presença de marcadores no sangue como a creatina quinase e marcadores de inflamação dão suporte a esta hipótese.

Outros fatores que podem aumentar o risco de desenvolvimento da SOT incluem hábitos alimentares inadequados, aumentos repentinos na carga de treinamento, treinamento intenso e monótono, treinamento excessivo após recuperação de uma lesão e atividade esportiva demasiadamente unilateral, especialmente para os mais jovens.

4- Tratamento

A recuperação da SOT pode levar semanas ou até meses dependendo de sua gravidade. Normalmente os sintomas desaparecem dentro de 6-12 semanas de treinamento menos intenso.

Tratamento de *overreaching*: 2-3 dias de descanso completo seguido de uma redução na intensidade e/ou volume de treino (30-40%) por 1-2 semanas.

Tratamento de *overtraining*: descanso completo por uma semana, limitar treino semanal a no máximo três sessões de baixa intensidade/volume e progredir gradualmente para sessões mais longas nas próximas 6-12 semanas.

5- Recomendações

Para tentar evitar a SOT é preciso entender o que ela é, determinar uma forma de detectá-la, planejar e avaliar regularmente, intervir e reavaliar.

Desta forma, alguns cuidados como monitorar constantemente o desempenho e o estado psicológico (estado de humor) do atleta, planejar e periodizar o processo de treinamento, manter um diário de treinamento, cuidar dos aspectos nutricionais e ficar atento a infecções devem estar presentes no processo de preparação dos atletas.

MESA-REDONDA – “CREF/CONFED: IMPLICAÇÕES CONSTITUCIONAIS NO CENÁRIO ATUAL”

Prof. Dr. João Batista A.G. Tojal

(Vice-Presidente do CONFED / Presidente da Comissão de Ética do CONFED)

A palestra visa estabelecer quais são os princípios constitucionais que levaram a que ocorresse em 1º de setembro de 1998, pela Presidência da República a aprovação da Lei Federal 9696/98 que reconheceu a Profissão de Educação Física no Brasil possibilitando assim a implantação dos respectivos Conselhos Federal e Regionais de Educação Física. São apresentadas diferentes condições sobre a questão de adequação a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, quando trata no título I dos direitos e garantias fundamentais e dos direitos e deveres individuais e coletivos. É abordado ainda no capítulo II em itens do artigo 5º a existência de liberdade para o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, desde que atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer e também que a Lei não prejudicará o direito adquirido, a coisa julgada e o ato jurídico perfeito. É destacado no capítulo II que cabe a União organizar, manter e executar a inspeção do trabalho; organizar o sistema nacional de emprego e condições para o exercício de profissões. Como se trata de analisar a questão do Sistema CONFED/CREFs, é apresentada a Lei Federal 9696/98 que Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física, a qual em seu artigo 1º estabelece que o exercício das atividades de Educação Física e a designação de Profissional de Educação Física é prerrogativa dos profissionais regularmente registrados nos Conselhos Regionais de Educação Física e em seu artigo 2º define quais serão os profissionais que terão direito a se inscreverem nos quadros dos Conselhos Regionais de Educação Física. Nessa fala é apresentado o que são profissões regulamentadas e Conselhos de Profissão no Brasil, relacionando todas as profissões que oferecem riscos a sociedade e que sofreram a regulamentação. Numa segunda etapa são apresentadas as características, objetivos e demais condições da Educação Física caminhando no sentido de demonstrar as diferentes intervenções profissionais e os campos de atuação para os profissionais de Educação Física. Na seqüência é apresentada a definição de que existe uma Profissão e nela dois profissionais graduados (bacharéis e Licenciados) estabelecendo-se seus campos de atuação. Na etapa final da palestra é apresentada qual a Missão e Dever do Sistema CONFED/CREFs, e quais são as motivações e perspectivas futuras para a Profissão, e também como devem se

desenvolver as políticas públicas para o atendimento e atenção a complexidade do humano na área da saúde e visando encerrar é feita uma provocação: Implicações Constitucionais no cenário atual do Sistema CONFEF/CREFs, existem?

Prof. Dr. José Maria de Camargo Barros
(Representante do CREF)

O palestrante não enviou resumo de sua palestra.

APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

RESUMOS

Área: Treinamento e Saúde

CARACTERÍSTICAS ANTROPOMÉTRICAS E POTÊNCIA AERÓBIA DE JOGADORAS DE FUTEBOL NO PERÍODO COMPETITIVO

Agnes Jacqueline Barbui – UFSCar (agnesbarbui@hotmail.com); Rita de Cássia Medeiros Meirelles – UFSCar (ritameirelles@superiq.com.br); Alexandre Ramello – UFSCar (alexandre.ramello@bol.com.br)

Introdução: No ano de 2006, a brasileira Marta que atua no exterior pelo Umea, equipe da Suécia, foi eleita pela FIFA a melhor jogadora do mundo (UOL ESPORTES, 2007). Infelizmente, este título não foi suficiente para melhorar a estrutura do futebol feminino no Brasil, pois muito se faz necessário realizar. Fato este, constatado no âmbito científico, cujas informações são escassas dificultando ainda mais o planejamento do treinamento físico para a modalidade. Sendo assim, em busca de novos conhecimentos, procurou-se neste trabalho mapear as características antropométricas e avaliar o consumo máximo de oxigênio (VO_2 máx.) das atletas, bem como comparar o VO_2 máx. entre as diferentes posições. **Metodologia:** A amostra foi composta por 21 jogadoras de elite de futebol de campo, sendo que 5 delas já compuseram a Seleção Brasileira. Destas temos, 2 goleiras (GO), 3 zagueiras (ZA), 4 laterais (LA), 4 meio-campista (MC) e 4 atacantes (AT). Foram mensurados peso (PC), altura (ALT) e dobras cutâneas para cálculo do percentual de gordura corporal (% GC) e aferido indiretamente o VO_2 máx. pelo teste de 3200 m. **Resultados:** A média de PC (Kg) foi de 60,3 ($\pm 6,03$), ALT (cm) de 167,3 ($\pm 6,8$), %GC foi 15,00 ($\pm 2,9$) e, para o teste de VO_2 máx. (ml/Kg.min) encontramos uma média de 51,11 ($\pm 3,25$) para equipe e para GO (49,3 $\pm 0,1$), ZA (50,0 $\pm 1,14$), LA (50,2 $\pm 5,08$), MC (54,6 $\pm 0,92$) e AT (50,5 $\pm 0,73$). **Conclusão:** As atletas apresentaram %GC adequado para o período avaliado. O VO_2 máx. da equipe não pode ser comparado com os relatados pela literatura devido as diferentes metodologias de avaliação. Não houve diferença estatística entre as posições, mas, observamos que GO < ZA < LA < AT < MC ml/Kg.min. Os dados encontrados não são suficientes, mas podem ser utilizados como parâmetros de treinamento para outras equipes.

VOLEIBOL: TÉCNICAS E TÁTICAS

Alexandre Kolbe, Milton Vieira do Prado Junior

LAPEF- Depart. De Educação Física – FC- UNESP – Campus Bauru – kolbe@fc.unesp.br

Introdução: O voleibol, atualmente vem se tornando um esporte cada vez mais popular e transformando numas das paixões nacionais. Desta forma, o interesse em conhecer as características do jogo e de seus praticantes vem aumentando entre os professores, técnicos e pesquisadores da área. **Objetivo:** analisar a organização tática de equipes de voleibol, masculino e feminino, em uma competição em nível regional do Estado de São Paulo e relacionou a tática com o desempenho técnico dos jogadores da equipe. **Metodologia:** Participaram jogadores de 10 equipes masculinas e 10 com equipes femininas na categoria sub – 21, participantes dos jogos regionais de Bragança Paulista e foram filmados 20 sets para posterior análise. Os dados foram comparados através do sistema tático utilizado e desempenho dos fundamentos do jogo de voleibol (saque, recepção, levantamento, cortada, bloqueio). Para facilitar esta análise, separamos em dois grupos, os vencedores e os perdedores. **Resultados:** Quanto ao sistema tático, a maioria das equipes utilizou o sistema 5x1, com líbero. Porém, ficou evidente em muitas equipes a falta de organização dos jogadores na quadra e a dificuldade na execução técnica dos fundamentos. Por exemplo, o jogador líbero cometendo erros seguidos na execução da recepção, função prioritária deste jogador. Comparando os erros totais das variáveis analisadas, obtivemos como resultado que as equipes vencedoras erram menos com diferença significativa, $p < 0,05$. Ao compararmos cada variável separadamente, observamos equipes vencedoras realizaram mais recepções e mais saques e também obtiveram menor erro nos levantamentos e nos bloqueios, $p < 0,05$. **Conclusão:** Concluímos que, para os técnicos adotarem o sistema 5x1, mesmo sendo o mais avançado e utilizado em equipes de alto nível, é necessário a análise dos fundamentos técnicos de seus jogadores visando melhorar o desempenho de sua equipe. Portanto, neste estudo, para algumas equipes o sistema tático adotado não estava adequado o nível de desempenho dos jogadores.

O TRABALHO DA NATAÇÃO COM PORTADORES DE DEFICIÊNCIA VISUAL

Ana Carolina Raymundo Iglésias¹, Ana Paula Oliveira¹, Reginaldo Cardoso¹, Mariângela de Oliveira Zanin²; UNORP¹; UNIFAIMI E UNILAGO²;
mazanin@ig.com.br

Introdução: O presente estudo buscou verificar os procedimentos utilizados para a inserção do deficiente visual (dv) na natação. Acredita-se que este tipo de trabalho pode contribuir para a compreensão, conscientização e divulgação do trabalho realizado pelo professor de educação física com os portadores de deficiência visual, no contexto do desporto adaptado para a natação. **Metodologia:** Para o desenvolvimento dessa pesquisa, utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica em torno dos benefícios da natação para o deficiente visual e uma pesquisa de campo, com observação das aulas de natação e entrevista com um profissional acerca dos procedimentos por ele utilizado para a elaboração, desenvolvimento e resultados positivos da aula de natação para dv. **Resultados:** Segundo o profissional, que há algum tempo trabalha com natação para dv, a metodologia adequada para esse público deve se preocupar com o desenvolvimento da estimulação, da expressão e da conscientização corporal do aluno. Com crianças entre 6 e 11 anos, o professor trabalha com a iniciação esportiva; para jovens e adultos, após o trabalho da iniciação, ele inicia o trabalho de treinamento. O professor aponta a existência e a importância da cooperação nas aulas entre os dv, como forma de fortalecer vínculos e trabalhar o aspecto emocional, para auto-estima e auto-confiança. Nesse sentido, a execução dos movimentos funciona como obstáculos de superação. O profissional aponta também a importância da atenção do professor em se verificar o grau de percepção e consciência do aluno para a estimulação, a aprendizagem e/ou treinamento do dv, como forma de adaptá-lo mais fácil e rapidamente ao meio líquido. **Conclusão:** Conclui-se que a educação física muito pode e deve contribuir nas possibilidades de movimentos e expressão de seus adeptos, e, que o profissional envolvido e seu conhecimento adquirido são de suma importância para a inserção e o desenvolvimento de pessoas com deficiências nos desportos.

AVALIAÇÃO DA FIDEDIGNIDADE DOS APARELHOS AUTOMÁTICOS PARA AFERIÇÃO DA PRESSÃO ARTERIAL EM PACIENTES HIPERTENSOS

Camila André Pereira, Guilherme Borges Farçoni, Henrique Luiz Monteiro, Sandra Lia do Amaral, Departamento de Educação Física, UNESP, Bauru.

mila_cap@yahoo.com.br

Introdução: A hipertensão arterial é uma doença assintomática e multifatorial, resultante de desequilíbrio no sistema responsável pela manutenção do fluxo e volume sanguíneos. A manutenção de níveis pressóricos elevados provoca alterações estruturais e funcionais, que contribuem para elevar as taxas de morbimortalidade. Estima-se que 35% seja hipertensa. Para que estas pessoas possam controlar diariamente sua pressão arterial (PA), é preciso que elas se desloquem até uma unidade de saúde, o que é muitas vezes complicado. Com isso, houve um aumento da procura por aparelhos automáticos e maior disponibilização pelas indústrias tecnológicas, no entanto pouco se sabe sobre sua confiabilidade. O objetivo deste trabalho foi comparar as medidas de PA realizadas por meio de aparelhos automáticos e manuais. **Metodologia:** Foram avaliados 9 indivíduos ($67,3 \pm 3$ anos), ambos os sexos e hipertensos. PA foi aferida aleatoriamente, por meio de dois tipos de aparelhos manuais: coluna de mercúrio (Mm) e aneróide (Ma) e dois automáticos: braço (Ab) e punho (Ap) após 10 min de repouso. Foram utilizadas análises de variância de um caminho e correlação de Pearson, $p < 0,05$. **Resultados:** Os valores de PA sistólica (PAS) foram semelhantes (122 ± 2 , 121 ± 2 , 113 ± 4 , 112 ± 3 mmHg, para Mm, Ma, Ab, Ap, respectivamente). A PA diastólica (PAD) também foi semelhante entre os grupos. Para se avaliar a fidedignidade, valores de PAS e PAD, registrados pelos diferentes aparelhos, foram correlacionados com o Mm. Houve correlação entre as aferições de PA entre Mm e Ma ($r=0,99$ e $r=0,94$, para PAS e PAD, respectivamente), e entre Mm e Ap ($r=0,84$ e $r=0,88$, para PAS e PAD, respectivamente). **Conclusões:** Os resultados sugerem que os aparelhos Ab não são confiáveis, uma vez que não se correlacionaram com os valores obtidos pelo Mm. Por outro lado, a boa correlação observada entre os Ap e Mm sugere que eles podem ser utilizados para pacientes hipertensos.

EFEITO AGUDO DA FORÇA ISOMÉTRICA MÁXIMA SOBRE SALTO HORIZONTAL: ESTUDO REALIZADO EM ATLETAS UNIVERSITÁRIOS

Carlos Alberto Gomes Barbosa, Henrique Luiz Monteiro, Ivan da Cruz Piçarro
carlosqbarbosa@hotmail.com

Introdução: O salto horizontal é determinado pela força absoluta, força relativa, quantidade de fibras de contração rápida, tamanho dos braços de alavancas, recrutamento de fibras musculares, energia elástica acumulada e peso corporal. O aquecimento sem princípios científicos adequados acarreta muitas vezes fadiga prematura ou limiares aquém das reais necessidades de performance atlética. Portanto, o objetivo desta pesquisa foi verificar o efeito agudo da força isométrica máxima durante o aquecimento, sobre salto horizontal parado. **Metodologia:** Fizeram parte da pesquisa 10 atletas do sexo masculino, com idades entre 20 e 34 anos. No primeiro dia os voluntários realizaram *Aquecimento Padrão* (AP), caracterizado por exercícios gerais e específicos, seguidos do teste de salto horizontal parado (SHP), com tentativas executadas após 1, 3, 5 e 7 minutos do término do aquecimento. Em dia subsequente, realizaram o AP, seguido de *força máxima isométrica* (APFMI) durante dez segundos, e após SHP. As comparações do pré e pós-testes foram analisadas mediante o teste *t de Student de amostras dependentes* para $P \leq 0,01$. **Resultados:** Na primeira fase da avaliação, com AP, não houve diferença significativa em relação à primeira tentativa com as demais (T1: 2,01±0,18m, T3: 1,99±0,21m, T5: 2,05±0,21m e T7: 2,06±0,20m). Contudo, no APFMI os resultados de T1: 2,18±0,18m, T3: 2,22±0,18m, T5: 2,28±0,20m e T7: 2,33±0,19m mostraram que no T5 e T7 houve diferença significativa comparada ao T1. Comparando AP versus APFMI em seus correspondentes, houve em todos, diferença significativa. Da mesma forma, em T1 AP versus T3, T5 e T7 APFMI, T3 AP versus T5 e T7 APFMI, T5 AP versus T7 APFMI. **Conclusão:** Apesar dos resultados de AP e APFMI obedecerem às mesmas tendências progressivas de cada tentativa, as respostas do APFMI mostraram-se muito superiores, tanto para resultados equivalentes às tentativas, quanto em cada um dos resultados comparados em diferentes momentos.

COMPARAÇÃO DOS PARÂMETROS CARDIOVASCULARES DE REPOUSO DE JOGADORES DE FUTEBOL PROFISSIONAIS EM DIFERENTES ALTITUDES

Carlos Rogério Thiengo - thiengo@fc.unesp.br

Introdução: O organismo humano sofre modificações fisiológicas importantes quando exposto a diferentes altitudes. O entendimento destas alterações é de fundamental importância para a prescrição das atividades desportivas. O objetivo deste estudo foi comparar as respostas cardiovasculares de repouso (frequência cardíaca - FC; pressão arterial sistólica - PAS; diastólica - PAD e média – PAM) de jogadores de futebol profissionais em diferentes altitudes. **Metodologia:** Foram avaliados 17 jogadores de futebol profissionais (24 ± 5 anos) nas cidades de Barra Bonita – Brasil (450 metros) e Guadalajara – México (1.540 metros). As respostas cardiovasculares foram mensuradas no período da manhã, após os atletas permanecerem em repouso durante cinco minutos na posição sentada, antes dos mesmos realizarem qualquer tipo de exercícios físicos. A FC foi determinada por um freqüencímetro da marca Polar, modelo T-31 e a PAS e PAD mesurada pelo método auscultatório, utilizando um esfignomanômetro (modelo CE0197) a um estetoscópio (modelo 411) ambos da marca Lane. Para análise dos dados foi utilizado o test t, sendo o nível de significância de 0,05. Os dados foram analisados pelo programa estatístico Statistica 5.1 para Windows. **Resultados:** A FC apresentou queda significativa em seus valores (b.p.m.) médios de 64,9 ($\pm 8,9$) a 450 metros para 58,3 ($\pm 4,9$) a 1.540 metros. Os jogadores apresentaram elevação da PAS de 105,7 ($\pm 9,7$) para 114,1 ($\pm 9,6$) mmHg e, conseqüentemente, aumento da PAM de 80,8 ($\pm 7,1$) para 85,4 ($\pm 7,8$) mmHg, sendo estas modificações significativas. A PAD também se alterou de 68,4 ($\pm 9,7$) para 71,1 ($\pm 9,2$) mmHg, embora sem diferença significativa. **Conclusão:** O monitoramento dos parâmetros cardiovasculares de repouso permite compreender o nível de influência da hipoxia no organismo dos atletas, colaborando para a adequação das atividades as necessidades individuais em diferentes altitudes.

O EFEITO DO ENVELHECIMENTO SOBRE A FLEXIBILIDADE E RESISTÊNCIA MUSCULAR EM MULHERES

Cássio Joaquim Gomes , Fábio Luiz Cheche Pina
Grupo de Estudo e Pesquisa em Metabolismo, Nutrição e Exercício - UEL
- Londrina – PR , Brasil Cassiouel@hotmail.com

Introdução: Nas última décadas a comunidade científica tem se preocupado em estudar o processo de envelhecimento com grande rigor, visto que esta área vem despertando grande interesse, estando associada à inúmeras modificações metabólicas, fisiológicas e neuromusculares. O objetivo deste estudo foi analisar o impacto do envelhecimento sobre a flexibilidade e resistência muscular em mulheres. **Metodologia:** Participaram do presente estudo 411 mulheres sedentárias ou moderadamente ativas (atividade física regular < 2 vezes na semana), divididas em três grupos (G1: mulheres com idade entre 20 a 29 anos; G2: mulheres com idade entre 30 a 39 anos e G3: mulheres com idade entre 40 a 49 anos). Os testes utilizados neste estudo foram sentar-e-alcançar para medir a flexibilidade e o teste abdominal (1 minuto) para medir a resistência muscular. A análise dos dados utilizou estatística descritiva, através de Análise de Variância (ANOVA) para as comparações inter-grupos, seguida pelo teste *post hoc* de Scheffé, sendo $p < 0,05$. **Resultados:** Verificou-se um aumento significativo da flexibilidade nesta população, quando comparado G3 ($31,4 \pm 8,4^b$) com G1 ($27,5 \pm 8,5$). Com relação à resistência muscular, foi observada uma diminuição gradual da resistência muscular quando comparado o G3 ($13,4 \pm 8,7^{b,c}$) ao G1 ($21,6 \pm 10,1$), e a mesma situação ocorreu comparando G2 ($18,7 \pm 10,1^a$) com G1 ($21,6 \pm 10,1$). **Conclusão:** Os resultados do estudo nesta população sugerem que o processo de envelhecimento parece ter um impacto positivo em relação a flexibilidade, mas um impacto negativo sobre a resistência muscular.

MUSCULAÇÃO E O AUMENTO DE INSCRITOS EM ACADEMIA COM SOBREPESO E OBESIDADE

Daniella Camilla Cordão; Milton Vieira do Prado Jr. (miltonjr@fc.unesp.br).
LAPEF - Departamento de Educação Física-FC- Unesp Campus de Bauru

Introdução: É fato nos dias de hoje o aumento expressivo de pessoas com sobrepeso e obesidade. População esta que cada vez mais procura às academias de ginásticas, em especial, a musculação. **Objetivo:** Verificar o número de inscritos na atividade de musculação que se encontra com sobrepeso e obesidade, em dois momentos diferentes. **Metodologia:** Participou do presente estudo 100 indivíduos de uma academia de Bauru-SP, matriculados no I semestre de 2006 e final do I Semestre de 2007, do período noturno. Foram coletados dados de peso e altura; sendo calculado: Índice de Massa Corpórea (IMC) e o percentual de gordura, para aqueles indivíduos classificados com sobrepeso e obesidade no IMC. **Resultados:** Na 1ª coleta, quando calculamos o IMC: 10% eram obesos, 34% sobrepeso, 47% peso normal, 7% abaixo do peso e 2% desnutrido. Analisando percentual de gordura dos 36 alunos que apresentaram sobrepeso e obesidade: 43,75% apresentaram índice de obesidade, 46,8% sobrepeso e apenas 9% apresentaram quantidades consideradas normais de gordura corporal. Na 2ª coleta, quando calculamos o IMC: 6% apresentaram obesidade, 23% sobrepeso, 62% peso normal e 9% abaixo do peso. Analisando o percentual de gordura de 13 praticantes que apresentaram sobrepeso e obesidade: 23,07% apresentaram obesidade, 61,53% sobrepeso e 15,4% percentual normal de gordura. Um dado a destacar é que verificamos entre as avaliações 84% de desistência, ou seja, apenas 16 praticantes permaneceram 2 semestres na academia, e a maioria não foram os obesos. **Conclusão:** Constatamos alto percentual de pessoas com sobrepeso e obesidade que procuram à modalidade musculação, visando combater este quadro. Porém, o nível de desistência da prática é fator preocupante que interfere na obtenção deste objetivo. É necessário, portanto uma maior conscientização, continuidade da prática de exercícios físicos e adequação das aulas de musculação as características desta clientela, incluindo atividades aeróbias para que esta meta seja atingida

PRINCIPAIS MOTIVOS QUE LEVAM AS PESSOAS PRATICAREM ATIVIDADE FÍSICA EM UMA ACADEMIA DE GINÁSTICA LOCALIZADA NA CIDADE DE BAURU-SP.

José Rodrigo Guitti de Almeida –FIB-Bauru – rodrigoguitti@hotmail.com; Daniella Camilla Cordão-UNESP-Bauru -danicordao@yahoo.com.br.

Introdução: Atualmente, verificamos um aumento significativo de pessoas pela prática de atividade física em academias. O objetivo deste trabalho foi de verificar quais os principais motivos que levam uma pessoa a se matricular em academias de ginástica, e após um tempo de prática o que as motivam continuar. **Metodologia:** Este estudo foi realizado em uma academia de ginástica na cidade de Bauru S.P., no qual cem alunos matriculados responderam um questionário com sete perguntas referentes aos motivos pelo qual praticam atividade física. **Resultados:** Verificamos que dos 100 entrevistados, 37% eram do sexo feminino e 63% do sexo masculino. A faixa etária mais encontrada foi de 21 a 30 anos tanto para o público masculino quanto feminino. Já a menos encontrada foi de 41 a 50 anos. Perguntamos aos alunos, quanto tempo eles praticavam atividade física sem interrupção e obtivemos que a maioria se enquadra na faixa de 6 meses a 1 ano. Perguntamos qual era o principal motivo que os levavam a praticar atividade física e os dados encontrados foram que: 10,77% dos alunos procuram fazer exercício físico por prevenção, 4,19% por indicação médica, 13,17% por lazer, 31,13% por estética e 40,11% por condicionamento físico. Perguntamos também para os alunos que praticavam atividade física por mais de três meses o que os motivavam a continuar e obtivemos que: 14,80% continuam pela estrutura da academia, 10,19% pelas amizades, 8,22% pelo atendimento, 12,17% pela qualidade das aulas, 1,97% por recomendação médica, 16,44% por melhoras estéticas, 25% por saúde, 4,27% pelo valor das mensalidades e 6,9% pela distância de casa. **Conclusão:** Concluímos que nesta academia o tempo médio de prática sem interrupção é de até 1 ano, e que o principal motivo que levam as pessoas fazerem atividade física é por condicionamento físico e a maioria dão continuidade por questões de saúde.

IMPACTO DOS EXERCÍCIOS COM PESOS NOS ÍNDICES ANTROPOMÉTRICOS DE GORDURA CORPORAL

Débora Navarro Rocha, Dr. Dartagnan Pinto Guedes - Universidade Estadual de Londrina
UEL - deboranavarrorocha@yahoo.com.br

Introdução: Exercícios com pesos fazem parte de um programa de exercícios para a saúde por proporcionarem benefícios aos seus praticantes, dentre os quais, impacto no condicionamento cardiorrespiratório, reduções da pressão arterial de repouso, alterações favoráveis do perfil lipídico, aumento da sensibilidade à insulina, tolerância à glicose, redução no risco de obesidade, e atenuação da perda óssea associada à menopausa. À medida que se estudam os efeitos dos exercícios físicos, inúmeras adaptações metabólicas são visualizadas, bem como hormonais, cardiorrespiratórias e modificações na composição corporal; porém existem muitos casos de praticantes que o fazem sem prescrição e acompanhamento devidos. Decorrendo desse fato, observamos empiricamente que tal prática aumentaria em longo prazo a relação cintura quadril de praticantes, proporcionado por um aumento na gordura visceral. Sabe-se que a quantificação e distribuição da gordura corporal são um dos componentes mais analisados nos estudos de composição corporal, pois excesso de gordura, principalmente na região central do corpo, constitui-se em um dos mais sérios problemas de saúde da sociedade na atualidade por ser associado às doenças crônico-degenerativas que levam a um aumento da morbidade e redução da longevidade.

Metodologia: Uma pesquisa descritiva foi realizada para investigar tal associação, índices antropométricos e circunferências de cintura e quadril foram coletados de 60 homens entre 35 e 55 anos, além de um questionário com informações acerca de suas práticas físicas.

Resultados: Encontramos aumentos no IMC e na relação cintura quadril dos praticantes de exercícios com pesos comparados aos que não praticaram ou que praticaram outras atividades físicas. **Conclusão:** Esses resultados nos confirmam a hipótese de que existe aumento na relação Circunferência Cintura-Quadril (CCQ) de praticantes de exercícios com pesos.

AVALIAÇÃO DA COMPOSIÇÃO CORPORAL E O NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA DE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR PAULISTA

Emerson Fabiano Silva e Fernando de Paula Freitas, Faculdade Orígenes Lessa
ISEOL/FACOL, emerfabiano@bol.com.br, nandomaranzatto@hotmail.com

Introdução: O excesso de peso é visto como risco à saúde e fator de discriminação, o que pode prejudicar o convívio social e profissional, sendo acentuado nos casos de obesidade. A ausência de atividade física e a dieta inadequada estão fortemente associadas à obesidade. O presente estudo teve como objetivo identificar o nível de atividade física entre escolares do ensino médio de uma escola pública da cidade de Agudos e sua relação com a obesidade. **Metodologia:** Usamos o IMC, DC e PCCQ para a avaliação dos alunos. Os escolares foram avaliados na própria escola, em uma sala reservada para a avaliação. Tal procedimento foi possível devido estarmos realizando estágio supervisionado na mesma escola. **Resultados:** Os resultados demonstram que de acordo com a avaliação de dobras cutâneas, 75% das meninas estão segundo a classificação de percentual de gordura corporal proposto por LOHMAN, 1987 dentro do normal, sendo que, 18,75% das meninas e 66,75% dos meninos está dentro do moderadamente alto e 6,25% das meninas e 33,25% dos meninos está classificado como muito alto. A média do gasto energético das meninas é de 40,8 kcal/kg/dia e dos meninos 40 kcal/kg/dia, sendo que a media do percentual de gordura corporal é de 23,9% de gordura corporal para meninos e de 22,75 % de gordura corporal para meninas segundo SLAUGHTER, 1987. **Conclusão:** Concluindo, ao contrário de outros estudos, os escolares avaliados não se encontram num nível de adiposidade elevado, talvez até por se encontrarem em diferentes fases de ritmo de crescimento e até mesmo no caso dos meninos por praticarem atividades físicas diariamente. Levando em consideração as limitações do estudo quanto à faixa etária e etnia, além dos métodos usados, fazem-se necessários mais estudos, como aprofundamento para que tais indicadores antropométricos possam ser adotados de maneira mais sistemática no nosso meio.

RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE (RMS): UMA POSSIBILIDADE DE ATUAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Gabriela dos Santos - Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

gabi@fc.unesp.br

Introdução: A atividade física e a promoção da saúde são atualmente subáreas da Educação Física de importante destaque no meio científico. No entanto, percebemos que a enorme gama de conhecimento construído, pouco é aplicada a serviço da Saúde Pública.

Metodologia: Dessa forma, diversos programas estão sendo criados e representam alternativas de (re)orientação de modelos de atenção à saúde, e tem dentre suas diretrizes a intersectorialidade e multidisciplinaridade, se apresentando como um possível campo de intervenção do Professor de Educação Física. O atual processo de aproximação das políticas e ações do Ministério da Educação e Cultura, Ministério da Saúde e Conselho Nacional de Saúde, em torno da gestão do trabalho e da educação na saúde, incluindo a instituição e a regulação da RMS, representa valorização do ensino-serviço, a humanização da atenção e a ampliação da concepção e prática da integralidade. A regulamentação da RMS como modalidade de formação em serviço, pós-graduação *lato sensu* é fundamental no preparo de profissionais qualificados para a atenção à saúde da população brasileira e para a reorganização do processo de trabalho em saúde na direção dos princípios e diretrizes constitucionais do SUS.

Resultado: A atual regulamentação dá suporte a espaços já existentes de educação no trabalho, e reconhece a importância de qualificar todas as profissões da saúde.

Conclusão: A Educação Física faz parte destas profissões e possui requisitos fundamentais para ampliar seu papel com conteúdos e abrangências, possibilitando articular ações interativas rumo à melhoria da qualidade de vida das pessoas envolvidas em um projeto de promoção em saúde, abarcando todas as suas potencialidades. Também é preciso vislumbrar outras estratégias que ampliem as possibilidades da atividade física ser incorporada de forma mais sistematizada e ampliada, na atenção à saúde, valorizando o conhecimento da área de Educação Física na construção do SUS.

**MODELOS DE VÍDEO E MOVIMENTO BIOLÓGICO NA APRENDIZAGEM DA PARADA DE MÃOS:
ANÁLISE TÉCNICA ESPECIALIZADA DA PERFORMANCE**

Juliana Gomes Jardim, Vânia Maria Castello, Sérgio Tosi Rodrigues – Laboratório de
Informação, Visão e Ação (LIVIA) – Universidade Estadual Paulista, UNESP

Campus de Bauru – julianaqjardim@yahoo.com.br

Introdução: A avaliação da performance motora, com base na inspeção visual de arquivos de vídeo por especialistas, é uma alternativa à análise cinemática e pode revelar detalhes e aspectos globais do movimento do aprendiz. O objetivo do presente estudo foi testar a hipótese de aprendizagem observacional a partir de condições de vídeo completo (VC) e pontos de luz (PL). O pressuposto foi que iniciantes poderiam obter informação invariante, suficiente dos vídeos que continham uma modelo executando a parada de mãos, independentemente da condição. **Metodologia:** Dezesesseis participantes divididos nos grupos VC e PL executaram 100 repetições da tarefa, assistindo três vezes à respectiva demonstração a cada bloco de 10 tentativas de prática. Um teste de retenção foi executado 30 minutos após a última tentativa da aquisição. Cada tentativa foi gravada em vídeo digital e submetida, em ordem randômica, à análise de duas especialistas em Ginástica Artística. Os **resultados** indicaram que: (i) Os grupos VC e PL apresentaram performances similares nas fases de aquisição e retenção; (ii) houve melhora significativa da performance ao longo da fase de aquisição. **Conclusão:** Os dados obtidos mostram que a percepção visual do movimento biológico ofereceu informação suficiente sobre a ação da modelo para que os grupos fossem capazes de apresentar melhoria semelhante na performance, corroborando a hipótese investigada.

Apoio: CNPq/PIBIC

LESÕES NO HANDEBOL

Juliana Roncada – UNESP/Bauru e FEF/UNICAMP; Vânia Castello – UNESP/Bauru e FEF/UNICAMP; Profa. Dra. Lílian Aparecida Ferreira – DEF/UNESP/Bauru
julydodani@hotmail.com

Introdução: Na mídia a prática esportiva é associada à melhora da qualidade de vida. Porém, o que nem sempre se fala é que a prática inadequada de esportes pode resultar em lesões. Com isto, este trabalho analisou as lesões de atletas de handebol masculino de uma renomada equipe da capital paulista. **Metodologia:** Os dados foram coletados durante os treinos das categorias juvenil, júnior (19 atletas no total, sendo que estas duas categorias treinam juntas) e adulto (20 atletas), através de questionário aberto. **Resultados:** Os resultados mostraram que: a) Nas categorias juvenil e júnior, treze já sofreram algum tipo de lesão. Oito tiveram uma lesão e seis mais de uma. Dentre essas lesões, as ocorrências foram: seis no joelho, cinco no ombro, quatro no tornozelo, três na mão e um nas costas. Seis passaram por cirurgias, sendo: três no joelho, uma nas costas, uma na mão e uma no ombro; b) Na categoria adulto, dois não tiveram nenhum tipo de lesão. Dos lesionados, 11 sofreram mais de uma lesão e sete apenas uma. Dentre essas lesões, as ocorrências foram: onze no joelho, sete no ombro, sete no tornozelo e uma na mão, coluna, braço e pé. Doze passaram por cirurgias, sendo: seis no joelho, três no ombro, duas no tornozelo e uma na mão. **Conclusão:** Analisando os dados é possível observar alto número de lesões entre os entrevistados, revelando problemas que podem estar relacionados à: excesso de treinamento, falha na iniciação esportiva, especialização esportiva precoce, preparação física inadequada, dentre outros. Isso nos alerta para a necessidade de repensarmos os processos de aderência e adesão dos atletas no esporte, bem com, a qualidade de vida dos mesmos. Tais resultados apontam para a urgência em estudos mais aprofundados que nos permitam compreender e, sobretudo, intervir de modo mais adequado neste contexto.

KARATÊ: SAÚDE E AUTO-CONHECIMENTO

Keli Aparecida Frontarolli, Natália Silva Siqueira, Sérgio Tosi Rodrigues – Universidade Estadual Paulista – Campus de Bauru – nataliaedf@yahoo.com.br

Introdução: O projeto Karatê na Unesp oferece à comunidade de Bauru a prática regular da modalidade karatê. Esta prática traz todos os reconhecidos benefícios da atividade física à saúde, somados a melhoria das características de disciplina e auto-controle físico, emocional e mental de seus adeptos. O projeto atende desde crianças, a partir de seis anos de idade, até idosos. Desde seu início, em setembro de 2002, este projeto já beneficiou aproximadamente 140 pessoas, incluindo praticantes presentes e passados. **Objetivos:** Este projeto propõe-se a oferecer a prática sistematizada da arte marcial karatê-do, constituída de exercícios e técnicas específicas da modalidade, assim como reflexões sobre esta arte e suas implicações na vida cotidiana. **Metodologia:** As aulas têm duração de uma hora cada, e são realizadas duas vezes por semana. Estas aulas são constituídas por exercícios educativos de *kihon* (fundamentos), *kata* (simulação de um combate real com vários adversários) e *kumitês* (combate), de forma progressiva, assim como por conteúdos teóricos que são igualmente importantes para a formação do praticante. Os alunos recebem atenção especial de acordo com seu grau de aprendizagem e dificuldades particulares. **Resultados:** A prática desta arte marcial tem favorecido seus beneficiários com melhoria das condições gerais de saúde, assim como do auto-conhecimento. Os praticantes têm apresentado evolução apropriada nas aulas. Um indicativo do sucesso do andamento deste projeto são os excelentes resultados dos alunos nos exames de faixa promovidos pela Federação Paulista de Karatê Tradicional e pela coordenação do projeto. **Conclusão:** Outro resultado a ser destacado é a integração do projeto com pesquisas científicas realizadas com habilidades do karatê.

APOIO: PROEX

O ENSINO DA NATAÇÃO ADAPTADO ÀS CARACTERÍSTICAS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA (PCD)

Luciana Gonçalves Casemiro; Daniella Camilla Cordão; Priscila Julia Garavello; Daiane Pescara, Milton Vieira do Prado Jr. (miltonjr@fc.unesp.br).

LAPEF - Departamento de Educação Física-FC- Unesp Campus de Bauru

Introdução: A água é um ambiente que possibilita a PCD vivenciar estímulos e enriquecer seu repertório motor. Dominar o corpo na água com segurança e adaptar a execução motora às características da PCD é uma meta no ensino da natação para essa população. **Objetivo:** Correlacionar o nível de desempenho na água da PCD com as características do tipo de deficiência. **Metodologia:** Participaram 15 usuários da SORRI-Bauru (7H e 8M), praticantes de natação. Foram analisados os prontuários da Instituição e o desempenho dos alunos na natação. **Resultados:** Verificamos que 9 possuíam deficiência mental leve/moderada (60%), 3 com paralisia cerebral (20%), 1 Síndrome de Down (6%), 1 Deficiência Auditiva (6%) e 1 Deficiência Mental, Física e Visual (6%). Quanto ao desempenho no meio aquático, os participantes com deficiência mental leve (40%) já executam os movimentos do nado crawl e costas, porém, demonstraram dificuldade no entendimento das correções das técnicas e realização de tarefas novas. Os usuários com deficiência mental moderada tiveram dificuldade de manter a atenção e compreensão das informações oral e visual; dificuldade no domínio do corpo na água, consistência de movimentos, flutuação, locomoção e respiração; dois ainda necessitam do apoio do professor. Das três usuárias com paralisia cerebral, duas possuem dificuldade no domínio do corpo (flutuação e respiração), sendo que poucos movimentos (caminhada na água) são executados sem o auxílio do professor; por outro lado, uma das usuárias com este tipo de deficiência executa o mergulho, estilos crawl e costas sem nenhuma dificuldade. A aluna deficiente auditiva demonstrou dificuldade no equilíbrio e no entendimento de habilidades novas. Dois usuários possuem deficiências múltiplas, necessitando de auxílio na execução, embora não demonstrem medo de água. **Conclusão:** Há necessidade de adaptação do processo de aprendizagem, compreender as características da PCD, traçar objetivos específicos e em muitos casos realizar trabalho individualizado, supervisionado pelo professor.

O ATENDIMENTO COMO FORMA DE ADERÊNCIA DO PÚBLICO IDOSO À PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA EM UMA SALA DE MUSCULAÇÃO

Luciana Helena Martins Ribeiro - Serviço Social do Comércio – SESC

lh2001@terra.com.br

Introdução: desde 2001, o SESC Campinas - SP tem à disposição de seus associados um espaço para a prática de exercícios resistidos mais conhecidos como musculação. Esta instituição possui um tradicional trabalho com o público da terceira idade e em Campinas esta realidade não é diferente. O processo de envelhecimento acarreta perda de força e massa muscular. Os exercícios resistidos são benéficos para este público, pois aumentam a força músculo-esquelética e a massa muscular, proporcionando assim uma melhora da capacidade funcional do idoso. O objetivo do programa é propiciar condições necessárias e seguras para que o praticante idoso sintam-se confortável e perceba que os exercícios resistidos não são apenas para jovens e que podem ser realizados por qualquer pessoa idosa com patologias ou não. **Metodologia:** o ambiente é limpo e tranquilo, os exercícios são direcionados levando em consideração o conforto, a segurança na execução dos movimentos, assim como, o estado de saúde do idoso no dia. **Resultado:** O atendimento deste público, na unidade do SESC Campinas, que tem a maioria desta população, concentrada no período da manhã, é realizado de forma que o idoso compreenda sua condição biológica, entenda sua patologia, se houver alguma, aumente seu contato social com outros idosos ou com pessoas de outras faixas etárias que também realizam seus treinos no mesmo espaço, apoio e acompanhamento na execução das atividades, se houver a necessidade. **Conclusão:** a atenção no atendimento, o acompanhamento com responsabilidade e a segurança são fatores importantes para que o idoso permaneça e sintam-se confortável em um programa de atividades físicas melhorando assim sua qualidade de vida e auto-estima.

ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA PRESCRIÇÃO INDIVIDUALIZADA SOBRE A EFICIÊNCIA DA PRÁTICA DA CAMINHADA EM ADULTOS

Marcelo Porto, Camila Tavanti, Danilo César Machado, José Antonio Zanqueta Júnior, Julio Augusto Gonçalves, Ligia Quinalha Benites, Luciana Aparecida Penão, Nathalia Thaize Tulio, Paulo Eduardo Ravazzi, Vânia Donizete Câmara, Walmir Borin.

Escola Superior de Educação Física e Desportos de Catanduva – SP.

marceloport@fafibe.br

Introdução: Atualmente muitas pessoas buscam nos benefícios da prática regular da caminhada a manutenção e melhoria da saúde e qualidade de vida. Objetivo: analisar o padrão de realização da caminhada com e sem acompanhamento profissional. **Metodologia:** Participaram do estudo 20 homens e 25 mulheres com faixa etária média de $55 \pm 5,7$ anos, praticantes de caminhada sem orientação profissional, submetidos a testes para avaliação do $VO_2\text{máx}$ por meio de teste de caminhada de 1.600 m (ROCKPORT WALKING, 1986), e controle da intensidade de treinamento por meio de monitoramento da frequência cardíaca por frequencímetros POLAR (*Polar Electro Oy – Professorintie 5 KEMPELE – Finland*) por um período de 8 semanas. **Resultados:** Foi observado que 70% (32 pessoas) exercitaram-se abaixo da intensidade adequada, com intensidade de treinamento de 48,9% do $VO_2\text{máx}$ e apresentavam nível de aptidão física ruim, 18% (8 pessoas) exercitaram-se acima da intensidade adequada com intensidade de 62,3 % do $VO_2\text{máx}$, apresentando nível de aptidão física abaixo da média e, apenas 12% (5 pessoas) exercitaram-se na faixa de intensidade adequada, caminhando a 58,6% do $VO_2\text{máx}$ e nível de aptidão física regular. Após nossa intervenção, foi aumentada a intensidade no grupo que exercitava-se abaixo da intensidade adequada e, após as 8 semanas de treinamento aumentou 18,2% os valores do $VO_2\text{máx}$ re-classificando sua aptidão física de ruim para regular. **Conclusão:** Foi possível concluir que a intervenção profissional foi efetiva no aumento da eficiência do treinamento melhorando a capacidade cardiorrespiratória do grupo estudado.

INFORMAÇÃO VISUAL E CONTROLE POSTURAL DURANTE A EXECUÇÃO DO USHIRO-GUERI NO KARATÊ: RESULTADOS PRELIMINARES

Natalia Silva Siqueira, Sérgio Tosi Rodrigues - Laboratório de Informação, Visão e Ação (LIVIA) - Universidade Estadual Paulista, UNESP
Campus de Bauru - nataliaedf@yahoo.com.br

Introdução: Para a execução do chute *ushiro-gueri* ser bem sucedida, informação visual é necessária para o controle do giro e deslocamento à frente, manutenção do equilíbrio e alcance do alvo. Os objetivos do presente estudo foram descrever a cinemática do tronco e cabeça no *ushiro-gueri*, verificar o efeito do nível de habilidade e da disponibilidade de informação visual no controle postural de karatecas, testar hipótese que associa a maior duração da fixação do olhar antes do início do chute (OQ) à melhor performance motora, e averiguar a validade de dicas dadas por professores de karatê sobre movimento dos olhos e da cabeça. **Metodologia:** Um participante experiente (faixa preta, segundo grau) e um participante iniciante (faixa verde) executaram o *ushiro-gueri* cinco vezes com os olhos abertos e cinco vezes com os olhos vendados. Dois marcadores fixados na cabeça e um em cada acrômio permitiram a reconstrução cinemática a partir das imagens em plano superior, enquanto o olhar era registrado nas imagens do plano frontal. **Resultados:** (i) o experiente mostrou-se mais estável nas duas condições para oscilações médio-lateral e antero-posterior; (ii) o iniciante teve períodos maiores de fixação do olhar, com a direção de seus chutes mais distante do alvo; (iii) ambos participantes iniciaram o giro do tronco antes do giro da cabeça na condição com visão; na condição sem visão ordem foi a mesma, mas a diferença entre esses dois giros foi menor. **Conclusão:** Os resultados sugerem que o experiente é menos dependente da informação visual. O período OQ do iniciante pode ter excedido a duração ótima para aquisição de informação. As dicas dos professores são relevantes na execução deste chute.

BENEFÍCIOS DO MÉTODO PILATES PARA A FAIXA ETÁRIA DE 25 A 50 ANOSPaula Zaniratto Giunta, FC- Unesp Campus de Bauru (paulinhazg@hotmail.com)Daiane Pescara; FC- Unesp Campus de Bauru (dai_ef@hotmail.com)

Milton Balesteiro Junior

Introdução: O Método Pilates é uma modalidade de exercícios de baixo impacto que são realizados usando aparelhos, bolas ou sem material. Consiste em um trabalho de força, concentração, equilíbrio, reequilíbrio muscular e realinhamento corporal e emocional. Foi criado por Joseph Humbertus Pilates, desenvolvendo o método primeiramente em bailarinos, trabalhando em academias de dança. Hoje a técnica é oferecida nas academias, com forte concentração do público alvo na faixa de 25 a 50 anos, em busca de redução dos riscos de uma futura lesão, alívio de dores crônicas e outros. **Objetivo:** Aplicar o método pilates em 20 adultos- 12 mulheres e 8 homens- com faixa etárias de 25 a 50 anos, buscando melhorias qualitativas aos indivíduos pertencentes ao estudo, proporcionando-lhes bem estar físico, psíquico e social. **Metodologia:** Observação direta das aulas em uma academia da cidade de Bauru/SP aplicando primeiramente anamnese e avaliação postural, em seguida exercícios de condicionamento, força, coordenação, flexibilidade, concentração; verificando, no período de 3 meses, quais os benefícios proporcionados à clientela estudada. **Resultados:** Em todos os indivíduos, verificou-se melhora nas condições físicas, flexibilidade, força, respiração e coordenação; não houve dificuldade na execução dos exercício, que gradualmente, foram executados dos mais simples para os mais complexos. Nas mulheres, percebeu-se que aquelas entre 40 e 50 anos, além da melhora física, desenvolveu-se muito mais o lado social, observando melhora do desempenho em função do convívio afetivo com professores e com os demais alunos. Quanto aos homens, restabeleceram a postura e tornaram-se mais concentrados e flexíveis. **Conclusão:** A integração mente-corpo causa um bem-estar geral. O trabalho utilizando o método Pilates proporciona uma melhora visível em adultos, tanto no condicionamento físico quanto (e principalmente) no desenvolvimento social. É necessário, no entanto, conhecer as características de cada aluno, para desenvolver um trabalho ainda mais benéfico.

EFEITOS DE UM PROGRAMA DE EXERCÍCIOS COMO COADJUVANTES AO TRATAMENTO DA HIPERTENSÃO ARTERIAL: RELATO DE CASO

Rafael Martins Andrade, Henrique Luiz Monteiro, Sandra Lia do Amaral. Laboratório de Avaliação e Prescrição de Exercícios (LAPE/Unesp). Departamento de Educação Física, Faculdade de Ciências, Unesp, Bauru, SP, Brasil.

rafamandrade@hotmail.com

Introdução: A Hipertensão Arterial é uma doença assintomática, que acomete 30% dos adultos e é caracterizada pela manutenção de níveis elevados de pressão arterial, o que contribui para aumentar a morbimortalidade cardiovascular, principalmente quando associada ao sedentarismo. O exercício físico (EF) regular tem sido utilizado como coadjuvante ao tratamento farmacológico da hipertensão, mas poucos estudos se atentam para o controle da dosagem de fármacos quando o tratamento está associado à prática regular de EF. Este trabalho teve por objetivo investigar os efeitos do EF orientado no controle da pressão arterial (PA) e da dosagem de medicamento antihipertensivo.

Metodologia: Aluna do “Projeto Qualidade de Vida”, 49 anos, hipertensa há 8 anos, que faz uso de combinação de 3 fármacos antihipertensivos (inibidor da enzima de conversão da angiotensina II, diurético e beta-bloqueador). O programa de exercícios consistiu de 3 sessões semanais de exercício aeróbio (caminhada) + flexibilidade, por 90 minutos (40-60% do VO₂máx), realizadas nas dependências do Departamento de Educação Física, Unesp/Bauru. A PA e a frequência cardíaca (FC) foram aferidas no início de cada sessão.

Resultados: Após 2 meses de EF, a aluna apresentou uma queda de 30 mmHg na PA sistólica (de 140 para 110 mmHg, 21%) e de 14 mmHg na PA diastólica (de 96 para 82 mmHg, 15%). Mediante estas reduções pressóricas, seu cardiologista reduziu a dosagem do medicamento em 50%. A PA e FC se mantiveram 110 x 82 mmHg até o final de 4 meses, mesmo com a redução do fármaco. **Conclusão:** Estes resultados sugerem que esteja havendo alteração estrutural induzida pelo exercício físico que contribui para reduzir os níveis pressóricos. Além disso, demonstram sua eficiência como coadjuvante ao tratamento farmacológico da hipertensão. Importante ressaltar que interação médica e educador físico podem resultar em importante parceria para o controle e tratamento da hipertensão arterial.

Apoio: PROEX

VELOCIDADE CRÍTICA COMO PREDITORA DA CAPACIDADE AERÓBIA EM NADADORES TREINADOS

Rafael Oliveira De Antonio¹; Milton Vieira do Prado Junior ¹; Marcelo Papoti ²; Alessandro Moura Zagatto³; Manoel Henrique Salgado¹; Universidade Estadual Paulista - Campus de Bauru¹; Faculdades Integradas de Bauru ²; Universidade Estadual Paulista - Campus de Rio Claro ³. rafael_deantonio1@yahoo.com.br

Introdução: Na natação competitiva, cada vez mais se busca relacionar testes invasivos pela análise lactacidêmica com não invasivos como a velocidade crítica (VC) disponibilizando aos treinadores maior acesso à monitoração e prescrição das intensidades de cargas apropriadas à maximização da *performance*. Objetivo: Observar a velocidade de nado (V) correspondente a capacidade aeróbio (CA) em concentrações variáveis de lactato sanguíneo ($[La^-]$) e a fixa em 4,0 mmol/L ($CA_{4,0}$), correlacionando CA com VC. **Metodologia:** catorze nadadores (cinco masculino e nove feminino, $16,1 \pm 2,3$ anos, $170,5 \pm 7,5$ cm, $60,9 \pm 8,6$ kg) com $6,1 \pm 1,9$ anos de natação competitiva, realizaram esforços (4 x 200 m) nado crawl (80, 85, 90 e 100%) da performance máxima em 200 m, com coleta de amostras sanguíneas (25 μ L) do lóbulo da orelha na pausa passiva (30s), para mensurar CA utilizamos o modelo bi-segmentado na relação $[La^-]$ vs V pelo aumento abrupto do $[La^-]$, e por interpolação linear determinamos $CA_{4,0}$. Após 24 h de intervalo executaram randomicamente *performances* máximas (100, 200, 300 e 400 m) nado crawl para determinação da VC (coeficiente angular) da regressão linear distância (D) vs T (tempo) nessas quatro distâncias (VC_4) e suas possíveis combinações de três (VC_3) e duas (VC_2) distâncias. **Resultados:** CA ($1,374 \pm 0,088$ m/s; $3,02 \pm 0,67$ mmol/L), $CA_{4,0}$ ($1,381 \pm 0,084$ m/s) e VC_4 ($1,322 \pm 0,100$ m/s). Correlação de ($p < 0,05$) foi utilizado para análise estatística, onde houve correlações significativas entre CA e VC_4 ($r = 0,85$), VC_3 - 100, 300, 400 m ($r = 0,86$), VC_3 - 100, 200, 400 m ($r = 0,83$), VC_2 - 100, 400 m ($r = 0,84$). **Conclusão:** Pelos resultados obtidos, a VC mostrou ser um teste invasivo fidedigno para mensurar a CA apesar de subestimá-la, onde pode ser determinada em combinações variadas de quatro até duas distâncias.

EFEITOS DA VELOCIDADE E DO TIPO DE TRAJETÓRIA NA ESTRATÉGIA DE FREADA

Renato Schiavon & Sérgio Tosi Rodrigues – Universidade Estadual Paulista – Campus de Bauru hanz171@yahoo.com.br

Introdução: Lee (1976) sugeriu que, em contextos de freada, as variáveis ópticas τ , que equivale ao inverso da taxa de dilatação da imagem do objeto na retina, e $\tau\text{-dot}$, sua primeira derivada no tempo, seriam responsáveis, respectivamente, por disparar a freada e regular a desaceleração até parar, independentemente da velocidade, distância e trajetória utilizadas. Especificamente, a manutenção do valor de $\tau\text{-dot}$ em $-0,5$ produziria uma freada segura. Os objetivos do estudo foram (i) testar a hipótese de controle visual da freada formulada por Lee (1976), em situações de distintas velocidades e trajetórias retilínea e curvilínea, (ii) descrever características cinemáticas e visuais do ciclista no início da freada e durante sua desaceleração. **Metodologia:** A tarefa realizada foi pedalar uma bicicleta partindo do repouso em três condições de velocidade (alta, média e baixa), reguladas pela variação da distância da fase de aceleração (23, 18 e 13m), e frear diante de um obstáculo estacionário nos 14m finais. **Resultados:** Os valores de $\tau\text{-margem}$ encontrados foram 1,69, 1,85 e 1,91 e $\tau\text{-dot}$ durante a fase de desaceleração foram $-0,577$, $-0,600$ e $-0,598$, respectivamente para as velocidades alta, média e baixa. **Conclusão:** Os resultados indicam que não existem diferenças na estratégia de freada nas condições retilínea e curvilínea, e que os ciclistas tendem a manter aproximadamente $-0.5 \tau\text{-dot}$. Os valores de $\tau\text{-margem}$ aumentam com a diminuição da velocidade. Os dados referentes à força aplicada no freio indicam que os ciclistas regulam a desaceleração no início da freada, sem que ocorram grandes variações de força até o fim do movimento.

Apoio: FAPESP

DETERMINAÇÃO DO LIMIAR DE FADIGA ELETROMIOGRÁFICO EM CONTRAÇÕES ISOMÉTRICAS CONTÍNUAS.Runer Augusto Marson¹; Mauro Gonçalves²

1-Anhanguera Educacional-Faculdade Fênix de Bauru, Departamento de Educação Física, Bauru – SP.

2-Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física, Rio Claro - SP.

e-mail: runer.marson@unianhanguera.edu.br

Resumo: **Introdução:** Algumas pesquisas têm evidenciado que o sinal eletromiográfico (sEMG) aumenta linearmente em função do tempo quando o músculo executa contrações isométricas fadigantes. Esta característica se tornou ferramenta para identificar o limiar de fadiga eletromiográfico (EMG_{LF}). Estudos mais recentes demonstram que músculo nem sempre apresenta esta linearidade, principalmente, quando submetido a aumento crescente e contínuo em contrações isométricas. O objetivo desta investigação foi identificar o limiar de fadiga eletromiográfico (EMG_{LF}) do músculo *biceps femoris (caput longum)* em contrações isométricas contínuas. **Metodologia:** Foram utilizados 10 participantes do sexo feminino (21 ±2 anos), sem antecedentes de doenças músculo-esquelética. Para captação do sinal foram utilizados eletrodos de superfície (Ag/AgCl) colocados sobre o músculo *biceps femoris (caput longum)*. Os participantes permaneceram em decúbito ventral, com o joelho a 90° de flexão. Para a obtenção dos sEMG utilizou-se o módulo de aquisição de sinais biológicos (Lynx) A contração isométrica voluntária máxima (CIVM) foi identificada nesta mesma posição através da célula de carga (Kratos). Foram utilizadas as porcentagens de 10, 20, 30 e 40% da CIVM. Para a determinação do EMG_{LF} os participantes executaram primeiramente uma tração na célula de carga referente à primeira porcentagem mantendo-a durante 20 segundos. Sem que ocorresse descanso os participantes executavam uma nova tração na segunda porcentagem de carga. O mesmo acontecendo para a terceira e quarta porcentagem de carga. Os dados foram ajustados por uma função sigmoideal e os pontos abaixo do ponto de inflexão da curva sigmoideal foram utilizados para a identificação do EMG_{LF} através de uma análise gráfica (log-log). **Resultados:** Os resultados demonstram que não houve diferença significativa ($p > 0,05$) entre os valores dos EMG_{LF} ($16,64 < EMG_{LF} < 19,64$) do músculo *biceps femoris (caput longum)*. **Conclusão:** Conclui-se que o protocolo proposto para a identificação do EMG_{LF} em contrações isométricas contínuas é favorável para a sua finalidade.

COMPARAÇÃO DOS MÉTODOS DE OBSERVAÇÃO ATRAVÉS DAS VARIÁVEIS MECÂNICAS DE NADO

Tatiana Zuardi Ushinohama¹; Rafael Oliveira De Antonio¹; Milton Vieira do Prado Junior¹; Marcelo Papoti²; Alessandro Moura Zagatto³; Manoel Henrique Salgado¹; Universidade Estadual Paulista - Campus de Bauru¹; Faculdades Integradas de Bauru²; Universidade Estadual Paulista - Campus de Rio Claro³.

tatianazuardi@globo.com

Introdução: As variáveis mecânicas de nado vem sendo utilizadas na natação como um excelente mensurador de *performance* competitiva. O objetivo do estudo foi investigar os métodos de observação das braçadas tendo como parâmetro a capacidade aeróbia (CA) das variáveis de braçadas. Os distintos métodos de observação analisados foram: o Nado Puro (NP) um método mais sofisticados que utiliza – se de filmagem, sendo coletado os dados dos 10m principais do nado (sem a impulsão das viradas) e o Nado Total (NT) que considera o percurso total, método mais prático e acessível ao treinador. **Metodologia:** Vinte nadadores (15,2 ± 3,1 anos) e dois anos em natação competitiva. Determinou – se a CA por Teste Incremental de velocidades (TI) com (4x200m) no estilo crawl nadados em piscina semiolímpica (25m), onde a CA correspondeu ao aumento abrupto do lactato (Lac) na relação Lac (mmol/L) vs. Velocidade (m/s), através de coletas sanguíneas (25 microlitros) na pausa de 40s entre os esforços. Os métodos de observações comparados foi NP, através de filmagem nos 10 metros centrais piscina e o NT foram realizados através de inspeção visual realizada por contadores de braçadas na durante o TI. O limiar foi determinado por interpolação linear na relação Lac vs as respectivas Freqüência de Braçadas (f_B), Comprimento de Braçadas (CB) e Índice de Braçada (IB), determinando desta maneira os limiares (Lf_B , LCB, LIB). **Resultados:** O resultado da CA foi de 1,329 ± 0,111 m/s; 3,24 ± 1,15 mmol/L. Os limiares das variáveis de braçadas em NP (Lf_B , 83,70 ± 10,51 ciclo/min; LCB, 0,98 ± 0,15 m/ciclo; LIB, 1,18 ± 0,19) e em NT (Lf_B , 61,42 ± 8,12 ciclo/min; LCB, 1,32 ± 0,21 m/ciclo; LIB, 1,79 ± 0,38). Não houve correlações estatísticas entre NP e NT ($p < 0,05$). **Conclusão:** Apesar da praticidade da avaliação pelo NT não mostra correlação significativa com o NP, por superestimar as variáveis de mecânicas do nado.

DEFICIENTES VISUAIS E VIDENTES ULTRAPASSANDO OBSTÁCULOS: RESULTADOS PRELIMINARES

Valéria Duarte Garcia, Sérgio Tosi Rodrigues – Universidade Estadual Paulista – Campus de Bauru – valduarteg@yahoo.com.br

Introdução: O presente estudo objetivou analisar o controle locomotor de uma tarefa de ultrapassagem de obstáculo e as alterações adaptativas deste controle, associadas à indisponibilidade de informação visual. **Metodologia:** Dois indivíduos com visão normal (respectivamente, idades de 41 e 27 anos, ambos com altura de 1,70 m) e dois indivíduos com deficiência visual (respectivamente, idades de 40 e 26 anos e alturas de 1,64 e 1,66 m) participaram deste estudo. Através de análise cinemática, as distâncias horizontal pé-obstáculo (DHPO), vertical pé-obstáculo (DVPO) e horizontal obstáculo-pé (DHOP) foram determinadas nas situações de disponibilidade de informação visual (videntes de olhos abertos, VC), indisponibilidade de informação visual temporária (videntes com olhos vendados, VS) e permanente (deficientes visuais, CE). **Resultados:** Valores de DHPO mostram-se mais elevados (70-90 cm) para CE1, em relação ao VC1 e VS1 (30-60 cm); diferentemente, os valores de DHPO foram semelhantes para CE2, VC2 e VS2 (20-50 cm). Os valores de DHOP não tenderam a diferenciar as condições dos quatro participantes, mostram variabilidade mais elevada (20-60 cm). Interessantemente, os valores de DVPO, caracterizaram a indisponibilidade de informação visual (CE e VS) com maiores distâncias (20-35 cm), enquanto que a visão disponível possibilitou execuções com menores distâncias (18-22 cm) e maior consistência ao longo das tentativas. **Conclusão:** Estes resultados indicam desempenho semelhante entre cegos e videntes com visão indisponível, o que reflete adaptabilidade à deficiência, apesar da ausência de variações ao longo das 30 tentativas.

APRENDIZAGEM OBSERVACIONAL DA PARADA DE MÃOS: MODELOS DE VÍDEO E MOVIMENTO BIOLÓGICO

Vânia Maria Castello, Sérgio Tosi Rodrigues – Laboratório de Informação, Visão e Ação - LIVIA - Universidade Estadual Paulista – UNESP – Bauru – pois_eh@hotmail.com

Introdução: Profissionais que ensinam habilidades motoras utilizam-se freqüentemente de demonstrações devido à praticidade e à facilidade de entendimento pelos aprendizes. Esse processo, conhecido como aprendizagem observacional, tem sido estudado para desvendar suas características e vantagens no ensino de habilidades motoras. A demonstração, no entanto, pode conter informações não relevantes para o aprendiz. A Técnica de Pontos de Luz exclui características potencialmente irrelevantes, mantendo a característica cinemática do movimento biológico do modelo. Este estudo testou a hipótese de aprendizagem motora similar entre os grupos de vídeo completo (VC) e pontos de luz (PL), com um modelo executando a parada de mãos, da Ginástica Artística. **Metodologia:** Dezesesseis participantes assistiram três vezes aos vídeos a cada bloco de 10 tentativas de prática. Dados cinemáticos foram obtidos e um índice de similaridade (IS) foi usado para medir o quão próximo ao modelo os aprendizes podiam executar. Os **resultados** indicaram que (i) os grupos VC e PL não executaram diferentemente nas fases de aquisição e de retenção; (ii) não houve melhora significativa no IS ao longo da fase de aquisição. **Conclusão:** A percepção visual do movimento biológico (PL) forneceu informação para executarem similarmente ao grupo VC, apesar do IS não ser reduzido durante a prática em ambos os grupos como esperado.

APOIO: CNPq/PIBIC

A INFORMAÇÃO DE TEMPO PARA CONTATO E ATERRISSAGEM DO SALTO MORTAL: RESULTADOS PRELIMINARES

Yara Machado da Silva, Sérgio Tosi Rodrigues
Laboratório de Informação Visão e Ação – LIVIA – Universidade Estadual Paulista –
UNESP – Campus de Bauru. yara@fc.unesp.br

Introdução: Na aterrissagem do salto mortal, o padrão do fluxo óptico vindo do plano do solo em aproximação, contém informação sobre o tempo remanescente até o contato (TC). A variável óptica tau (Lee, Young & Rewt, 1992), que especifica TC, equivale ao inverso da quantidade de dilatação da imagem óptica da superfície em aproximação na retina. O presente trabalho analisou a influência da visão no controle da desaceleração rotacional durante a fase de aterrissagem do salto mortal para frente da Ginástica Artística.

Metodologia: Participaram voluntariamente do estudo dois atletas de Ginástica Artística (um do sexo feminino, 20 anos, e um do sexo masculino, 28 anos), de nível nacional, com 12 e 15 anos de prática na modalidade, respectivamente. Após familiarização com o arranjo experimental, cada atleta foi filmado em vista lateral enquanto realizava quatro mortais, sendo dois com os olhos abertos e dois com os olhos fechados. A reconstrução cinemática do movimento possibilitou o cálculo da posição angular e da velocidade angular do movimento do corpo, representado pela linha ligava os marcadores da cabeça (têmpora) e tornozelo (maléolo). A variável óptica tau foi obtida pela razão entre posição angular e velocidade angular.

Resultados: O ângulo de aterrissagem (AAT) foi mais negativo na condição de olhos abertos. A velocidade inicial (VIN) alcançou magnitude próxima a 600 graus/s, que foi reduzida até o momento do contato dos pés com o solo (VAT) para magnitude próxima a 80 graus/s; a desaceleração rotacional no período foi expressiva. A condição com olhos fechados parece ter gerado respostas motoras muito mais variáveis.

Conclusão: Os valores de tau durante a fase final de desaceleração rotacional tenderam ao valor zero, conforme esperado. A influência da visão nesta tarefa ficou demonstrada pela diferenças observadas na condição de olhos fechados.

PROJETO DE GINÁSTICA LABORAL: TRABALHANDO COM O CORPO

Fernanda Marques Kuriki, Andréia de Carvalho Lopes, Beatriz Souza Pereira, Flora de Lima Monteiro, Daniel Noronha, Marcelo Miranda Prado, Júlio Wilson dos Santos – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Campus de Bauru – fer.kuriki@gmail.com

Introdução: A Ginástica Laboral foi trabalhada dentro do projeto “Trabalhando com o Corpo”, desenvolvido com os funcionários da Faculdade de Ciências da UNESP, Bauru. O objetivo do Projeto foi estimular a prática corporal dos funcionários através dos exercícios da Ginástica Laboral para prevenir possíveis doenças e lesões, corrigir a postura na realização das atividades do trabalho e do dia-a-dia e estimular a adoção de um estilo de vida ativo, além de proporcionar a sociabilização entre os participantes. **Metodologia:** As aulas ocorreram no bosque do campus e no pátio da Graduação da UNESP Campus de Bauru, durante o 2º semestre de 2006. A escolha do local ocorria de acordo com o clima e temperatura ambiente. Apesar da divulgação para todos os funcionários apenas cinco aderiram ao Projeto. Foi realizada uma avaliação onde os alunos assinalavam em um desenho do corpo humano as regiões que mais sentiam desconforto ou dores e relataram ao final do Projeto as alterações percebidas em função da participação no Projeto. Os materiais utilizados foram bolinhas de massagem, colchonetes, bexigas, bastões, rádio, slides, data show, retro projetor. **Resultados:** A maioria dos participantes ficou satisfeita com o Projeto, pois se sentiam mais dispostos para as atividades do trabalho. Houve mudança nos hábitos relacionados a postura e redução das dores localizadas que alguns sentiam. Alguns participantes declararam estar reproduzindo as atividades das aulas em casa com a família, praticando alongamentos por conta própria e deixando de tomar remédios para tensão muscular. **Conclusão:** Apesar do pequeno número de participantes, houve assiduidade e motivação nas atividades propostas. Os participantes consideraram satisfeitos com o Projeto, pois verificaram melhora nos aspectos físicos, psicológicos e sociais e serviu para estimular o hábito de praticarem o exercício físico com regularidade e efetuar as atividades físicas cotidianas de maneira correta, pelo menos durante a participação no Projeto.

Área: Educação Física Escolar e Ciências Humanas**OS (DES) CAMINHOS DA FORMAÇÃO INICIAL E AS INFLUÊNCIAS NAS AÇÕES PEDAGÓGICAS DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA.**

Amanda Luiza Aceituno da Costa (UEL-GEPEF/LaPEF); Ângela Pereira Teixeira Victória Palma(UEL-GEPEF/LaPEF0)
mandalucosta@hotmail.com

Introdução: A formação inicial que compreende um conjunto de saberes pedagógicos, científicos e específicos necessários para a docência tem o objetivo de aperfeiçoar, construir e reconstruir os conhecimentos equivocados e de senso comum que o estudante obteve antes de ingressar na universidade. Entretanto, será que o processo de formação inicial, a graduação em Educação Física, esta conseguindo chegar a esse objetivo? Tem-se como objetivo deste trabalho analisar se houve evolução no pensamento dos estudantes ao cursar a graduação em Educação Física sobre a finalidade da atuação profissional docente e dos saberes necessários para o exercício da docência em Educação Física quando analisados alunos ingressantes e concluintes da graduação e professores atuantes da escola. **Metodologia:** Este estudo foi realizado por meio de uma pesquisa de campo de cunho qualitativo. A coleta de dados aconteceu por meio de questionários contendo assuntos relacionados à docência que foram aplicados aos alunos ingressantes do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Londrina orientado pelas Resoluções CNE/CP 01 e 02/02, e concluintes do curso de graduação em Educação Física da mesma instituição, orientado pela Resolução CFE 03/87, em Educação Física dos três últimos anos da Universidade Estadual de Londrina e professores atuantes na educação básica da rede pública e privada de ensino. **Resultados:** Nota-se que o pensamento dos ingressantes e concluintes analisados na pesquisa, obteve mudanças pouco significativas. **Conclusão:** Conclui-se com base nos dados analisados que o currículo baseado na Resolução 03/87, não está conseguindo alcançar os objetivos da formação inicial, no que diz respeito à formação para docência, devido seu caráter generalista. E que a formação contínua dos professores atuantes não esta chegando a seus objetivos no que diz respeito a escola. O que se espera é que o novo curso baseado na resolução CNE/CP 01 02/02 alcance os objetivos no que diz respeito a Educação Física escolar.

A INCLUSÃO NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O OLHAR DOS EDUCANDOS.

Andréia de Carvalho Lopes deiatrinys@gmail.com; Prof^a Dra Marli Nabeiro
UNESP-BAURU

Introdução: O professor de Educação Física é um dos responsáveis pelo processo de ensino aprendizagem das habilidades motoras e esportivas de todos educandos, mas essa não é a sua única função, pois durante suas aulas ele transmitirá valores, novas maneiras de pensar e padrões de comportamento que serão utilizados por toda sua vida em sociedade, sendo ele o mediador entre alunos com e sem deficiência, através de suas atitudes positivas quanto ao ensino inclusivo. Os conteúdos da Educação Física são instrumentos utilizados no processo inclusivo dos educandos em toda sua fase da vida, pois durante a aula de Educação Física ele terá a percepção real de se sentir incluído ou não, já que passa por várias situações que irão despertar sentimentos como ganhar ou perder nos jogos, a cooperação, a independência entre outras situações que serão vividas por ele e seus colegas. O objetivo foi investigar como os educandos sem deficiência estão agindo diante da inclusão dos educandos com deficiência no cotidiano da Educação Física Escolar. **Metodologia:** Realizamos a pesquisa através de questionário semi-estruturado, aplicado a alunos da 2ª série na escola Dr. Carlos Chagas. **Resultados:** A Educação Física tem cumprido seu papel no processo de inclusão, pois observamos, através do relato dos alunos, a aluna com deficiência sempre participa das aulas com a ajuda dos colegas e que ela nunca atrapalhou a aula e o fato de tê-la na turma também não afeta o andamento das atividades diárias nem os conteúdos trabalhados, o que mostra que todos têm consciência das diferenças entre eles. **Conclusão:** O presente estudo nos mostrou que os educandos da 2ª série estão reagindo positivamente à inclusão, pois seus relatos foram positivos e suas atitudes também, pois todos declararam que gostam de participar das aulas de Educação Física e colaboram com a colega com deficiência.

LAPEF – Laboratório de Pesquisa em Educação Física

VOLUNTARIADO NOS JOGOS PAN AMERICANOS RIO 2007: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Anna Vanessa Curcio; Lucas Teixeira; Jaqueline de Castro Ishida; Luciana Sancinetti
Passeto Ramos

Depto. de Ed. Física – FC – Unesp Campus de Bauru

anninhavc@hotmail.com / anninha@fc.unesp.br

Introdução: Durante dezessete dias do mês de julho do ano de 2007, o Brasil foi anfitrião do maior evento esportivo das Américas. A cidade do Rio de Janeiro mostrou para o Brasil e para o mundo que o trabalho voluntário pode operar em um grande evento esportivo viabilizado por um Comitê Organizador que já vinha há cinco anos com a responsabilidade de realizar os jogos. Este trabalho tem como objetivo relatar o voluntariado nos Jogos Pan Americanos Rio 2007. **Metodologia:** Mesmo tendo atuado em diferentes áreas como transporte, comunicações operacionais e serviços aos expectadores, afirmamos que foi uma grande experiência não só profissional, mas para a vida. **Resultados:** Quanto à estrutura, pudemos perceber que não agradou nem todos os atletas e nem todos os expectadores, tanto nos locais de competição quanto nas instalações da Vila Pan Americana. Apesar do investimento do estado de 3,5 bilhões de reais, o treinamento e atendimento aos voluntários deixou a desejar, visto que se houvesse uma maior preparação teríamos mais qualidade na prestação de serviços. A melhoria na refeição dos voluntários também seria fundamental para bom desempenho e satisfação. Além da acomodação e transportes intermunicipais e interestaduais, que ficou por conta de cada voluntário, sendo o comitê responsável apenas pelo transporte na cidade do Rio de Janeiro. Com a realização do Pan, o Brasil ganhou credibilidade diante os outros países americanos, mostrando a capacidade de organização e infra-estrutura. Bem como houve crescimento notável no turismo e maior investimento no esporte, principalmente pelos resultados obtidos pelos atletas brasileiros. **Conclusão:** Podemos concluir que com o trabalho e competência dos voluntários junto ao comitê organizador, os Jogos Pan Americanos foram considerados os melhores da história. Entregamos ao Brasil e as Américas um novo padrão de eventos continentais e certamente vamos deixar um legado extraordinário para o esporte brasileiro.

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA AÇÃO: UM PLANEJAMENTO HIPOTÉTICO ABERTO ÀS POSSIBILIDADES.

Bruna Eliza Paiva; Mauro Betti

Departamento de Educação Física, Faculdade de Ciências – Universidade Estadual Paulista.

busjk@hotmail.com

Introdução: Após verificar inicialmente as contribuições da Semiótica de C. S. Peirce (1839-1914) para a Educação Física, como, por exemplo, a consideração de que os alunos são produtores de cultura e conhecimento por meio da *semiose*, bem como e a retomada do viver/sentir com a valorização da *primeiridade e da secundidade* (categorias da experiência), prosseguimos na busca de uma Educação Física na qual as teorias alcancem a prática. Neste trabalho, buscamos verificar de que forma os planejamentos de ensino podem contribuir para a Educação Física na ação. **Metodologia:** Esta pesquisa teórica fundamentou-se nos conceitos da Semiótica peirceana, na sua relação com as problemáticas da Educação Física, principalmente a Escolar. **Resultados:** Primeiramente, entendemos que o *método científico* é essencial para que condutas de um professor estejam atreladas ao conhecimento, pois a *ação* não diferencia o teórico do prático. Ainda, pelo fato dos alunos manifestarem diversos *signos* durante as aulas, compatíveis ou não à proposta inicial do professor, é importante que o professor não esteja fixo a um planejamento elaborado *a priori*, permitindo adequações para que assim seja respeitado o *fluxo de semioses* e intencionalidades dos alunos durante as experiências em aula. Para tal, é necessário que o professor saiba “ler” e interpretar os signos manifestados pelos alunos e compreender que suas *crenças*, estas que geram os hábitos e inclusive o fundamento de um planejamento, não são infalíveis, e, portanto, devem ser reavaliadas constantemente. **Conclusão:** Assim, para que a Educação Física fundamente-se na ação é preciso que o planejamento seja visto como *hipótese*, somente Real quando a experiência se concretiza. Por fim, novamente o professor deve estar aberto a novos direcionamentos em sua aula e possuir *repertórios* que atendam a estes novos signos que se manifestam, permitindo, assim, que os pontos de vistas dos alunos sejam considerados nas aulas.

GÊNERO E CORPOREIDADE: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

Carlos Henrique Castanha Ciampone. UNESP-FC Bauru. e-mail: carlofef@fc.unesp.br

Marcia Cristina Argenti Perez UNESP-FC Bauru. e-mail: mcaperez@fc.unesp.br

Introdução: Como o brincar é abordado na construção da identidade e formação social da criança. Trabalhar a corporeidade é uma questão que ainda causa desconforto na sociedade, pois como trabalhá-la, em um mundo onde já se encontra pré-fabricado um modelo de homem e de mulher. O presente trabalho objetiva-se em desenvolver uma investigação teórica acerca da análise das metodologias utilizadas no ensino da corporeidade nas aulas de ensino infantil e fundamental. **Metodologia:** Utilizar-se-á questões teóricas relacionadas ao “corpo-mundo” e ao “homem-mundo”, evidenciando a realidade de cada criança. Analisar-se-á as abordagens metodológicas utilizadas para a construção de atividades que permitam o desenvolvimento social, a democratização e a formação de cidadãos críticos, com as mesmas possibilidades para ambos os gêneros, sem que haja diferenciação dos mesmos. **Resultados:** Dentre os principais resultados temos: 1) a descrição de experiências bem sucedidas em escola de ensino infantil e fundamental que disponibilizam aos seus alunos atividades que não são classificadas por sexo e sim pela representação da liberdade de cada aluno sem que haja uma situação de constrangimento; 2) A literatura destaca os principais fatores para a formação de identidade no contexto das atividades escolares: a) a descoberta do corpo; b) a sua importância no mundo e da individualidade; c) suas atitudes; d) costumes; e) referências; f) exigências em sua casa e na escola. ; g) a separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física desconsidera a articulação do gênero com outras categorias, a existência de conflitos, exclusões e diferenças entre pessoas do mesmo sexo, além de impossibilitar qualquer forma de relação entre meninos e meninas; **Conclusão:** Em suma, concluiu-se que existe a possibilidade de refletirmos sobre a realidade estereotipada do gênero no contexto escolar e na necessidade de ampliação de práticas escolares para a construção de relações não-hierarquizadas entre homens e mulheres.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: TRANSFORMANDO A REALIDADE

Cláudia Helene Batista Ibrahim, Faculdade Orígenes Lessa, Claudia.Ibrahim@hotmail.com

Introdução: Este trabalho relata a experiência no estágio supervisionado no Ensino Fundamental na rede pública na cidade de Bauru/SP. Percebeu-se, durante as observações, a presença de comportamentos competitivos e até agressivos por parte dos alunos, influenciando negativamente no desenvolvimento das aulas. Diante desse quadro, ficou claro o compromisso, enquanto graduando e como futuro professor de Educação Física, com a necessidade de propor intervenções que pudessem transformar essa realidade. **Metodologia:** Os jogos cooperativos foram o principal referencial adotado, por sua proposta de diminuição da competição e valorização da cooperação. Partindo dos jogos tradicionais e dos esportes, reestruturando regras com a participação ativa dos alunos, problematizando, contextualizando, utilizando a literatura, foram criadas atividades que pudessem alcançar os objetivos propostos. **Resultados:** Inicialmente, essa mudança encontrou algumas resistências, talvez pela própria falta de experiências cooperativas, tanto dos professores como dos alunos. Contudo, as relações se tornaram mais construtivas, os conflitos diminuíram, e a participação aumentou. **Conclusão:** Desse modo, pode-se acreditar que apesar da pequena duração do estágio, as mudanças nas relações estabelecidas entre os alunos foram significativas, indicando que a continuidade de um projeto com esse tipo de abordagem pode trazer resultados ainda mais positivos a longo prazo. Esse tipo de experiência nos dá a certeza de que a prática de estágio é vital para a formação de futuros professores, considerando a intensa troca proporcionada.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Cláudia Helene Batista Ibrahim, Faculdade Orígenes Lessa, Claudia.Ibrahim@hotmail.com

Introdução: Deixar de pensar em inclusão é o mesmo que deixar de atualiza-se, negar uma evidencia que surge com o próprio desenvolvimento da sociedade. Este estudo é mais uma tentativa de provar hipóteses, é uma maneira de oferecer ao professor uma reflexão sobre o seu trabalho, para enriquecê-lo. As escolas e professores devem estar preparados para a realidade da inclusão, estando abertos às tendências que surgem na educação, como conhecer a realidade do aluno.**Metodologia:** Foram entrevistados 17 professores de Educação Física do Ensino fundamental da Rede de Ensino Público estadual da cidade de Bauru-SP. Foi elaborado um questionário com oito perguntas cujo tema principal é a prática pedagógica dos mesmos em relação à inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física.**Resultados:** A maioria dos professores relatou que apesar de terem em sua formação acadêmica a disciplina Educação Física Adaptada não se sentem preparados para trabalhar com todos os tipos de deficiência. e só o curso de libras oferecido pela divisão de Ensino de Bauru não é suficiente.**Conclusão:** De acordo com os professores entrevistados e através da pesquisa bibliográfica utilizada, concluímos que a inclusão de alunos com necessidades especiais na divisão de ensino de Bauru está longe de ser alcançada efetivamente. Em se tratando de cursos de formação, a mesma oferece apenas o curso de libras e ainda, este ã consegue alcançar um número suficiente de professores. Mas especifico á área de Educação Física, é necessário ter uma formação para lidar com outros tipos de deficiências, como física, mental e múltipla, para poder desenvolver estratégias condizentes para esses alunos sem excluí-los.

DISCUTINDO A CONSCIÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR A PARTIR DA TEORIA DA ATIVIDADE EM LEONTIEV

Cleber Barbosa da Silva Clarindo - UNITOLEDO-Araçatuba/SP

Irineu A. Tuim Viotto Filho – UNITOLEDO – ARAÇATUBA/SP

cleber_clarindo@hotmail.com

Com uma pequena **Introdução** vamos ver que não é de hoje as mazelas que se tem com as aulas de educação física escolar, disciplina essa que não tem seu devido lugar na escola no processo de construção de sujeitos conscientes, como transformar essa situação são umas das problemáticas desse projeto de pesquisa, além de questionar o processo de construção da consciência dos alunos integrantes das aulas de Educação Física Escolar no ensino fundamental. Para a consumação desse trabalho, dar-se-á como pressuposto a categoria da atividade de Aléxis Leontiev, pois o reconhecimento de tal teoria no processo de construção da consciência humana nos possibilita investigar conhecer a importância das aulas de Educação Física. Essa disciplina, pela suas características de se configurar como atividade coletiva e educativa na escola, nos possibilita compreender o quanto às aulas de Educação Física, se oriundas numa perspectiva dialética, poderão trazer condições favoráveis e que contribuir na construção da consciência crítica junto aos alunos dentro do ambiente escolar. Tem-se como **objetivo** principal discutir o papel do professor que se baseia na teoria da atividade na construção de suas práticas pedagógicas e para isso a **metodologia** utilizada será a elaboração de aulas de educação física para alunos do ensino fundamental respaldadas por essa teoria, procurando alisar o movimento da consciência desses indivíduos para a consciência crítica. Para a consecução dessa tarefa, assume-se a perspectiva dialética como a possibilidade de se compreender a disciplina educação física na totalidade da realidade escolar e afirmá-la como uma ferramenta imprescindível no processo de transformação dos seres humanos na escola. Por estar em andamento temos **resultado** parciais que já possibilitam a relação educação física e consciência, ainda não tendo **conclusões**.

A DANÇA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Cleidimar Alves de Sousa, instituição: Universidade Federal do Estado do Espírito Santo – UFEES e e-mail: cleidisousa@ig.com.br

Introdução: A proposta deste trabalho é de compartilhar com os profissionais de educação física, a experiência que se teve na aplicação da dança em turmas do ensino fundamental e médio da escola municipal Fraternidade Tabajara em Cariacica – ES. Baseamos nossa prática na proposta da mestra Dionísia Nanni em seu livro Dança Educação (1995), da editora SPRINT, que é da educação através do processo criativo, que possibilita a independência e liberdade do ser, pela autonomia e emancipação do mesmo. Neste trabalho pode-se observar quão gratificante foi verificar a participação e o envolvimento dos jovens no processo criativo das coreografias e a repercussão disso em suas vidas escolares. Mudança desde a melhoria da auto estima à melhoria das notas em outras disciplinas. **Metodologia:** utilizamos o sistema universal de dança – SUD, apresentado pela autora do livro dança educação (1995), em 30 jovens da turma de 5ª série da escola municipal citada, sendo 16 do sexo feminino e 14 do masculino, durante o ano de 1996. Foram monitoradas as notas obtidas em outras disciplinas e o relato aleatório de cada uma delas no decorrer do ano, em forma de depoimento escrito com até dez linhas a cada trimestre. No final do ano reunimos os depoimentos de cada uma e os relacionamos as melhoras mais marcantes. Comparamos as notas das outras disciplinas e sua evolução a cada trimestre. **Resultados:** percebeu-se que 70% dos 30 jovens apresentaram relatos de melhora de auto estima e auto confiança. Todas apresentaram melhoras nas notas em outras disciplinas. **Conclusão:** o objetivo deste trabalho era observar como a dança pode influenciar o comportamento das pessoas, porém concluímos que nossa metodologia foi muito evasiva para se chegar a alguma afirmação. Mas apresentou indícios de que de alguma forma a dança pode ajudar a melhorar o envolvimento e participação dos jovens nas aulas de educação física.

EDUCAÇÃO FÍSICA NA PRÉ-ESCOLA: DIFERENÇA NA APLICAÇÃO DE ATIVIDADES PARA A FAIXA ETÁRIA DE 2 A 6 ANOS

Daiane Pescara; Milton Vieira do Prado Junior (dai_ef@hotmail.com ;
profmiltonjr@hotmail.com)

LAPEF - Departamento de Educação Física-FC- Unesp Campus de Bauru

Introdução: A Educação Física na pré-escola contribui para o desenvolvimento de global das crianças. É importante adequar os estímulos e a prática pedagógica as características de cada faixa etária. **Objetivo:** Verificar alterações necessárias para o desenvolvimento de atividades na faixa etária de 2 a 6 anos nas aulas de Educação Física na pré-escola. **Metodologia:** Observação direta de aulas de Educação Física em uma pré-escola. Participaram do estudo 65 alunos na faixa etária de dois a seis anos. Os dados foram descritos para posterior análise. **Resultados:** Em relação à linguagem, constatou-se que crianças de 2 e 3 anos assimilam melhor o conteúdo quando a professor desenvolve as atividades, utilizando personagens imaginários a partir da demonstração da ação; o que não ocorre nas demais idades. Na relação aluno x aluno, o grupo de 5 e 6 anos demonstrou maior interação entre a sala, compartilhando atividades e objetos usados nas aulas, já no grupo de 2, 3, e algumas vezes no grupo de 4 anos, isso não aconteceu. Em relação aluno x atividade, foi possível trabalhar atividades coletivas com as crianças de 5 e 6 anos, enquanto no grupo de 2, 3 e 4, predominaram atividades individualizada. Quanto ao desempenho dos alunos, as tarefas aplicadas para o grupo de 5 e 6 anos foram movimentos combinados e desafiadores; já nas faixas etárias menores predominaram atividades de menor organização e grau de atenção. Na relação professor x aluno, com as crianças de 2 e 3 anos houve maior atenção, preocupação com instruções, demonstrações das atividades e auxílio de um outro professor. **Conclusão:** Podemos concluir que existem diferenças na aplicação de atividades para crianças na pré-escola, influenciadas por características desenvolvimentais da faixa etária, pelo nível de exigência da tarefa motora, do relacionamento aluno-aluno e na postura do professor.

Apoio: PROEX

TERCEIRA IDADE E DANÇAS POPULARES: RESGATE DA CULTURA DOS IDOSOS DO BAIRRO FERRADURA MIRIM DA CIDADE DE BAURU/SP

Daiane Pescara -Universidade Estadual Paulista – UNESP – Departamento de Educação Física (dai_ef@hotmail.com); Luciene Ferreira Silva - UNESP – Departamento de Educação (lucienebtos@ig.com.br); Flora de Lima Monteiro – UNESP – Departamento de Educação Física (floratletica@yahoo.com.br)

Introdução: A terceira idade é a última etapa do ciclo de vida do ser humano, sendo o processo de envelhecimento associado a limitações físicas, psicológicas e sociais. Além das perdas biológicas e sociais, o idoso passa a sofrer preconceitos, ser excluído. Porém, se bem direcionada, esta fase de vida, o permitirá viver de forma qualitativamente superior. A dança, por ter características lúdicas, manifestações artísticas e formas de comunicação pelo próprio corpo humano, auxilia o idoso nesse processo; praticada em grupo, ajuda a expressar as emoções, estimula a memorização e coordenação, além de ser um bom exercício físico e social. **Objetivo:** Proporcionar a um grupo de idosos, através do resgate da cultura da dança, conhecimento sobre si e sobre o outro, sobre a cultura individual e coletiva, ajudando na independência funcional dos indivíduos. **Metodologia:** São Participantes trinta idosos moradores do Bairro Ferradura Mirim da cidade de Bauru/SP, com relatos de conhecimento e vivência sobre danças populares adquiridas nos seus anos de vida. **Resultados:** Até o momento, contatamos os idosos, e propomos nosso projeto, focando e lembrando danças por eles já vividas. Dessa forma, foi possível resgatar uma cultura por eles esquecida, proporcionando-lhes benefícios como: conhecimento do seu corpo, reforço dos músculos e proteção das articulações, prevenção e combate de situações estressantes, melhoras do desempenho cognitivo, capacidade motora, memória, concentração, atenção, auto-estima e auto-imagem, além de desenvolver cooperação, criatividade e resgate da cultura desses idosos. **Conclusão:** Proporcionar através da dança, que idosos valorizem a vida, tenham mais animo e vontade de viver, faz com que os mesmos possam produzir frutos nessa etapa da vida, proporcionando-lhes bem estar físico, mental e social.

BRINCANDO DE KOPÛ KOPÛ (PETECA) NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM UMA PERSPECTIVA ETNO-CULTURAL

Denise Aparecida Corrêa (PEPGH - PUC/SP – SPQMH - NEFEF/UFSCar)

depiucorrea@iq.com.br

Introdução: este estudo partiu do desenvolvimento da temática da diversidade étnica na educação física escolar, possibilitando aproximação à cultura corporal indígena do povo Kalapalo na forma de jogos e brincadeiras, com intuito de promover conhecimento e respeito às diferenças étnico-culturais. Pretendeu-se enfatizar, o desenvolvimento de uma brincadeira genuinamente indígena, conhecida pelas crianças não indígenas por peteca, a qual entre os Kalapalo é denominada *Kopû Kopû*, confeccionada por eles com palha de milho. As crianças confeccionaram a peteca com folhas de jornal e papel crepom e vivenciaram a brincadeira da maneira que conhecem. Em seguida, foi proposto que brincassem como os Kalapalo (um jogador no centro da roda inicia o jogo, evitando que o brinquedo toque o solo, porém, quando isto ocorre, aquele que deixou cair recebe cócegas). Com o objetivo de identificar o que as crianças apreenderam com esta vivência, realizou-se a seguinte pergunta: “O que você aprendeu com a brincadeira *Kopû Kopû*?”. O estudo foi desenvolvido com 72 crianças, pertencentes à 2ª e 3ª séries do ensino fundamental de uma escola da Rede Pública Estadual da cidade de São Carlos/SP.

Metodologia e Resultados: As respostas foram submetidas à análise qualitativa, possibilitando a construção de cinco categorias, a saber: Conhecimentos relativos a: 1) Origem do brinquedo *Kopû Kopû*, (30 crianças); 2) Forma de brincar de *Kopû Kopû* do povo Kalapalo, (13 crianças); 3) Confeção do brinquedo pelo povo Kalapalo, (30 crianças); 4) Confeção do brinquedo por eles, (30 crianças); 5) Noção de respeito à cultura indígena, (3 crianças). **Conclusão:** Os dados sugerem que a experiência possibilitou o enriquecimento histórico-cultural, inclusive no que se refere à valorização da cultura indígena e ao respeito às diferenças étnico culturais, uma vez que as formas diferenciadas de confeccionar o brinquedo e mesmo de brincar se apresentaram como elementos bastante significativos nos relatos das crianças.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES LICENCIADOS ATUANTES NA ACADEMIA DE GINÁSTICA

Fernanda Rossi – UNESP-Bauru/Rio Claro-NEPEF – ferr_ef@yahoo.com.br
Dagmar Hunger – UNESP/Bauru-LESCHEF/Rio Claro-NEPEF – dag@fc.unesp.br

Introdução: A partir da evolução das necessidades da sociedade e do próprio conhecimento veiculado na área de educação física, o espaço de intervenção do profissional deste campo foi ampliado, passando a concentrar-se em outras áreas além do ambiente escolar formal. Como conseqüência, a área tem convivido com uma diversidade de interpretação acerca das habilitações do curso e da formação adequada de seus profissionais. Diversas teses demonstram que poucos graduandos da licenciatura pretendem seguir a profissão como “professores”, na acepção da palavra. A maioria cursa a faculdade visando atuar em áreas que não incluem a escola. Neste sentido, objetivou-se analisar os motivos que levaram os professores licenciados a atuarem na academia de ginástica e não no ensino formal da disciplina, e quais são suas percepções com relação ao campo de atuação em educação física. Como **metodologia** utilizou-se a técnica de entrevista semi-estruturada, coletando-se depoimentos de seis docentes atuantes numa academia de ginástica de Bauru e revisão da literatura abordando mercado de trabalho em educação física e diferenciação dos cursos em licenciatura/bacharelado. Os **resultados** evidenciaram que houve um equívoco para a maioria dos profissionais ao escolherem a licenciatura, pois não pretendiam atuar no ensino formal da disciplina. Atualmente não se consideram aptos a atuar na área escolar, no entanto, pretendem ou gostariam de ingressar na escola, principalmente pela segurança profissional e estabilidade financeira. Verificou-se ainda que na opinião da maioria dos docentes, tanto bacharéis como licenciados estão aptos a intervirem na academia de ginástica. Como **conclusão**, observa-se que os docentes desconsideram que a formação do professor tem uma especificidade própria que não pode ser ignorada, da mesma forma que a formação para atuar em outros segmentos da área possui suas particularidades. O diagnóstico do mercado de trabalho em educação física indica a necessidade de profundas mudanças relacionadas à formação e atuação profissional.

CONFIGURAÇÕES DA PREPARAÇÃO FÍSICA PARA O FUTEBOL NO BRASIL: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

Fernando Ianni – Universidade Estadual Paulista - Campus da Unesp Bauru.

fernandoianni@bol.com.br

Introdução: A preparação física (PF) independente do esporte que esteja se falando, tem como objetivo principal obter o rendimento máximo do atleta. **Objetivo:** Investigou-se especificamente, o processo histórico no que se refere a PF de jogadores profissionais de futebol masculino dos clubes Sport Club Corinthians Paulista, São Paulo Futebol Clube e Sociedade Esportiva Palmeiras, no período de 1970 a 2002. **Metodologia:** Realizou-se revisão da literatura referente às origens do futebol, ao processo inicial do treinamento esportivo e, especificamente, à PF para o futebol. Para complementar a pesquisa coletou-se depoimentos dos três preparadores físicos (PRF) das equipes profissionais que atuam nos clubes acima citados, através da técnica de entrevista semi-estruturada. **Resultados:** Constatou-se que: a) na década de 60, jogadores percorriam aproximadamente quatro quilômetros em uma única partida e, hoje, há relatos de jogadores que percorrem até 14 quilômetros; c) na década de 70 a PF baseava-se em corridas contínuas e, nos últimos anos, por corridas intervaladas e trabalhos resistidos (musculação) específicos para a posição do jogador em campo; d) o futebol é um esporte de caráter intermitente, onde a distância percorrida pelos jogadores em campo reflete as características da posição e de sua atuação, portanto, a necessidade de treinamento específico. **Conclusões:** A PF influencia diretamente no desempenho da equipe e, conseqüentemente, na classificação em determinado campeonato. Se na década de 1970 prevalecia a habilidade (técnica), hoje, a condição física passou a ser determinante. Portanto, o PRF é um dos principais responsáveis pelo sucesso/desempenho dos jogadores de futebol. Enfim, em decorrência das exigências do universo esportivo de competição mundial, hoje, o futebol apresenta-se configurado como um esporte-espetáculo, resultante num crescente rendimento físico dos jogadores, influenciado pelo avanço da ciência e da tecnologia e de um trabalho diferenciado, especialmente, do preparador físico.

Agencia Financiadora: CNPQ

A CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E AS CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA MERLEAU-PONTYANAFlávia Carneiro Franco UNESP/Bauru (flacfranco@hotmail.com)Marcelo Carbone Carneiro (carbone@faac.unesp.br)

Introdução: As ciências naturais interpretam a motricidade humana, que entendemos como o objeto da Educação Física como apenas um fenômeno físico, que é o deslocamento do corpo ou partes dele num determinado espaço. As ciências atreladas à Educação Física, tais como a Anatomia, a Fisiologia e a Biomecânica não possibilitam os professores pensarem os alunos como possuidores de um mundo vivido e cheio de intencionalidade, somente se pensa no movimentar do aluno como um “movimento já pré-construído e que precisa ser imitado”. Para a Educação Física o corpo não pensa, é pensado pela racionalidade científica, que objetiva o controle eficiente sobre o corpo e um aumento de sua eficiência mecânica. Betti et. al. (apud Bracht, 1999) discutindo o impacto da ciência para a área, afirma que tornou-se mais importante estudar os princípios biomecânicos, por exemplo, do que o próprio ensino do movimento. Portanto se ignora o próprio “mundo da vida” na valorização exacerbada da ciência, “daí a necessidade de ‘retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata” (BETTI et. al. apud MERLEAU-PONTY, 1999.p. 4).

Metodologia: Este trabalho foi realizado por revisão da literatura fundamentalmente através da tradição francesa de análise estrutural de textos. **Resultados e Conclusões:** Para Merleau-Ponty (1993, p. 3) a ciência deve ser construída sobre o “mundo vivido”, e se queremos pensá-la devemos apreciar seu sentido e alcance, já que ela não terá o mesmo sentido do mundo percebido porque ela é “uma determinação ou uma explicação dele”. Além disso, o filósofo afirma que a ciência, mesmo as humanas, foi constituída com base nas ciências naturais e marcada pelo “dualismo cartesiano”.

ALIANDO ATIVIDADES FÍSICAS E ENSINO: COLABORANDO COM A FORMAÇÃO DOCENTE

Flávia Maria Gomes. Unesp. fraarf@hotmail.com; Vinícius Tech Braga. Faculdade Fênix. viniciustech@bol.com.br

Introdução: Trabalhar conteúdos soltos de um contexto bem elaborado e explícito é fundamental para que a aprendizagem ocorra satisfatoriamente. A imagem de escola que fazemos é aquela onde alunos divertem-se na quadra e nos pátios e estudam nas salas. Na era dos hiperlinks, ainda é esta uma visão comum. Se os alunos sentem prazer em exercitar seus corpos desde simples caminhadas ou com jogos esportivos, é importante aliar estas atividades com aquelas onde exija maior concentração e raciocínio.

Metodologia: Pretende-se então sugerir que os professores elaborem formas de intervenção em que as atividades físicas auxiliem no ensino. Podemos sugerir como exemplo uma atividade realizada em aulas de Geografia. A professora propôs uma dinâmica onde dividiu os alunos em quatro grupos, colocando-os em fila na sala de aula. Eles recebiam uma pergunta e em grupos elaboravam a resposta. Em fila passavam uma bola de borracha onde os grupos que terminassem primeiro, tinham preferência.

Resultados: Na dinâmica observamos que o objetivo não era terminar a passagem da bola em primeiro lugar. Deveriam ter a resposta certa antes de tudo, senão de nada valeria o esforço do grupo. Ao leram as respostas todos estavam atentos às palavras pronunciadas pelo primeiro colocado, um deslize em sua resposta poderia ocasionar um chance para outros grupos. Saíram desta aula sabendo mais do que quando entraram, mas de forma atraente. **Conclusão:** As dinâmicas não servem somente como atividades físicas, ajudam o grupo a se conhecer melhor. Valoriza qualidades dos indivíduos e os aproximam pessoalmente. Ficar sentado na carteira o tempo todo durante as aulas não significa ensino-aprendizagem. É fundamental que os professores compreendam a positiva relação entre atividades físicas e o ensino que almejam alcançar e se a forma como chegam aos resultados esperados é prazerosa para seus alunos, os ganhos serão ilimitados.

FESTAS E CULTURAS NA TERCEIRA IDADE

Flora de Lima Monteiro - Universidade Estadual Paulista – UNESP – Departamento de Educação Física (floratletica@yahoo.com.br); Luciene Ferreira Silva -Universidade Estadual Paulista – UNESP – Departamento de Educação (lucienebtos@ig.com.br); Daiane Pescara - Universidade Estadual Paulista – UNESP – Departamento de Educação Física (dai_ef@hotmail.com)

Introdução: Neste estudo sobre lazer e festas e desenvolvimento sócio cultural de idosos moradores do Bairro Ferradura Mirim realizamos **Metodologia:** pesquisas bibliográficas e nos apoiamos em dados empíricos para caracterizar o grupo em estudo, quanto ao seu tempo social. **Resultados:** Constatamos até o momento que o tempo do idoso está relacionado ao estilo de vida da família, ou seja, das atividades acessíveis ao grupo, isto é, quando eles têm a oportunidade de usufruir o lazer em seu extenso tempo-livre no grupo social e na comunidade. As características do bairro (desfavorecimento sócio cultural afetivo e econômico e das condições de trabalho) nos levam a acreditar que os idosos sofreram exclusão social no âmbito do lazer ao longo das suas vidas, estagnando e limitando as atividades disponíveis no meio social e, neste estudo destacamos as festas. Portanto, objetivamos o resgate cultural das festas anuais da cultura do grupo para a vivência do lúdico e o desenvolvimento psicossocial e afetivo dos idosos. **Metodologia:** A iniciativa conta com a participação de aproximadamente trinta idosos, com idade acima de 60 anos, moradores do Bairro Ferradura Mirim da cidade de Bauru-SP, com relatos sobre o seu tempo de trabalho e o tempo livre antes da aposentadoria e o tempo social atual, além do contato com as festas populares durante as fases vividas anteriormente. O projeto foi aceito pela Proex e iniciado no bairro com a população especificada acima, está sendo viabilizado e já pudemos observar satisfação no envolvimento com o projeto de pesquisa – extensão. **Conclusão:** Além destes esperamos alcançar resultados quanto ao resgate da história dos idosos, sua cultura e manifestações lúdicas, ao “reviverem” as festas. Também pretendemos conciliar a reabilitação motora com a recuperação das atividades culturais, sociais e manuais dos idosos através do lazer e das festas.

PROJETO SORRISO: INTERVINDO EM UMA COMUNIDADE CARENTE

Guilherme Pinheiro Lima Gomes da Silva, Yara Machado da Silva, Flávia Carneiro Franco, Julio Alves Costa, Mikelli Balbinot Teixeira, Rafael Martins Andrade, Júlio Wilson dos Santos – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Bauru
yara@fc.unesp.br

Introdução: O Projeto Sorriso teve como objetivo estimular, através de atividades recreativas, o interesse pela prática de atividades físicas, promover uma melhor integração e sociabilização entre as crianças de uma comunidade carente e melhorar o desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais. Procuramos com as atividades lúdicas e recreativas desenvolver habilidades motoras gerais e melhorar a sociabilização e integração dos participantes. Esse projeto fez parte da disciplina de Programas de Atividades Físicas do DEF/FC, UNESP, Bauru. As atividades foram realizadas com os alunos da Instituição São Cristóvão, Bauru, SP, em oito aulas, 1h/aula, e desenvolvidas na rua da Instituição. **Metodologia:** Considerando a Educação Física como um componente importante na construção da cidadania, procurou-se desenvolver conteúdos da cultura corporal do movimento, dentre os quais: atividades cooperativas, musicais, competitivas e a iniciação as modalidades coletivas tradicionais (futsal, handebol, basquetebol e voleibol), sendo que na última aula as atividades foram propostas pelos próprios alunos, com base no conteúdo trabalhado. No decorrer do projeto tivemos alguns problemas com a disciplina, falta de espaço, materiais inadequados e a grande quantidade de alunos com idades variadas, que aos poucos foram contornados. **Resultados:** Avaliamos que o projeto atingiu parte dos objetivos propostos. Percebemos que, no decorrer das aulas, eles passaram a colaborar e a respeitar mais uns aos outros e a nós, professores. Também foi observado que os alunos demonstraram interesse pelos diversos tipos de atividade, solicitando a continuidade do projeto. A colaboração nas aulas foi sempre crescente, assim como a disciplina de uma forma geral. **Conclusão:** A prática da atividade física pode melhorar o nível de socialização e integração em projetos sociais. Portanto, cabe aos educadores e/ou responsáveis por projetos sociais oferecer a prática da educação física orientada aos participantes.

REFLEXÕES SOBRE O ENSINAR E O APRENDER HANDEBOL

Juliana Gomes Jardim e Dra. Lílian Aparecida Ferreira – Universidade Estadual Paulista
– Campus de Bauru – julianaajardim@yahoo.com.br

Introdução: A iniciação esportiva configura-se, na literatura especializada, como um tema bastante complexo; apresentando proposições teóricas diversificadas e, muitas vezes, até opostas umas às outras. Essa complexidade também se revela no contexto concreto da prática pedagógica, resultando, muitas vezes, em aprendizagens que podem comprometer valores defendidos para a formação humana, como: respeito, cooperação e autonomia. Considerando estes apontamentos, objetivou-se analisar o ensino e a aprendizagem do handebol em um projeto destinado a crianças e adolescentes (meninos e meninas) de 10 a 15 anos de idade. As aulas têm duração de 1,5h e ocorrem uma vez por semana. A **metodologia** utilizada se orientou por uma pesquisa de natureza qualitativa e usou como técnica de coleta a observação sistemática, orientada por roteiro dirigido. Foram analisadas dez semanas de aulas. Os **resultados** apontaram que: (i) As aulas eram planejadas previamente, após avaliação e análise da aula anterior; (ii) foram utilizadas metodologias de ensino de esportes coletivos através de jogos e também metodologias tradicionais, com predomínio das primeiras; (iii) os alunos evoluíram na execução de elementos técnicos e na capacidade de compreensão do jogo de handebol; (iv) não ocorreu situação de exclusão ou competitividade durante as aulas. **Conclusão:** No contexto estudado, o handebol é meio de promover a educação, visa desenvolver a corporeidade e não o corpo; seu foco está no processo e não no produto. Essa estrutura permite que os alunos adotem posturas crítico-reflexivas e modifiquem a maneira como sentem, pensam e relacionam-se com o esporte e as pessoas envolvidas na prática do mesmo. Constatou-se sucesso não apenas no ensino do handebol, mas também em propiciar o gosto pelo esporte. Construiu-se ambiente de respeito, inclusão e afetividade entre os indivíduos; independente de gênero, raça, classe social ou aptidão física, evidenciando que diferenças não precisam ser desigualdades; promovendo transformações sócio-culturais.

A EDUCAÇÃO FÍSICA E A VISÃO HISTÓRICO-CULTURAL: UMA CONCEPÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL E DA SOCIEDADE ALIENADA

Leonardo Dias Avanço – UNITOLEDO – (Leo_dias20@yahoo.com.br),
Irineu A Tuim Viotto Filho – UNITOLEDO – (Tuimviotto@gmail.com)

Numa perspectiva pautada na visão histórico-cultural defendemos a educação física na escola como uma disciplina que, além de superar seus aspectos históricos de visão de homem e mundo alienado e alienante, trabalhe com a finalidade de desenvolver a consciência crítica dos alunos com vistas à transformação da sociedade e superação do modo de produção capitalista. Como **introdução** de nossas análises buscamos revisões bibliográficas relacionadas à questão histórica da área para podermos ter parâmetros importantes para a discussão a ser realizada. Tendo em vista a necessidade de superação da alienação imposta pela sociedade contemporânea, através do mundo capitalista vigente, esse trabalho enfatiza a importância da educação formal em geral e da educação física em específico como instrumentos importantes de transformação da realidade. Estudando a dialética marxiana, definimos como **metodologia** de trabalho a realização de revisões bibliográficas dos principais pressupostos epistemológicos da educação física, tendo em vista a necessidade de compreender seu objetivo educativo e sua finalidade social. Diante destas revisões acerca da educação física, como **conclusão** até o momento o quanto essa disciplina precisa ser discutida e compreendida pelos próprios profissionais da área e isso implica rever os cursos de formação, de forma a possibilitar aos futuros professores de educação física uma visão ampliada acerca de uma epistemologia crítica para a área e respaldada na perspectiva histórico-cultural e no método materialista histórico e dialético, pois a partir dessa visão poderemos obter **resultados** agregados, difundidos e praticados em ações teórico-práticas voltadas à superação das relações sociais capitalistas e comprometidas com a construção de uma nova educação física para uma nova sociedade, uma sociedade mais justa e humana.

EDUCAÇÃO FÍSICA: ENCONTRO ENTRE AS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E HUMANAS

Letícia Rocha Duarte – UNESP Rio Claro
leled@uol.com.br

Introdução: A Educação Física possui uma História recente e seu início está atrelado às Ciências Biológicas ou as chamadas Ciências da Natureza. Nesta perspectiva, a Educação Física tratava do corpo, seus movimentos e expressões a partir de métodos positivistas. O corpo era quantificado. Observa-se, nas propostas contemporâneas dos pesquisadores, uma direção para a observação qualitativa do corpo e da cultura do movimento. Assim, a Educação Física aproxima-se das Ciências Humanas e amplia as suas possibilidades de investigação, além de conquistar maior legitimidade enquanto ciência. Quando os fenômenos da cultura de movimento são observados através de métodos precisos, matemáticos e mecânicos a fim de descrever um sistema de leis do mundo natural, como acontece no Método Positivista, existe a possibilidade de olhar o acontecimento apenas superficialmente. O profissional de Educação Física lida com o outro, com o sujeito. E esta realidade lhe atribui um discurso científico não somente fisiológico, mas também, psicológico, sociológico e cultural. As Ciências Humanas assumem, neste contexto, a responsabilidade de enriquecer as abordagens e observações sobre o corpo. Consideram que o corpo pertence à uma determinada sociedade, num intervalo do tempo Histórico, Político e que seus gestos são sempre dotados de significados construídos socialmente.

Metodologia: para o desvendar do corpo e, mais especificamente, da cultura do movimento corporal, para além de um olhar simplista e limitado do positivismo, é necessário adotar o caráter descritivo e qualitativo que a antropologia, sociologia, filosofia, pedagogia e até mesmo a lingüística traz como componente fundamental para uma nova maneira de observar a Educação Física e todos os seus complexos objetos de estudo.

Conclusão: A Educação Física atravessa por um momento contemporâneo de grande importância. A sua recente história permite observar mudanças em seus paradigmas, frente às novas maneiras de investigação e reflexão acerca de seu objeto primeiro: o corpo em movimento.

Apoio: Programa de bolsa de mestrado a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

A SISTEMATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E O PROFESSORManuela Pereira de Sousa – UNESP/BAURU - manuela-sousa@hotmail.comLílian Aparecida Ferreira – UNESP/BAURU - lilibau@fc.unesp.br

Introdução: A temática dos conteúdos de ensino encontra-se permanentemente em discussão. A sistematização dos conteúdos não pode ser estática e nem apenas baseada no programa escolar ou em livros didáticos como um conjunto de conhecimentos a se adquirir; ao contrário disso, o currículo deve ser dinâmico promovendo uma formação baseada em objetivos claros. Na Educação Física as propostas de sistematização para a escola estão baseadas na Cultura Corporal de Movimento, contudo a questão ainda se mostra bastante problemática na prática docente. Tendo em vista esta problemática o objetivo desta pesquisa foi analisar as propostas de sistematizações para Educação Física Escolar presentes na literatura. **Metodologia:** A referência metodológica utilizada foi a pesquisa qualitativa através de uma revisão bibliográfica. **Resultados:** Observa-se que são numericamente significativas as produções acadêmicas na área de Educação Física Escolar que buscam orientar a atuação dos docentes. Porém, parece que as mesmas não valorizam os conhecimentos advindos da prática docente e que muitas questões não são respondidas por elas: Como o professor utiliza o conhecimento científico? Como o professor resolve situações incertas e desconhecidas? Como elabora e modifica a sua rotina? Como o professor experimenta hipóteses de trabalho? Como utiliza técnicas e instrumentos conhecidos? Como os professores recriam estratégias e inventam procedimentos e recursos? Tais indagações apontam para recentes perspectivas de pesquisa que têm sido realizadas na formação de professores, qual seja: a de que o professor constrói um conhecimento “útil” que é acessado durante a sua própria ação, ou seja, que o professor ativa recursos intelectuais, elabora diagnósticos de situações, desenha estratégias de intervenção e prevê o curso futuro dos acontecimentos. **Conclusão:** Desta forma, sendo o professor possuidor de um conhecimento que é mobilizado e elaborado em sua ação pedagógica, o mesmo deveria atentar-se para criar as suas próprias sistematizações adequando-as à sua realidade.

INSERÇÃO DO PROJETO “COISAS DE CIRCO” EM UMA PRÉ-ESCOLA

Márcia Daniele L. Massa (gentemiuda@bauru.unesp.br); Silvana dos Reis Silva Mello (silvanacci@yahoo.com.br); Daiane Pescara (dai_ef@hotmail.com) FC Unesp Bauru

Introdução e Justificativa: A pré-escola tem papel essencial no desenvolvimento das crianças, destacando-se pelas funções sociais, culturais, contribuindo para formação dos cidadãos. Nessa fase, se dá início a construção do saber, onde a criança é inserida na sociedade, aprende valores, culturas. Trabalhar o tema Circo na pré escola, coloca a criança em um universo de fantasias, onde ela aprende de forma criativa, com alegria e prazer. **Objetivo:** Trabalhar, através do tema circo, diferentes eixos de aprendizagem e seus conteúdos, trazendo para as crianças novos conhecimentos. Proporcionar elevação da autonomia da criança, auto conhecimento, letramento dos alunos, maior conhecimento das habilidades motoras. **Materiais e Métodos:** O projeto está sendo aplicado em uma pré-escola na cidade de Bauru/ SP, com 125 crianças, da faixa etária de 4 meses, até 6 anos e 11 meses de idade; terá duração de 4 meses, onde serão trabalhados aspectos como: oralidade e escrita, natureza e sociedade, identidade e autonomia. Na área de Educação Física serão trabalhados aspectos como: desenvolvimento da coordenação motora e global, aprimoramento das habilidades motoras baseadas nas diversas apresentações circenses, atividades de lateralidade, equilíbrio, espaço, percursos, domínio de objetos; desenvolvimento da expressão corporal com mímicas, teatros, danças e mágicas, conhecimento de diferentes sons que envolvem atividade circense. **Resultados :** Até o momento, observamos observar grande aceitação das crianças em realizar brincadeiras e envolvendo atividades circenses. Em algumas atividades aplicadas, houve melhora gradual de equilíbrio, coordenação e noção de ritmo. Com as crianças a partir de 5 anos, pode-se aplicar atividades com maior complexidade de movimentos, e movimentos combinados. **Conclusão:** Trabalhar o tema “coisas de circo” na pré-escola está sendo satisfatório. Há maior assimilação do conteúdo pelas crianças quando estas “mergulham” no mundo de fantasias que o circo proporciona. É possível trabalhar componentes curriculares, de forma lúdica e de grande assimilação pelas crianças.

O ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: O DISCURSO DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DA CIDADE DE OURINHOS (SP)

Marco Aurélio Gonçalves Nóbrega dos Santos – Faculdade Estácio de Sá (FAESO) – Ourinhos (SP) – marcoarelio67@hotmail.com

Introdução: O presente trabalho investigou a visão que o professor de Educação Física que atua no ensino médio tem sobre a aplicação do esporte em suas aulas na escola. Buscamos identificar qual a concepção atribuída ao esporte e à competição; verificar qual sentido da prática esportiva neste contexto; conhecer se a aplicabilidade deste tema tem sido geradora de conhecimento. **Metodologia:** Numa pesquisa do tipo qualitativa foram coletadas informações a partir de uma Ficha Diagnóstica das escolas, adquiridas na Diretoria Regional de Ensino, além de uma entrevista semi-estruturada com esses profissionais. Uma pergunta geradora norteava a investigação: *Como você vê a relação Esporte / Educação Física?* As respostas obtidas foram interpretadas por meio da Técnica de Análise de Conteúdo, segundo Bardin (2004). O estudo consta de duas grandes etapas, sendo que na primeira está uma revisão bibliográfica sobre as questões que permeiam a prática esportiva na Educação Física escolar no ensino médio, e na segunda, o desenvolvimento metodológico desta pesquisa. **Resultados e Conclusão:** Os resultados apresentados apontam o esporte relacionado aos seguintes temas: esporte e educação, que declara uma falta de compromisso por parte dos docentes; esporte e saúde, que se configura com equívocos conceituais; esporte e competição, que demonstra uma ênfase na prática seletiva; esporte como um aspecto cultural, visto como fundamental na contribuição com a cultura da sociedade; esporte na perspectiva das modalidades tradicionais, definido como únicas perspectivas de prática pedagógica e esporte e inclusão, que revela a predominância das atividades exclusivas aos mais hábeis.

ESTUDO SOBRE A PRESENÇA DA DANÇA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO, MUNICÍPIO DE CATANDUVA – SÃO PAULO

Marcos Navarro (marquitorn@gmail.com); Prof. Ms. Liana Romera (liromera@uol.com.br)
Faculdades Integradas Fundação Padre Albino – Catanduva – SP

Introdução: O município de Catanduva – SP dispõe de dez escolas estaduais voltadas ao ensino médio. Percebe-se que, embora haja grande preocupação com relação a diversificação de conteúdos desenvolvidos nas aulas de educação física, poucas mudanças tem-se observado no sentido de tornar esta uma prática escolar que exceda o jogo desvinculado do sentido educacional. O conjunto de elementos da cultura corporal é parte integrante e fundamental da educação física, que possibilita abordar o ser humano em sua totalidade, rompendo com a velha educação mecanicista. Analisando mais especificamente a dança, elemento presente desde o início da evolução do homem, pelo qual ele se expressa, se satisfaz, se comunica (antes mesmo de falar), é fundamental que seja feito um trabalho efetivo junto aos educandos, numa proposta que considere a educação de corpo inteiro. O objetivo central deste estudo é aferir a presença da dança no currículo do ensino médio, bem como a forma como o tema é desenvolvido nas escolas públicas da rede estadual de ensino. **Metodologia:** Foi realizada pesquisa bibliográfica e de campo, através do levantamento do número de escolas e, posteriormente, aplicação de um questionário padrão junto aos professores de educação física, sendo seis do sexo masculino e quatro do sexo feminino. **Resultados:** Dentre as escolas pesquisadas, 40% não abordam o tema dança nas aulas. As justificativas são falta de interesse dos alunos e de espaço adequado para a prática. 20% das escolas estaduais desenvolvem a dança de acordo com as datas comemorativas, enquanto outros 40% abordam temas como folclore, danças populares, danças de salão e ginástica rítmica frequentemente. **Conclusão:** É possível afirmar que, embora seja fundamental o emprego da dança de forma contínua e sistematizada, nas aulas de educação física, os objetivos estão voltados apenas ao movimento reproduzido, limitando as composições coreográficas em datas comemorativas com fins em si mesmas.

A QUESTÃO DO GÊNERO NO HANDEBOL: REFLEXÕES A PARTIR DE DOIS CONTEXTOS DE ENSINO

Maria Angélica dos Santos Freitas - Faculdades Integradas de Bauru;
angelixon@yahoo.com.br; Naiara A. Santos (UNESP/Bauru) naiara_ab@hotmail.com;
Carlos H. C. Ciampone (UNESP/Bauru) carlofef@fc.unesp.br; Juliana C. Jardim
(UNESP/Bauru) julianaq.jardim@yahoo.com.br; Fernando Livramento de Sousa
(UNESP/Bauru) drums_sj@hotmail.com; Profa. Dra. Lílian A. Ferreira (UNESP/Bauru)
lilibau@fc.unesp.br

Introdução: Tradicionalmente o ensino dos esportes tem sido marcado por tipificações sócio-culturais, encaminhando as meninas para um determinado tipo de esporte e os meninos para outro. Em termos educativos tal postura pode inviabilizar possibilidades de aprendizagem com as diferenças. Neste sentido, o objetivo desse trabalho foi analisar a questão do gênero no handebol em dois contextos de ensino: no Proex / Handebol e na Educação Física Escolar. **Metodologia:** A pesquisa se orientou por um estudo exploratório, envolvendo entrevista semi-estruturada que foi realizada com nove alunos (seis meninos e três meninas). A coleta foi realizada por uma discente do curso de Educação Física da Unesp, que não fazia parte do grupo de estagiários. **Resultados:** Os dados apontaram que tanto os meninos quanto as meninas jogam juntos no Proex / Handebol já nas aulas de Educação Física Escolar somente 33% de meninos e de meninas dizem jogar. Para as meninas jogar junto com os meninos é positivo, pois estimula a buscar um melhor desempenho. Já para os meninos o jogo misto tem caráter mais lúdico, e se torna mais sério quando só ocorre entre eles. **Conclusão:** Com estes dados podemos tecer as seguintes considerações: estes meninos e meninas são mais abertos a jogarem juntos no Proex / Handebol que na Educação Física Escolar. Contudo, ainda parece estar incutido o preconceito de gênero e a dificuldade de aprender com a diferença.

SERVIÇO SOCIAL E A IMPORTÂNCIA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Luisa da Costa Fogari - Mestranda da Pós – Graduação em Serviço Social da Unesp de Franca (Bosista Capes/Mec), Discente em Pedagogia e Assistente Social.

luisafogari@terra.com.br

Profa. Dra. Martha Maria dos Santos - Docente do Centro Universitário Barão de Mauá e da Unaerp.

Introdução: O intuito deste resumo será compartilhar um estudo sobre Educação Inclusiva mediante a ótica do Serviço Social, realizado no Ensino Fundamental do município de Santa Rita do Passa Quatro. As propostas da educação inclusiva será atingir o âmbito escolar e social, portanto, a inclusão implica mudança radical, uma direção coesa da criança, escola e sociedade. A escola deve agir como meio de inclusão social para todos os indivíduos com necessidades educacionais especiais, mediante a crise de paradigmas, na pluralidade social, respeitando a diversidade e a diferença. **Objetivos:** O objetivo deste estudo foi fazer uma análise reflexiva sobre a evolução histórica referente aos “portadores de necessidades especiais”, enfatizando a inclusão escolar, como direito rezado na Constituição de 1988. Detendo-nos especificamente em identificar se os profissionais da educação estão preparados, os aspectos positivos e negativos da inclusão, verificando se há barreiras arquitetônicas e pedagógicas. **Metodologia:** O universo se constituiu de professores, diretores e equipe multidisciplinar (psicólogo, psicopedagogo, fonoaudiólogo e assistente social). A quantificação da amostra ocorreu por meio de sorteio de duas escolas santa-ritenses, de um número de dez constantes no universo, e a coleta de dados realizou-se através de entrevista semi-estruturada e pesquisa qualitativa. Resultados: Os resultados demonstraram que poucos alunos estão incluídos, não há materiais específicos, e capacitação profissional. Em relação as equipes multidisciplinares foi constatado, a falta de um número maior de professores de educação artística e física, especificamente ligados as atividades físicas adaptadas, com intuito de incluírem através da arte, lazer e esporte. **Conclusão:** Será importantíssimo o convívio que desperte consciência e valores igualitários, neste sentido, seria necessário o assistente social em âmbito escolar, junto das equipes multidisciplinares, usar de projetos sociais, garantindo a “cidadania plena”. A interdisciplinaridade solidificaria os laços inclusivos, dando qualidade ao atendimento dos portadores de necessidades especiais em âmbito escolar e social.

Este trabalho foi desenvolvido para o PIC (Programa de Iniciação Científica do Centro Universitário Barão de Mauá), em 2005 enquanto graduanda em Serviço Social.

ESTÁGIO DE HANDEBOL: IMPLICAÇÕES FORMATIVAS PESSOAIS

Mariane Benetti do Nascimento e Dra. Lílian Aparecida Ferreira
Universidade Estadual Paulista – Campus de Bauru
ma_tico@hotmail.com ou marief@fc.unesp.br

Introdução: Os estágios curriculares geralmente são cumpridos pelos graduandos como algo enfadonho e burocrático, desestimulando-os e comprometendo as contribuições formativas que eles poderiam oferecer. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi analisar uma experiência de estágio realizada em um projeto social desenvolvido em uma escola pública do município de Bauru/SP. **Metodologia:** As aulas foram observadas, seguindo um roteiro de orientação, ao longo de três meses. Os alunos eram de 5ª e 6ª séries, possuíam de 10 a 13 anos e eram divididos em uma turma feminina e outra masculina. A aula acontecia de sexta-feira, das 14 às 16 horas, sendo uma hora para cada turma, e era ministrada por um único docente. **Resultados:** 1) Afetividade entre professor-aluno; 2) A metodologia do conceito recreativo de jogo; 3) Planejamento e sensibilidade docente; 4) Sistematização das aulas; 5) Motivação dos alunos; 6) Evolução na aprendizagem dos alunos. **Conclusões:** No estágio evidenciou-se que o professor precisa dominar diferentes saberes: conhecimentos científicos, conhecimentos operacionais e conhecimentos tácitos/intuitivos que se relacionam diretamente com a afetividade, sensibilidade, estabelecimentos de metas, solução de conflitos, ingredientes estes só adquiridos no dia-dia da profissão. Neste sentido, o estágio realizado possibilitou uma rica vivência formativa, oferecendo informações importantes da realidade concreta do educador físico que ensina handebol para crianças e adolescentes. Um bom professor de Educação Física tem um papel precioso na história de cada aluno, mapear este cenário significa evidenciar elementos importantes na formação de novos professores.

CORPO, MÍDIA E PADRÕES DE BELEZA

Mariângela de Oliveira Zanin ; UNIFAIMI e UNILAGO;
mazanin@ig.com.br

Introdução: A aparência e a forma física conquistam cada vez mais importância na sociedade. A mídia, por seus diversos meios de comunicação, instrui as pessoas de como se deve manter o corpo em forma e na moda, as dicas de beleza e truques que devem ser utilizados para corrigir imperfeições da aparência física. Entretanto, tais investimentos em torno dessa busca pelo corpo ideal parecem contribuir para uma obsessão, uma alienação e um (des)encantamento do mundo. Numa preocupação em torno da construção desses corpos, o presente estudo buscou investigar quais padrões de beleza encontram-se em vigência na atualidade, como conquistá-los e os riscos que tais ideais de corpo podem trazer na visão de seus adeptos. **Metodologia:** Utilizou-se de pesquisas bibliográfica e de campo, onde 90 alunos do primeiro ano do curso de educação física foram questionados, dando seus depoimentos em torno dos cuidados e investimentos acerca de seu corpo, que personagem consideravam belo e se modificariam algum atributo natural em seu corpo. **Resultados:** Os dados, analisados qualitativamente, apontam que a maioria dos entrevistados mudaria alguma parte de seu corpo, se submetessem à cirurgias plásticas e, ainda, utilizam-se constantemente dos meios e produtos/artifícios advindos de todo um conjunto de mecanismos utilizados na ideologia midiática, para a obtenção de um corpo dito ideal. A maioria parece não perceber ou se importar com os riscos que tais investimentos podem trazer à saúde, reproduzindo valores de um corpo controlado, mutilado e submisso ao sistema vigente, imposto pela mídia. **Conclusão:** Conclui-se, portanto, que a preocupação com a aparência e a juventude chega a ser uma obsessão, a qual provoca uma permanente insatisfação com o próprio corpo no seu aspecto “natural”, direcionando as pessoas para uma interpretação e reprodução precárias das possibilidades do corpo, as quais precisam ser investigadas e (re)inventadas numa direção mais crítica e consciente.

DÊ MAIS UM PASSO, E, DANCE CONOSCO

Natália Soares Xavier de Barros, Educação Física-FC-UNESP-Bauru, nataliasxb@hotmail.com; Profª Drª Ana Flora Zaniratto Zonta, Educação Física-FC-UNESP-Bauru, anafloira@fc.unesp.br; Andrea Fumes Laperuta, Educação Física-FC-UNESP-Bauru, deia_lookinha@hotmail.com; Bárbara Soares Xavier de Barros, Educação Física FC-UNESP-Bauru, barbarasxb@hotmail.com; Bruna Soares Xavier de Barros, Sistemas de Informação-USC-Bauru, brunasxb@hotmail.com.

Introdução: A Dança surge com o Homem. Escolhemos pinçar instantes significativos dessa Linguagem, no passo a passo da História da Dança, na qual, estão registradas, ao redor do Mundo, as manifestações Culturais e Artísticas do Homem. Atrás da meta e do ideal da valorização do Ser humano, da acessibilidade da Arte para Todos, e, com o refletor focado na Dança, expressão carregada de sentido e emoções, é como este estudo está caminhando. **Metodologia:** Ancora-se na Estética da Recepção, metodologia que reúne elementos que edificam a Leitura Corporal e a gestualidade da Dança. **Resultados:** Os resultados estão condizendo aos objetivos iniciais: ampliar as possibilidades de reconhecer, por meio da Linguagem da Dança, a Linguagem Corporal, como ferramenta sócio-cultural-artística-educativa, uma vez que, a Dança é uma Linguagem Artística que se comunica por meio do corpo, e, é dona de um imenso vocabulário Acadêmico, Educativo e Popular. O estudo está sendo desenvolvido com pré-adolescentes e adolescentes do sexo feminino, cuja faixa etária é de 10 anos a 15 anos, moradoras de um Bairro da cidade de Botucatu-SP, cujo percentual de gravidez precoce está estimado em 30%. Esse público, não tem possibilidade de freqüentar as salas de Dança, em Academias e Escolas apropriadas. **Conclusão:** Espera-se que a proposta desperte um olhar aprendiz e crítico sobre esse corpo, ainda, tão imaturo, pois a Dança é um celeiro de ingredientes expressivos relevantes que permitem o conhecimento de si e do outro.

Aprovado quanto ao Mérito, sem solicitação de recursos financeiros;

Pró-Reitoria de Extensão Universitária-PROEX-UNESP

RELATO DE EXPERIÊNCIA: OLIMPÍADAS DO CAIC

Neusa Aparecida Mendes Bonato – UNESP – Campus de Araraquara; Prof^{fa}. Dr^a. Luci Pastor Manzoli – UNESP – Campus de Araraquara; Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar; neusabonato@hotmail.com ozilu@yahoo.com.br

Introdução: O esporte da escola pode permitir ao aluno o exercício da cidadania, que significa tomar parte, participar. E para participar do esporte é preciso saber, conhecer, analisar e refletir a prática esportiva. Com a possibilidade de desenvolvermos em nossos alunos a capacidade de perceberem-se dotados de uma cultura corporal repleta de significações, criamos a I Olimpíada Interna do CAIC, com a finalidade de oportunizar-lhes o acesso a novas experiências e aprendizagens para desenvolverem suas competências e habilidades de forma significativa e prazerosa. **Metodologia:** Envolvendo toda a equipe pedagógica da escola, o projeto teve duração de dois meses, onde foram discutidas e criadas as regras do evento com os alunos e professores, os objetivos da olimpíada, que começou desde a criação de bandeiras da classe, cerimonial de abertura, regras dos jogos, premiações e modalidades disputadas (Handebol, Queimada, Futsal, Tênis de Mesa, Dama, Xadrez, Luta de Braço masculino e feminino, Basquetebol e Voleibol misto, Dança e Capoeira como apresentação), onde cada aluno participou em pelo menos uma modalidade, dividido em chaves de 5^a e 6^a séries, 7^a e 8^a séries e 1^a série do ensino médio. **Resultados:** Na abertura, tivemos desfile das classes e apresentação das respectivas bandeiras, apresentação do grupo de Ginástica Geral da SELT e jogo de Futsal masculino entre professores e alunos da 2^a série do ensino médio, dando início aos jogos que aconteceram durante duas semanas, no horário das aulas. Após o encerramento, foi realizada uma avaliação junto aos alunos e a equipe pedagógica da escola, com o objetivo de elencar os aspectos positivos e negativos, resultando na realização da 2^a edição do evento no ano seguinte. **Conclusão:** Para nós, professores de Educação Física, foi possível compreender o quanto o trabalho em equipe, a cooperação e a prática pedagógica reflexiva são importantes, quando planejamos algo e percebemos-nos capazes de realizá-los.

ADAPTAÇÕES REALIZADAS NO PROGRAMA DE TREINAMENTO DE COLEGAS TUTORES

Patrícia d'Azeredo Orlando – LAPEF – Unesp Bauru, Marli Nabeiro -LAPEF- Unesp Bauru
titalando@ig.com.br

Introdução: No final do ano de 2006 iniciamos uma pesquisa na Unidade Escolar Dr. Carlos Chagas intitulada A inclusão e a educação física: estratégias de ensino, o professor e o tutor. A pesquisa, ainda não concluída, tem como objetivo identificar como está ocorrendo o processo de Inclusão nas Aulas de Educação Física, com enfoque: na atuação do Professor; na construção das Estratégias de Ensino deste educador; e a Aplicação da Estratégia de Ensino do Colega Tutor. Fazem parte desta pesquisa crianças de 7 a 9 anos do sexo masculino e feminino com e sem de deficiências. **Metodologia:** Primeiramente foram filmadas 5 aulas que são consideradas como dados originais. Após esta primeira etapa iniciamos o trabalho com os alunos que seriam os tutores utilizando para isto o programa de treinamento de colegas tutores. Porém, encontramos dificuldades para aplicar o programa de treinamento devido à idade, nível de alfabetização e ao número de alunos na turma, e assim tivemos que adaptar a forma de treinamento e as palavras para que conseguíssemos o entendimento das crianças e assim alcançar nosso objetivo. **Resultado:** Depois de um estudo sobre quais seriam os principais itens a serem trabalhados no treinamento elaboramos desenhos de fácil compreensão que os alunos pudessem pintar e assim conseguimos chamar a atenção dos alunos para a forma de ajudar, ou seja, de ser um colega ajudante. Acreditamos que as atividades quando são colocadas em forma de trabalho, despertam um interesse, as crianças mostraram-se muito conscientes de suas tarefas e ter compreendido como ajudar um colega cadeirante. **Objetivo:** Portanto, o objetivo deste trabalho é apresentar quais foram as modificações realizadas neste Programa de Treinamento de Colegas Tutores para que assim atingíssemos o objetivo com as crianças que fazem parte da pesquisa. **Conclusão:** Concluímos que os desenhos tiveram grande importância para o bom resultado do treinamento

COOPERANDO AS COISAS MUDAM DE LUGAR, E QUEM PERDEU PODE GANHAR

Sandro da Silva Sandri, Faculdade Orígenes Lessa, sandro_72sandri@hotmail.com

Introdução: Aproximar teoria e prática desenvolvendo possibilidades que atribuímos à Educação Física Escolar. Compreender e transformar manifestações de apatia, individualismo e agressividade em ações conscientes para o desenvolvimento individual e coletivo, adotando uma concepção emergente como os jogos cooperativos, foi o desafio aceito por acreditar que ser professor é poder desenvolver habilidades e competências para transformarmos a sociedade a partir de nossa realidade. Essa vivência se deu no estágio supervisionado, com quatro turmas do ensino médio em uma escola da rede pública, na cidade de Bauru/SP. **Metodologia:** A filosofia dos jogos cooperativos foi adotada por possibilitar formas de interação mais construtivas, favorecendo a participação de todos, a consciência coletiva e o respeito mútuo. Estimulando o envolvimento dos alunos na criação de estratégias que valorizam o coletivo, refletindo e contextualizando, oportunamente, situações-problema, ampliam-se as possibilidades de desenvolver as potencialidades de cada um. **Resultados:** Apresentar uma filosofia que seja diferente do que se está acostumado gera algumas resistências, talvez pela própria falta de experiências de natureza cooperativa. No entanto, a cada nova aula as interações se tornavam mais construtivas, os conflitos diminuía, a participação aumentava em quantidade e qualidade. Os indivíduos se tornaram mais crítico-conscientes por compreenderem que a igualdade de oportunidades independe do desempenho técnico. Assim, podem assumir o papel de protagonistas de suas próprias histórias. **Conclusão:** Pelo vivenciado no estágio pode-se afirmar que a abordagem utilizada foi adequada. Os alunos passaram a respeitar o estagiário pelo seu comprometimento com o projeto e com as pessoas envolvidas nele. As mudanças nas relações entre os alunos e a forma de encarar a construção do conhecimento foram significativas, indicando que a médio e longo prazo esse projeto poderia trazer resultados ainda mais positivos.

A IMPORTÂNCIA DA MÍDIA ESCRITA NO CONHECIMENTO POPULAR SOBRE EMAGRECIMENTO E A PRÁTICA DA ATIVIDADE FÍSICA

Tatiana Pereira Alves, Carla Priscilla Nogueira da Silva, Mariana Craide, Luis Mochizuki.
Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP,
Brasil. tatiana86@usp.br

Introdução: A mídia popular é parcialmente responsável por criar objetivos de peso e corpo irreais para mulheres jovens e adolescentes e perpetua mitos acerca das dietas e dos exercícios através de informações deturpadas principalmente em revistas de boa forma e saúde. O trabalho tem como objetivo realizar a análise de conteúdo de matérias sobre emagrecimento/obesidade contidas em revistas de divulgação não científica sobre atividade física e saúde. **Metodologia:** Dois examinadores selecionaram 342 artigos relacionados ao tema obesidade/emagrecimento em 37 exemplares de uma revista mensal sobre atividade física, boa forma e saúde entre 2004 e 2006. As matérias foram divididas em: alimentação, treinos, relatos e dicas. **Resultados:** Dos artigos analisados, 57,9% apresentam dicas sobre emagrecimento e atividade física, 28,0% são relatos de leitoras ou mulheres famosas sobre como elas lidaram com o problema do sobrepeso, 8,2% prescrevem tipos de treinamento físico para a redução da massa corporal e 5,9% descrevem diferentes tipos de dietas. **Conclusão:** A partir da leitura dos artigos selecionados, notamos que a maioria dos artigos se refere às dicas para o emagrecimento e atividade física. A importância ressaltada às experiências pessoais e as dicas não baseadas em evidências científicas reforçam o baixo nível crítico da informação disponibilizada, isso sugere que a leitura do texto deve ser rápida e de fácil compreensão, para um público leigo. Por outro lado, pode servir para criar um ambiente crítico no meio acadêmico se bem conduzido pelo professor.

A REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL: ENTRE A DIVERSÃO, A EDUCAÇÃO E A PROFISSÃO

Waldemar Maritan Jr ¹, Paulo Vitor Leonardi¹, Wilian de Castro Seidel¹, Marden Bitar¹,
Mariângela de Oliveira Zanin²; UNORP¹; UNIFAIMI E UNILAGO²;
mazanin@ig.com.br

Introdução: O profissional de educação física desempenha um papel fundamental na apresentação para a criança do universo desportivo. O futebol, nesse contexto, apresenta-se como um fenômeno, uma entidade sociológica que produz, reproduz e veicula significados públicos na população. Nessa perspectiva, o objetivo dessa pesquisa, de natureza qualitativa, foi mostrar como se processa o futebol na concepção das crianças, o que esse esporte representa para elas, qual a expectativa delas em torno dessa prática corporal e social. Como **metodologia**, uma amostra composta por 25 sujeitos de uma escolinha de futebol, do sexo masculino, com idade entre 8 e 12 anos, responderam a um questionário que indagava-os sobre os motivos que os levaram a escolher uma escolhinha de futebol, suas expectativas em torno dessa modalidade esportiva. Os **resultados**, a partir dos dados coletados e analisados apontam que as crianças criam para si perspectivas de um futuro melhor por meio do futebol, pois os mesmos o associam a: um distanciamento de drogas e bebidas, a força de vontade para vencer obstáculos, a melhores condições financeiras para si e para a família, ao sucesso e a diversão para quem assiste. **Conclusão:** Nota-se, portanto, que o futebol representa um misto de possibilidades, onde diversão, educação e uma possível profissão podem ser conquistadas por meio desse investimento que essas crianças fazem em torno da modalidade esportiva denominada futebol.

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOMOTRICIDADE NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DAS CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Wellington da Silva Briza; Denise Ivana de Paula Albuquerque. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia Campus de Presidente Prudente. E-mail: varty_briza@hotmail.com.

Introdução: A Educação Física como disciplina sistematizada e regulamentada do componente curricular, atende as dimensões relacionadas ao conhecimento do ser humano englobando os aspectos cognitivos, afetivos e motores. A Abordagem Psicomotora através da educação pelo movimento, foi à primeira a incluir o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social como uma das preocupações nas aulas de Educação Física, sem depreciar, a aprendizagem das habilidades motoras. **Objetivos:** O presente estudo elegeu como objetivos a integração da teoria à prática nas aulas de Educação Física para os anos iniciais do ensino fundamental, através da vivência corporal no contexto educacional; desenvolver um trabalho específico da área psicomotora da Educação Física que proporcione o desenvolvimento integral (cognitivo, afetivo e motor); promover um conjunto de ações pedagógicas e científicas significativas para a Educação Física escolar. **Metodologia:** A pesquisa foi desenvolvida com um grupo de vinte e nove crianças da 1ª série dos anos iniciais do ensino fundamental, na escola EMEIF Prof. Ditão de Presidente Prudente. Foram realizadas duas sessões semanais de quarenta e cinco minutos. Foram adotadas aulas não-diretivas, empregando como conteúdos específicos os jogos populares, simbólicos, e de regras para possibilitar o desenvolvimento integral. A avaliação psicomotora de Oliveira (2003) foi adaptada para mensurar o desempenho de dois aspectos psicomotores, o esquema corporal, e o equilíbrio dinâmico e estático. Os dados foram tratados estatisticamente por meio do *Teste t de student dependente* e o nível de significância foi estabelecido em $p < 0,05$. **Conclusão:** As crianças apresentaram um desenvolvimento estatisticamente significativo em relação aos aspectos psicomotores: esquema corporal, e equilíbrio estático e dinâmico, o que leva a considerar que através do protocolo de aulas não-diretivas, é possível subsidiar uma proposta metodológica, com a utilização de conteúdos que tratem de jogos populares, simbólicos e de regras nas aulas de educação física das séries iniciais do ensino fundamental.

GINÁSTICA ARTÍSTICA: CONVIVENDO COM O INABITUAL

Yara Machado da Silva, Flávio Arantes da Silva, Cleusa Medina Custódio Alves –
Faculdade de Ciências da Unesp, Campus de Bauru.

yara@fc.unesp.br

Introdução: O projeto de “Ginástica Artística (GA): Prática de atividades psicomotoras” é um projeto de extensão universitária que atende crianças de 6 a 13 anos, na Unesp, Campus de Bauru. A prática da GA possibilita aos praticantes conscientização geral da existência do corpo e dos deslocamentos em um espaço avaliados e controlados. A GA possui enorme variedade de movimentos motivantes, despertando o prazer da execução, além de estimularem atenção e reflexo. Nesse sentido, busca-se desenvolver um programa contemplando os elementos básicos da GA, utilizando-se de suas formas naturais; trabalhar a educação global através do movimento; melhorar a relação da criança com seu próprio corpo; permitir a descoberta de diversos segmentos e jogo de articulações. O projeto busca aplicar uma prática esportiva onde as atividades psicomotoras sejam integradas no sentido de favorecer o desenvolvimento da criança; proporcionar aos participantes, a possibilidade de intervir e desenvolver suas habilidades, personalidade e coordenação motora. **Metodologia:** Nas aulas visa-se enfatizar, primeiramente, que a criança explore o material posto à sua disposição, apossando-se dele, adaptando corpo e gestos a ele, de modo a transformá-lo em um instrumento de sua própria habilidade. Dessa forma, a GA se tornara um instrumento da educação total, entendida como uma prática educacional inserida em um projeto pedagógico global, conjugando a formação intelectual, social, moral, psicológica e motora, contribuindo para a formação da criança, respeitando as fases do seu desenvolvimento. **Resultados:** Constatou-se que os elementos executados motivaram os alunos a descobrirem suas capacidades, conhecerem suas possibilidades e transformaram simples elementos em grandes habilidades. **Conclusão:** Por ser uma atividade inabitual e motivante as crianças se mostram sempre dispostas e interessadas em descobrir novas formas de movimento e nas aulas. De acordo com as observações verifica-se uma melhora na amplitude dos movimentos, da coordenação, do equilíbrio, bem como uma melhor interação, socialização entre eles.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM BAURU: UMA VISÃO DOS PRÓPRIOS SUJEITOS QUE ATUAM EM ESCOLAS

Beatriz Souza Pereira beatrizsouper@hotmail.com, Profa. Dra. Luciene Ferreira da Silva luciene@fc.unesp.br.

Introdução: Neste estudo se buscou verificar a compreensão dos professores de Educação Física sobre o seu processo de formação em nível de graduação e de formação continuada, tendo em vista a precariedade com que a Educação e a Educação Física escolarizadas vem se desenvolvendo. Pelo envolvimento com altos índices de fracasso escolar cogitou-se neste estudo que a auto – estima, bem como a desmotivação pudessem comprometer ainda mais as ações educacionais dos sujeitos, no caso dos educadores da área da Educação Física. O estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla, em desenvolvimento, para conclusão do curso de licenciatura em Educação Física na UNESP – Bauru. **Metodologia:** Em campo, foram utilizados questionários sobre formação e atuação profissional, que foram aplicados aos professores de Educação Física de diferentes instituições: privadas, municipais e estaduais da cidade de Bauru entre os meses de julho e agosto de 2007. Além da pesquisa de campo, paralelamente foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre formação profissional de educadores e em Educação Física. **Resultados:** Até o presente momento os dados coletados permitem afirmar que os professores encontram-se insatisfeitos com o sistema de ensino (escola) e sua preparação acadêmica básica, sem, no entanto, se mostrarem desmotivados a ponto de abandonarem a profissão, permanecendo a idéia inicial do apreço pela carreira e realização pessoal. **Conclusão:** A imagem que os professores demonstraram ter de si próprios é a de que são “salvadores”, os redentores, capazes de curar os males da sociedade, os agentes capazes de mudar, os responsáveis pela qualidade do ensino e sucesso do aluno, ou seja, desconsiderando-se a necessidade de reestruturação e investimento social na educação e na economia de forma efetiva, no país, que leve à valorização docente, melhoria na qualidade na formação dos professores para que tenham subsídios suficientes para corresponderem às necessidades suas e da sociedade.